

Semanário

Director:  
António Dias Lourenço

Ano 53 - Série VII - N.º 609  
29 de Agosto de 1985  
Preço: 40\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

# Faltam 8 dias para a Festa!

6,7 e 8 Setembro 1985 - Alto da Ajuda



Brevemente à venda o **Programa da Festa**, em formato de revista, incluindo toda a informação necessária aos visitantes, nomeadamente os horários dos espectáculos, a planta da Festa e outras informações úteis.

Os últimos dias de trabalho  
no Alto da Ajuda  
vão ser decisivos  
para o êxito da Festa!

## Vender a EP



A Conferência Nacional do PCP, realizada sábado passado em Sacavém, definiu a acção dos comunistas na campanha eleitoral que se avizinha

## Reforçar a APU para um novo rumo no caminho de Abril

Uma viragem democrática, um novo rumo da política portuguesa no caminho de Abril, a formação de um governo capaz de resolver os problemas nacionais, **depende de uma votação em massa na APU** — única força cujos representantes na Assembleia da República e no Governo a formar, dão total garantia de defender as conquistas de Abril, os direitos dos trabalhadores e os interesses do povo e do País.

(Da Proclamação aprovada na Conferência Nacional do PCP)

Ler nas págs. 1 a 6/Semana e 1 a 3/Em Foco

### Álvaro Cunhal nos distritos de Aveiro e Coimbra

O secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, inicia amanhã, sexta-feira dia 31 de Agosto, uma deslocação aos distritos de Aveiro e Coimbra que se prolongará durante todo o fim-de-semana. Ainda na sexta-feira, às 21.30, presidirá no Teatro Aveirense a um comício de apresentação de candidatos APU às próximas eleições. No sábado o secretário-geral do PCP visitará sucessivamente os concelhos de Ovar e Feira (ambos do distrito de Aveiro) e ainda Coimbra.

Em Ovar estará, às 10.30, na zona piscatória da praia do Furadouro; participará, às 12.00, num piquenique no acampamento dos Pioneiros junto ao Furadouro e às 14.00 numa festa popular na Avenida Central do Furadouro. Às 15.00 iniciará a visita ao concelho da Feira com uma deslocação à festa popular da «Feira dos Dez», em Lourosa, concluindo-a na Freguesia de Fiães, de maioria APU. Às 19.00 participará na sessão de apresentação de candidatos da APU pelo distrito de Coimbra, no Largo da Sé Velha e se prevê ser uma grande festa, com a actuação do Rancho de Coimbra e Grupo do Ateneu e o «consumo» de sardinhada e caldo verde.

No domingo prosseguirá a visita ao distrito de Coimbra, estando às 9.00 em S. Martinho do Bispo, às 10.00 na Freguesia do Ameal, às 11.00 na Freguesia de Arzila (ambas de maioria APU), às 12.00 em Pereira do Campo (Montemor) e às 13.00 em Figueiró do Campo, onde almoçará com agricultores do Baixo Mondego. A visita prolongar-se-á pela tarde de domingo, onde o secretário-geral do PCP estará pelas 16.00 na Ereira (em Montemor) e pelas 17.00 em Carritos (Figueira da Foz). Às 18.00 estará presente em Buarcos (Figueira da Foz), durante um arraial popular de pescadores que culminará a deslocação de Álvaro Cunhal aos distritos de Aveiro e Coimbra.

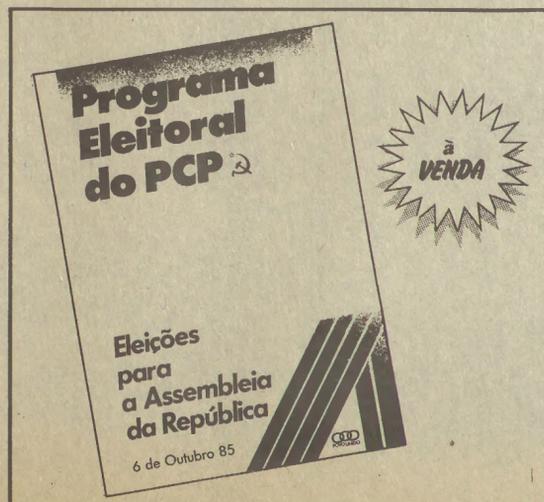
### Três grandes objectivos

O PCP aponta ao Povo português três grandes objectivos nas eleições de 6 de Outubro:

1.º — Atirar definitivamente para a rua (se o não for antes) o Governo de Mário Soares/PS/PSD, que se encontra demitido, mas ainda em gestão e abusando das suas funções.

2.º — Pôr termo à política de direita e aos governos de direita (com ou sem PS), política e governos causadores do desastre da economia, do agravamento das condições de vida dos trabalhadores e do povo em geral, do endividamento externo, da submissão ao estrangeiro, da corrupção generalizada a partir do próprio Governo.

3.º — Criar condições, como resultado das eleições, para a formação de um governo que ataque com decisão e resolva os gravíssimos problemas nacionais criados pela política de restauração monopolista dos governos dos últimos nove anos.



## A Conferência Nacional do PCP e as eleições de 6 de Outubro

**A** Conferência Nacional do PCP sobre as eleições para a Assembleia da República efectuada no último fim-de-semana em Sacavém constituiu um passo essencial na consciencialização e dinamização de todo o Partido para a realização de três grandes objectivos que se colocam ao povo português nas eleições de 6 de Outubro.

São objectivos de flagrante actualidade evidenciados pela grave situação nacional criada por sucessivos governos de direita, com particular agudeza pelo Governo PS/PSD, e pela exigência verdadeiramente patriótica da sua rápida superação.

O primeiro desses objectivos consiste em atirar definitivamente para a rua (se o não for antes) o derrotado Governo Mário Soares/PS/PSD;

O segundo, em pôr termo à política de direita e aos governos de direita (com ou sem o PS);

O terceiro, em criar condições, como resultado das eleições, para a formação de um governo que ataque com decisão e resolva os gravíssimos problemas nacionais criados pela política de restauração monopolista dos governos dos últimos 9 anos.

Na Conferência foram produzidas intervenções e discursos e aprovados documentos de relevante importância não somente para o reconhecimento objectivo da situação criada pela política de desastre do Governo Soares/PS/PSD como das propostas concretas, do PCP, de novo rumo para Portugal no caminho de Abril.

A «Proclamação Eleitoral», os discursos de abertura e de encerramento da Conferência proferidos pelo camarada Álvaro Cunhal e o do camarada Carlos Costa — publicados na íntegra neste número do «Avante!» — conjuntamente com o «Programa Eleitoral do PCP» e o «Programa de Máxima Urgência» acordado entre o PCP e o MDP/CDE representam uma contribuição imprescindível para uma vitória democrática nas eleições de 6 de Outubro.

**A** Conferência Nacional do PCP constituiu ainda um passo de importância relevante na definição de uma escala de prioridades no calendário eleitoral do ano em curso.

Que eleições vão determinar o rumo imediato da política portuguesa?

A Conferência deu a esta questão uma resposta conclusiva: as eleições legislativas antecipadas seguidas das eleições autárquicas serão as condicionantes decisivas de uma alternativa política e de uma política alternativa em que se inscreve a vitória de um candidato democrático nas eleições presidenciais.

Os partidos e sectores sociais empenhados na política de restauração monopolista têm compreensivelmente uma posição oposta.

O PS, principal partido derrotado da crise governativa de Julho, o PSD e o CDS que com os socialistas se comprometeram e empenharam activamente num projecto de direita que levou o País ao descalabro nos últimos 9 anos e certas forças ainda sem expressão partidária que ambicionam hegemonizar o processo político português, tentam instilar na opinião pública a falsa concepção de que as eleições decisivas do contencioso político dos nossos dias são as presidenciais.

É o caso de Mário Soares que tenta «apagar-se» como primeiro-ministro do Governo de gestão e se pre-

tende «lavar» das responsabilidades pela política de desastre dos últimos dois anos com o objectivo de realizar a sua máxima ambição no momento actual: sentar-se em Belém.

É o caso de Freitas do Amaral, dirigente encapotado do CDS, altamente comprometido no processo da contra-revolução, que veste agora o «burel» do «suprapartidário» para iludir os ingénuos e tentar captar o apoio de toda a direita, para se fazer eleger Presidente da República e a partir daí empreender a destruição definitiva do 25 de Abril.

A Conferência Nacional do PCP, ao mesmo tempo que pôs o acento na importância prioritária das eleições legislativas seguidas das autárquicas, reafirmou a convicção dos comunistas da possibilidade das forças capazes de viabilizarem uma política alternativa apresentarem na altura devida um candidato democrático às eleições presidenciais em condições de derrotar o candidato ou candidatos da direita, entre eles Mário Soares.

Pela boca de Álvaro Cunhal o PCP pronunciou-se ainda pela eventualidade de apresentar um candidato próprio no momento oportuno.

**A** Conferência Nacional sublinhou uma vez mais as condições favoráveis actuais para aprofundar a derrota da coligação de direita ainda detentora do Governo e para uma alternativa democrática.

Produziu-se na arrumação das forças políticas e sociais no decurso dos últimos dois anos sensíveis deslocamentos a favor da democracia e do 25 de Abril.

Uma expressão concreta dessa nova arrumação de forças é a alteração do quadro partidário tradicional, em termos significativos, com a criação do PRD.

O PRD é um partido criado no espaço político disponível que se ampliou com a falência dos sucessivos governos de direita, com ou sem PS.

A existência de um espaço político disponível para novas formações partidárias foi como se sabe a conclusão de uma correcta leitura da correlação de forças sociais e políticas feita pelo PCP nos últimos dois anos.

Como se criou e ampliou este espaço político, qual a sua natureza política, social e ideológica?

É de imediato interesse abordar desde já alguns elementos essenciais.

De composição, digamos, politicamente amorfa ou de difícil determinação política, a massa abstencionista das eleições legislativas antecipadas de 1983, que atingiu, com os votos brancos e nulos 24% dos eleitores inscritos, constitui um contingente básico daquele espaço disponível.

É, contudo, com a formação da coligação PS/PSD à raiz das eleições, que por razões diversas provocou a desafeccção de muitos dos eleitores destes dois partidos, e depois a prática política e o não cumprimento das promessas eleitoralistas e demagógicas feitas por ambos, agravados com o desenvolvimento do plano contra-revolucionário acordado entre os dois partidos, que o espaço político disponível se amplia sensivelmente e atinge a sua maior dimensão com a estrondosa derrota de Julho a que a dissolução da AR e a marcação de novas eleições deu a necessária expressão institucional.

**M**uitos destes portugueses desiludidos particularmente os que mais anseiam pela continuação de Abril vieram e continuam a ser atraídos até ao PCP e ao espaço político da APU.

O PCP e a APU constituem um espaço de atracção e não de disponibilidade política para quaisquer novas formações.

O novel PRD tem naturalmente o seu terreno na massa indiferenciada de proponentes da candidatura do general Ramalho Eanes e dos descontentes e dissidentes da massa eleitoral do PS e do PSD e mesmo do CDS.

Quer as declarações políticas quer as afirmações programáticas dos dirigentes do PRD são esclarecedoras de uma compreensível heterogeneidade política, social e ideológica. É essa a sua natureza.

A Conferência Nacional do PCP quando na sua Proclamação adverte para que «Nem um só voto do PCP e da APU se deve deslocar para o novo partido» fornece uma contribuição precisa, em termos eleitorais e políticos, para uma justa compreensão desta importante questão.

E só uma justa arrumação de forças sociais e políticas no campo da democracia e nos caminhos de Abril pode garantir um novo rumo político para Portugal, uma alternativa política e uma política alternativa, e com essa condição uma saída nacional para a crise levada a um ponto agudo pela falida e derrotada coligação PS/PSD.

**U**m novo rumo na política nacional no caminho de Abril, preconizado pela Conferência Nacional do PCP, aponta em quatro principais direcções, expressas nos seus tópicos essenciais no «Programa de Máxima Urgência» da APU.

Implica, entre outros, como pontos fundamentais abordados desenvolvidamente no «Programa Eleitoral do PCP», a defesa dos direitos dos trabalhadores; o respeito pelas estruturas socioeconómicas reconhecidas pela Constituição, nomeadamente as nacionalizações e as UCP's/Cooperativas da Reforma Agrária; o melhoramento das condições de vida material e cultural do povo.

É na abordagem política destas questões cruciais da hora actual pelos diversos partidos concorrentes às eleições de 6 de Outubro e, sobretudo, na aferição das palavras com a prática de cada um deles, que os portugueses têm um campo útil para definir as suas opções de voto nos actos eleitorais do ano em curso.

As promessas eleitoralistas e a prática política do PS, do PSD e do CDS são já sobejamente conhecidas, outros dos partidos concorrentes por declarações dos seus dirigentes mais responsáveis se têm pronunciado igualmente sobre tais questões.

Os problemas do trabalho, do emprego e dos trabalhadores são reconhecidamente dos mais candentes.

Os dirigentes políticos que no momento actual não encarem tais problemas no sentido da solução imediata ou os vejam na óptica de uma política que abriu falência comprometem quaisquer resultados sérios nas pugnas eleitorais que vão travar-se entre nós neste final do ano.

Diante de um contingente de cerca de 600 000 desempregados ainda em expansão, do cancro dos salários em atraso que ultrapassa já os 150 000 trabalhadores, do alastramento dos contratos a prazo a 12%, dos empregados por conta de outrem, é inadmissível que se

# Resumo

## 21 Quarta-feira



Para um novo rumo

O PCP divulga o seu Programa Eleitoral onde se incluem um conjunto de medidas com carácter de urgência para resolver problemas como o dos salários em atraso. O presidente da direcção do Sindicato dos Jornalistas, José Pedro Castanheira, declara que a situação nos órgãos de comunicação social estatizados está «a atingir os limites do admissível». A direcção do «Diário de Notícias» salienta que não vê razão para privilegiar o PS. Almeida Santos ao apresentar a lista do PS pelo círculo eleitoral do Porto afasta a hipótese de uma coligação de governo com o PCP. A polícia sul-africana intervém em seis cidades negras usando armas de fogo e gases lacrimogéneos e fazendo diversas prisões. A Frente Democrática Unida (UDF) que agrupa cerca de 700 organizações sul-africanas anti-apartheid assinala o seu segundo aniversário com actos políticos em diversas cidades. Continuam os intensos combates na capital libanesa com duelos de artilharia entre as forças patrióticas e as milícias fascistas/falangistas.

## 22 Quinta-feira



Candidatos da JCP

Uma delegação do Sector da Metalomecânica Pesada é recebida na Presidência da República onde exige a demissão do actual governo de gestão por este fomentar a destruição das principais empresas do sector. Um Boeing 737 da British Airtours incendiou-se na pista do aeroporto da cidade inglesa de Manchester tendo morrido 54 pessoas e ficado feridas 83. No decurso de uma conferência de imprensa os candidatos da JCP que integram as listas da APU comprometem-se a fazer tudo o que esteja ao seu alcance na próxima legislatura para resolverem os problemas criados aos jovens pelos nove anos de governação PS, PSD e CDS. O Sindicato dos Jornalistas difunde um comunicado em que chama a atenção para a falta de isenção da comunicação social estatizada. O embaixador da Austrália em Portugal é convocado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros onde lhe é comunicado o «desagrado» do Governo português pelas recentes declarações do primeiro-ministro australiano sobre Timor-Leste. A política neo-zelandesa identifica formalmente duas mulheres como sendo oficiais do exército francês implicados no atentado contra o navio ecologista «Rainbow Warrior».

## 23 Sexta-feira

A APU divulga um programa de máxima urgência no qual estão inscritas 40 medidas que visam recuperar a economia, conseguir maior estabilidade nacional e garantia da independência nacional. O PCP reafirma que a afixação de propaganda do PS e de Mário Soares em cartazes de propaganda comercial é manifestamente ilegal. No distrito de Leiria são extintos vários fogos tendo um deles ameaçado povoações do concelho de Alvaiázere. A polícia racista da África do Sul prende centenas de militantes e activistas anti-apartheid no decorrer de uma operação repressiva que elevou para mais de 2000 o número de pessoas presas ao abrigo do estado de emergência. Um avião espião tele-comandado norte-americano despenha-se em El Salvador quando recolhia informações sobre actividade da guerrilha. O secretário de Estado da Defesa Nacional de Moçambique afirma que «é de lamentar que os bandidos da chamada Renamo continuem a actuar impunemente em Portugal». A BBC afirma em Londres que os seus jornalistas assinam a lei do segredo oficial, tal como os funcionários do Estado, antes de tomarem posse dos seus cargos. Num documento publicado pelo diário «The Washington Post», a Igreja Católica norte-americana toma posição contra a chamada «guerra das estrelas». Mais seis negros são assassinados na África do Sul.

## 24 Sábado

Reúne em Sacavém a Conferência Nacional do PCP sobre as eleições para a Assembleia da República sendo aprovada uma Proclamação Eleitoral na qual se salienta «que só um novo rumo no caminho de Abril pode dar solução aos graves problemas que o País atravessa». Em entrevista ao «Expresso», Hermínio Martinho afirma que o PRD levará à Assembleia da República um projecto de liberalização de despedimentos. Cavaco e Silva critica em Odemira os actuais dirigentes do CDS e condena «a Reforma Agrária colectivista». Segundo um jornal oeste-alemão, o alto funcionário de contra-espionagem da Alemanha Federal que pediu asilo na República Democrática Alemã, levou uma lista de nomes de 160 espiões ocidentais. Os Estados Unidos fazem um lançamento de um «MX», o míssil mais destrutivo e sofisticado do arsenal nuclear norte-americano. Realiza-se o V Encontro dos jovens Operários Agrícolas do distrito de Évora, no salão municipal daquela cidade, onde é exigida pelos 260 delegados ali presentes, a renegociação do acordo de adesão à CEE. A Guarda Fiscal de Lagos detém dois indivíduos espanhóis que transportavam num camião TIR 216 quilos de haxixe. O jornal brasileiro «A Folha de S. Paulo» noticia que o Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre, no Brasil, denuncia a existência de um cemitério clandestino para vítimas de tortura.

## 25 Domingo

Florestas da Beira Alta continuam a arder sendo particularmente grave a situação em S. Pedro do Sul. Encerra a tradicional Feira de Grândola que todos os anos se realiza nesta vila alentejana. Cavaco Silva declara em Faro que os verdadeiros mo-

nárquicos estão com o PSD. O comandante-chefe das Forças Armadas de Libertação de Timor-Leste apela «para o prosseguimento da luta armada para enfrentar a cumplicidade de alguns governos quanto aos crimes cometidos pela Indonésia». Um diário californiano divulga informações comprovando que Ronald Reagan dava informações ao FBI, quando era actor, sobre supostas influências comunistas no sindicato dos actores e outras organizações. Três cidades palestinianas estão sob recolher obrigatório enquanto o exército de Israel faz buscas casa a casa. Uma força da polícia racista sul-africana prende o veterano dirigente negro Oscar Mpetha, de 75 anos. A agência alemã federal DPA anuncia que foi detida por suspeita de espionagem uma secretária da Presidência da República da Alemanha Federal.

## 26 Segunda-feira

Octávio Pato, membro do Secretariado e da Comissão Política do PCP, afirma em Algés, que «o PCP e a APU são a única força política que tem soluções válidas, realistas e nacionais para os problemas com que o País se debate». A GNR de Benavente dá por desaparecido mais um elemento ligado à empresa API, no que parece constituir o desfecho de uma burla monumental da qual saem lesados vários bancos, o Fundo EFTA para o desenvolvimento, uma série de empresas e centenas de sócios da API. A Câmara Municipal de Lisboa aprova por unanimidade uma proposta da APU para o realojamento de 360 famílias do Bairro da Horta Nova em Camilde. Devido à falta de meios e estruturas para o combate ao sinistro que lavra na Serra da Gralheira em S. Pedro do Sul os bombeiros locais declaram o incêndio como estando fora de controlo. É divulgado o relatório oficial francês sobre o «caso Greenpeace» que tenta ilibar os serviços secretos da responsabilidade no afundamento do navio «Rainbow Warrior». Crianças de sete e oito anos são levadas a tribunal pela polícia do regime racista da África do Sul.

## 27 Terça-feira

É divulgado o relatório do Banco Central que comprova o aumento do desemprego, a queda dos salários reais, a descida acentuada do investimento e o aumento da dívida externa. Verifica-se um golpe de Estado militar na Nigéria contra a «lentidão das reformas» prometidas pelos militares depostos. A polícia racista da África do Sul prende o reverendo Allan Boesak, da Frente Democrática Unida, quando este preparava uma manifestação para a libertação de Nelson Mandela. O presidente Ronald Reagan apelida de reformista o governo da África do Sul e considera que este eliminou a segregação racial. Começa em Genebra, na sede das Nações Unidas, a terceira conferência sobre o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. A RTP atribui a Cavaco e Silva a responsabilidade por não se terem realizado os debates entre os líderes dos quatro maiores partidos. Um comunicado do PS refere-se a Cavaco e Silva considerando que «o valentão está com medo». Um incêndio de grandes proporções lavra em Coimbra, Oliveira de Frades, Caminha e Viseu tendo esgotado a capacidade dos bombeiros daquelas regiões. O delegado da Fretilin nas Nações Unidas, Ramos Horta, afirma que a questão de Timor-Leste continua na agenda provisória da próxima Assembleia Geral da ONU.

defenda sob qualquer forma a liberalização dos despedimentos como forma de captação da «confiança dos investidores» e se preconize uma nova lei com aquele objectivo fundamental.

A defesa da Reforma Agrária no quadro do respeito pelas estruturas socioeconómicas reconhecidas pela Constituição é também um ponto exemplar, paradigmático, dos partidos e dirigentes políticos que entram na liça das eleições legislativas de 6 de Outubro. Como se sabe, a CAP, organização dos grandes agricultores e latifundiários, está na ponta de lança da ofensiva contra a Reforma Agrária. Defender os objectivos da CAP é provavelmente uma má política. No momento actual dirigentes políticos que se propõem à partida uma nova política nacional e simultaneamente vêm afirmar que «em termos da Reforma Agrária não é no alargamento da iniciativa privada» e insinuam que a responsabilidade da quebra de produção agrícola no alentejo cabe às UCP's/Cooperativas; que preconizam o aumento dos 70 000 pontos da celerada Lei Barreto como base útil para uma exploração agrícola privada, são falhos de realismo. Adulteram a verdade, comprometem o seu futuro político.

Os exemplos são significativos. A área inicial da Reforma Agrária era em 1976 de um milhão e 140 mil hectares — com os sucessivos e ilegais esbulhos de terras é actualmente de 428 000 hectares. Das terras roubadas, cerca de 70 000 hectares foram dadas de mão beijada a 16 antigos latifundiários, dos quais, famílias como as do agrário Costa Pinto que ocupa 5000 hectares, a de Torres Vaz Freire outros 5000, a dos Vilhenas 5330, a dos Sousa Uva mais de 4000, etc., etc. A 37 grandes agrários e latifundiários foram concedidos a juros bonificados e no segredo dos gabinetes do IFADAP mais de 2 milhões e 900 mil contos, enquanto que apenas a 5 UCP's e sob a forma de créditos de campanha e a juros mais elevados foram concedidos somente 127 000 contos!

E em termos de produtividade a ignorância não é uma boa credencial para qualquer dirigente político que se reivindique de um projecto sério. Só nos cereais, enquanto que antes da Reforma Agrária se produziu na mesma área cerca de 800 quilos em média por hectare a produção foi, para as UCP's/Cooperativas, em 1979/80, de uma média superior a 2500 quilos por hectare, tendo em alguns casos atingido os 4000 quilos.

E das terras roubadas às UCP's, 28% (cerca de 200 mil hectares de mais de 500 herdades) estão abandonadas ou subaproveitadas. A Conferência Nacional do PCP, o Programa Eleitoral do PCP e o Programa de Máxima Urgência acordado entre o PCP e o MDP/CDE, respondem em termos diametralmente opostos a estas candentes questões. Armados com a justa política do PCP, os comunistas e os seus amigos lançar-se-ão com acrescida confiança nas batalhas eleitorais que se avizinham. Aumentar o número de votos e de eleitos da APU e do PCP é uma condição necessária para um novo rumo da política nacional no caminho de Abril.



Proletários de todos os países UNII-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português. Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO: Av. Santos Dumont, 57-3.º - 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO: CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL, Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57 - 2.º - 1000 Lisboa Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa de Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora: Alarcova de Baixo, 13 - 7000 Évora Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro Tel. 24417

Delegação do Norte: Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra: Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra Tel. 28394

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º - 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B - 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50

Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq.º - 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e Impresso na Heika Portuguesa - R. Elias Garcia, 27 Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Tiragem média do mês de Julho: 37 650

# Semana

Avante!

Ano 53 — Série VII  
N.º 609

29 de Agosto de 1985

2.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente

## O PCP nas eleições de 6 de Outubro

Sacavém, conhecida zona operária do concelho de Loures, «ali» às portas de Lisboa, foi no último sábado ponto de encontro para 983 delegados oriundos de todas as organizações regionais do Partido Comunista Português. Motivo deste grande plenário comunista, que contou ainda com a presença de centenas de convidados: encarar a batalha eleitoral de 6 de Outubro, definir linhas de trabalho e de orientação, apontar objectivos e perspectivas, enquadrar as responsabilidades dos militantes e das organizações na actual situação política, numa palavra — preparar todo o Partido para as tarefas que já aí estão e que se vão intensificar, apontadas ao êxito da APU e da democracia.

Culminando um leque de cerca de 40 intervenções, apresentadas por dirigentes do Partido, membros das organizações e candidatos, a Conferência Nacional do PCP sobre as eleições de 6 de Outubro para a Assembleia da República aprovou, num ambiente de vivo entusiasmo e combatividade, uma Proclamação Eleitoral onde se condensa a análise, a opinião e as perspectivas do PCP face ao acto eleitoral que se avizinha, cuja realização foi considerada no plenário de Sacavém como uma vitória do povo, dos trabalhadores, da democracia e do Partido.

A Conferência, testemunho da intensa vida democrática e do estilo de trabalho que caracterizam a acção do Partido, decorreu no pavilhão do Sacavenense, prestigiosa colectividade desportiva a viver as suas bodas de diamante. Dos 983 delegados presentes, 88 por cento foram anteriormente eleitos nas organizações, sendo os restantes 12 por cento delegados por inerência. Representantes de organizações sociais, do MDP/CDE, do partido «Os Verdes», democratas independentes, e ainda membros de missões diplomáticas creditadas em Lisboa estiveram na bancada dos convidados.



## Uma Conferência virada para o trabalho

### «Para salvar o país vitória da APU»

O pavilhão está repleto. Delegados e convidados estão nos seus lugares.

Na mesa da presidência encontram-se os membros efectivos e suplentes da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central: **Álvaro Cunhal, Ângelo Veloso, António Dias Lourenço, António Gervásio, Carlos Brito, Carlos Costa, Dinis Miranda, Domingos Abrantes, Fernando Blanqui Telxeira, Jaime Serra, Joaquim Gomes, Jorge Araújo, José Casanova, José Soeiro, José Vitoriano, Octávio Pato, Raimundo Cabral, Sérgio Vilarigues, e António Lopes, António Orclinha, Artur Vidal Pinto, Bernardina Sebastião, Carlos Ramildes, Edgar Correia, Jaime Felix, Luísa Araújo e Zita Seabra.**

A tribuna, de onde sobressaía um vasto painel com a inscrição «para salvar o país, vitória da APU», era ainda constituída por camaradas das organizações, incluindo membros do Comité Central e das Direcções Regionais, representantes de organizações concelhias, camaradas com responsabilidades no movi-

mento sindical unitário e nas autarquias, candidatos APU às próximas eleições, operários, intelectuais e quadros técnicos, estudantes, empregados, homens, mulheres e jovens de todas as regiões do país: de Trás-os-Montes ao Algarve, dos Açores à Madeira. A Emigração está representada na Mesa da Conferência por uma candidata APU pelo círculo de fora da Europa e por uma camarada de um organismo de emigrantes no velho continente.

Está tudo a postos. Os delegados têm já em sua posse os primeiros elementos sobre o trabalho e o funcionamento do grande plenário. A Conferência vai começar.

Cabe a **Octávio Pato** a breve saudação inicial, dirigida a todos os participantes, dando ao mesmo tempo a nota introdutória para o arranque dos trabalhos.

Como estava previsto, o secretário-geral do PCP apresenta a intervenção de abertura. Durante cerca de 45 minutos, **Álvaro Cunhal** caracteriza a situação política actual, explica como «aí» se chegou, enquadra as grandes questões que se colocam no campo democrático face ao acto eleitoral de 6 de Outubro, desta-

ca objectivos fundamentais para o PCP e a APU. Noutro local deste caderno do **Avante!** publicamos a intervenção do dirigente comunista, peça essencial da Conferência realizada em Sacavém.

### Quem pode prestar contas ao eleitorado

A primeira sessão da Conferência Nacional ocupou o período da manhã, sensivelmente entre as 10 e as 13 horas, e foi presidida por **Octávio Pato**, que chamou ao microfone da tribuna os primeiros 15 oradores. Além das intervenções de membros das organizações do Partido (sendo alguns candidatos da APU pelos círculos eleitorais), o período da manhã registou três intervenções temáticas, apresentadas por **Carlos Costa, Domingos Abrantes** e **Luís Sá** (membro suplente do CC), que abordaram, respectivamente, os seguintes temas: «a campanha eleitoral da APU: estilo e articulação com as eleições autárquicas» (ver nesta edição), «sobre as listas APU e a actividade do Grupo Parlamentar do PCP» e «a luta pela seriedade das eleições».

**Domingos Abrantes** recordou as características da composição das listas APU e destacou o papel a desempenhar pelos eleitos «Povo Unido» na futura AR, lembrando «a actuação concreta dos deputados» eleitos nas últimas eleições. «Só as forças que integram a Aliança Povo Unido e muito particularmente o PCP», salientou o dirigente comunista, cabeça de lista por Setúbal, «estão em condições de prestar contas ao eleitorado dos compromissos assumidos, sem equívocos, sem demagogia e sem hipocrisia».

### A seriedade das eleições

Por seu turno, **Luís Sá** chamou a atenção da Conferência e de todo o Partido para a necessidade de vigilância e atenção em torno do processo eleitoral, cuja seriedade está ameaçada de novo. Dos vários aspectos e situações destacados na intervenção de **Luís Sá**, salientamos por agora uma tarefa que se vai colocar nas próximas semanas: «até ao dia 16 de Setembro vamos ter que designar milhares de delegados e suplentes e de

candidatos a membros de mesas de assembleias e secções de voto». E mais: «vamos ter que assegurar que os delegados e membros de mesas fiquem devidamente apetrechados com os conhecimentos, as indicações práticas e as minutas de documentos que garantam uma intervenção eficaz na luta contra as tentativas de fraudes e irregularidades».

Após o intervalo para almoço, a Conferência retomou os seus trabalhos. São 15 horas.

Da Mesa da Presidência, **Blanqui Telxeira** vai apresentar mais 22 oradores. Abre este período da tarde **Jerónimo de Sousa**, membro suplente do Comité Central, que fala sobre lutas dos trabalhadores. «Não há discurso que desmintam que actualmente a percentagem do rendimento nacional que reverte para os trabalhadores por conta de outrem se situa na ordem dos 47,8 por cento, ou seja, que o Governo PS/PSD fez recuar o poder de compra dos trabalhadores ao nível do antes do 25 de Abril», diria **Jerónimo de Sousa**. Nesta intervenção são referidos alguns aspectos marcantes da grave situação social motivada pelo desemprego e os salários

em atraso. Uma situação que tem suscitado uma enérgica posição do PCP e, também, como é do conhecimento público, carradas de demagogia e cinismo por parte dos deputados e governantes do PS, PSD e CDS.

### Uma força do futuro

Membro da direcção nacional da JCP e candidato a deputado no círculo de Setúbal, **Jorge Patrício** leva à tribuna da Conferência a mensagem da combatividade e do entusiasmo da juventude na batalha eleitoral. «É nossa preocupação», diria a dada altura, «trazer a APU para a rua, para as fábricas, empresas, para as terras da Reforma Agrária, para os locais de concentração juvenil, desenvolvendo uma campanha dinâmica, alegre, capaz de transmitir aquilo que na verdade somos. Uma força jovem, uma força de futuro». Uma força que, diga-se desde já, marcou presença vibrante nesta Conferência, salientando-se pela sua alegria contagiante um nú-

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O Militante

À venda  
o número de Agosto

PCP

## O PCP nas eleições de 6 de Outubro



## Bacáceos

Falemos de bananas.

O dicionário chama-lhes «frutos bacáceos muito nutritivos, produzidos pelas bananeiras». Os homens e outros macacos vão muito mais depressa ao assunto chamando-lhes, simplesmente, «um figo» — o que diz tudo e é lisongeiro para todos: bananas, homens, macacos e figos.

«Bacácea» ou não, a banana é boa que se farta. Tanto que até ultrapassa as louvadas funções nutricionistas para que foi inventada e surge, com frequência, a dar uma achega à comunicação entre os homens. Querem exemplos?

Quando se diz «**escorregou numa casca de banana**» está-se a anunciar que alguém, no mínimo, se espalhou ao comprido — acidente que não fica por aqui, no que respeita às bananas. Isto porque das duas, uma: ou esse alguém escorregou mesmo na casca da tal bacácea — e é uma vítima da banana — ou deslizou na superfície de uma asneira — e é, ele próprio, um «banana». Sendo que, num caso ou noutro, fica sempre abanado. Com tantos méritos, a banana também se meteu na política. Aí é dona de república, nem mais nem menos, a «**república das bananas**» — que, como toda a gente sabe, serve de risota ao pagode nos filmes que mostram e na imprensa que conta histórias de políticos que vendem a mãe, a pátria e o burro, se for preciso (e não for deles), a troco dos favores e do dinheiro do patrão estrangeiro — em geral a mascar pastilha elástica cuspidada com forte sotaque do Texas.

Tais chefes de tais repúblicas são, naturalmente, bananas retintas, mas de uma safra especial — «Special», como os adjectivam os donos da fruta e do dinheiro, com ternura algo pitoresca. Distingue-os uma decidida falta de escrúpulos. Caracteriza-os uma irreprimível vocação para o descanso. À sombra da bananeira, o que, pelo menos, é lógico.

Assim sendo, natural se torna que qualquer democracia, minimamente decente, se ria e se defendia de tão má fruta. Sobretudo que se defendia, consagrando na lei e acautelando nos mecanismos da sua aplicação a proibição de «financiamentos» estrangeiros a associações políticas. Repúblicas, repúblicas, bananas à parte...

É o que acontece em Portugal e, por exemplo, em qualquer das democracias da «europa-connosco», para já não falarmos dos países socialistas.

Em todo lado, tal proibição está claramente explicitada e a sua infracção acciona de imediato os mecanismos da lei, como ainda recentemente se viu aqui ao lado, quando o parlamento espanhol abriu um inquérito para investigar a denúncia de financiamentos da Fundação Friedrich Ebert, da RFA, a Filipe Gonzalez e ao PSOE, ou na própria RFA, onde a mesma fundação andou a «dar bananas» aos «democratas-cristãos» lá do sítio. Mas em Portugal, apesar de tal proibição estar igualmente consignada na lei, tudo se passa como se o primeiro-ministro e dirigente máximo do PS fosse o chefe e responsável de uma «república das bananas».

De facto há muito que o PS e Mário Soares são cabeça de cartaz em notícias e reportagens sobre financiamentos corruptos de «fundações» da RFA e outros países capitalistas, culminando no fim do ano passado com a afirmação do próprio gerente do grupo Flick, no parlamento da RFA, de que a Fundação Friedrich Ebert apoiava financeiramente Mário Soares e Filipe Gonzalez. Este último pediu de imediato o já referido inquérito parlamentar; o primeiro-ministro português fechou-se em copas, como se não fosse nada com ele.

Agora surge a notícia de que o PS recebeu, recentemente, através da Fundação José Fontana, 42 000 contos provenientes do City Bank, um dos maiores bancos dos EUA. Até ao momento Mário Soares não refutou a denúncia nem deu qualquer esclarecimento ao País, na linha anterior de que Portugal é um País de bananas onde ele é o grande «republicano» (perdão, «monarco-republicano»). Seguindo-lhe na esteira, a mulher mobilou uma sede do PS com dinheiros da Assembleia da República, anunciando que tal acto de «militância» provinha dos seus vencimentos de deputada na última legislatura... onde não pôs os pés. E por aí fora, que a lista é demasiado longa.

Só que estes factos, sendo graves, não são o mais grave, sendo verdadeiros, não são o principal. Não são o mais grave porque o mais grave é homens destes continuarem à frente do governo de um País, que lançaram na miséria e atolaram na corrupção.

Não são o principal porque o principal é denunciar o desastre governativo de tal gente e expulsar urgentemente do poder estes «bananas» encascados de vivaços, à espera que o País escorregue em definitivo.

As bananas têm sido deles. O abanamento sê-lo-á também... e à moda dos bacáceos.

cleo de membros da JCP presentes num dos sectores da bancada dos convidados. Daí fizeram ouvir as suas palavras de ordem e os seus tambores, acompanhados de muitas bandeiras da APU, num espectáculo de cor, ritmo e vivacidade, apreciado e vivido por toda a Conferência cada vez que as intervenções eram interrompidas pelos aplausos e, como seria de esperar, nos momentos finais do grande plenário comunista.

À semelhança do período da manhã, a Conferência regista um naipe diversificado de intervenções. Enquanto uns oradores levantam temas centrais, de incidência no plano nacional, outros trazem ao plenário de Sacavém as preocupações, as ideias, os projectos e os objectivos eleitorais das organizações do Partido nos distritos do país. Neste conjunto de intervenções, além da situação regional, os delegados apontam as tarefas definidas em cada distrito para o trabalho eleitoral, ao mesmo tempo que apresentam um esboço dos propósitos que animam a intensa actividade do PCP no quadro da APU: nuns casos, eleger mais deputados (como, por exemplo, em Aveiro, em Coimbra, em Leiria, etc.), noutros casos eleger o 1.º deputado (caso de Viana do Castelo, Castelo Branco, Emigração, etc.), noutros ainda reforçar a votação na APU e desenvolver toda uma acção de diálogo e esclarecimento junto das populações, acção que, mais tarde ou mais cedo, e perante o desespero do caciquismo, evidenciará os seus frutos.

### 60 mulheres candidatas

Candidata por Setúbal, **Concelção Morais**, membro suplente do CC, apresenta à Conferência a intervenção temática sobre as Mulheres — situação, problemas, perspectivas, lutas. «As listas da APU», recordou, «contam com 60 mulheres candidatas, das quais três cabeças de lista. Poderemos considerar ainda insuficiente e, na realidade, assim é. Mas avançamos para esta campanha conscientes de que as nossas propostas vão ao encontro dos anseios das mulheres portuguesas». Seguidamente, chamou a atenção para alguns pontos fundamentais do programa eleitoral do PCP no que respeita à situação das mulheres portuguesas.

O que tem sido a política de direita, os seus reflexos na vida nacional, o que representou para o país a acção governativa da proclamada «maior maioria de sempre», foram aspectos desenvolvidos na intervenção de **Carlos Brito**, da Comissão Política do Partido, que dedicaria a última parte da sua intervenção à «defesa das liberdades, da legalidade constitucional e da estabilidade das instituições democráticas», bases essenciais de «uma política capaz de resolver os problemas do país, assegurar o desenvolvimento económico e o bem-estar social, salvaguardar a independência nacional».

### A presença da cultura

Sobre o programa cultural da campanha eleitoral da APU falou Ruben de Carvalho, membro su-

plente do Comité Central e chefe de redacção do nosso jornal, que diria a dado passo:

«A arte e a cultura estão presentes na nossa campanha porque são trabalho; porque, nas duras condições geradas por dez anos de política de direita, as obras orientadas são em si próprias um acto de resistência; porque, face a dez anos de política de subserviência ao imperialismo, de cumplicidade na

colonização cultural, são uma afirmação e uma construção de identidade nacional e de patriotismo, de confiança no povo e na Pátria.»

### Finanças, CEE e agricultura

A situação económico-financeira do país e a adesão à CEE

foram também temas em foco na Conferência, por intermédio, respectivamente, de **Gorjão Duarte**, membro suplente do Comité Central, e de **Carlos Carvalhas**, do CC. Números, factos e «análises» realistas deram numa linguagem directa e breve o ponto da situação sobre aqueles dois



## As intervenções

### Sessão da manhã

**Octávio Pato**, membro da C. Política e do Secretariado do CC — saudação aos participantes na Conferência ■ **Álvaro Cunhal**, secretário-geral do PCP, — intervenção de abertura ■ **José Paulo Gascão Nunes**, membro da DORBI do PCP, cabeça de lista por Castelo Branco ■ **Bernardina Sebastião**, membro suplente da Comissão Política do PCP, cabeça de lista por Beja ■ **Albino Marques**, membro da DORLEI da JCP, candidato por Leiria ■ **Carlos Costa**, membro da C. Política e do Secretariado do CC do PCP — sobre a campanha eleitoral da APU: estilo e articulação com as eleições autárquicas ■ **Marília Villaverde Cabral**, membro do CC e da DORL ■ **Carlos Fralão**, membro suplente do CC, candidato por Viseu ■ **Manuela Malhado**, candidata por Viana do Castelo ■ **Domingos Abrantes**, membro da C. Política e do Secretariado do CC, cabeça de lista por Setúbal — sobre as listas APU e a actividade do Grupo Parlamentar do PCP ■ **José Ferreira Mendes**, candidato por Aveiro ■ **José Manuel Mala**, membro suplente do

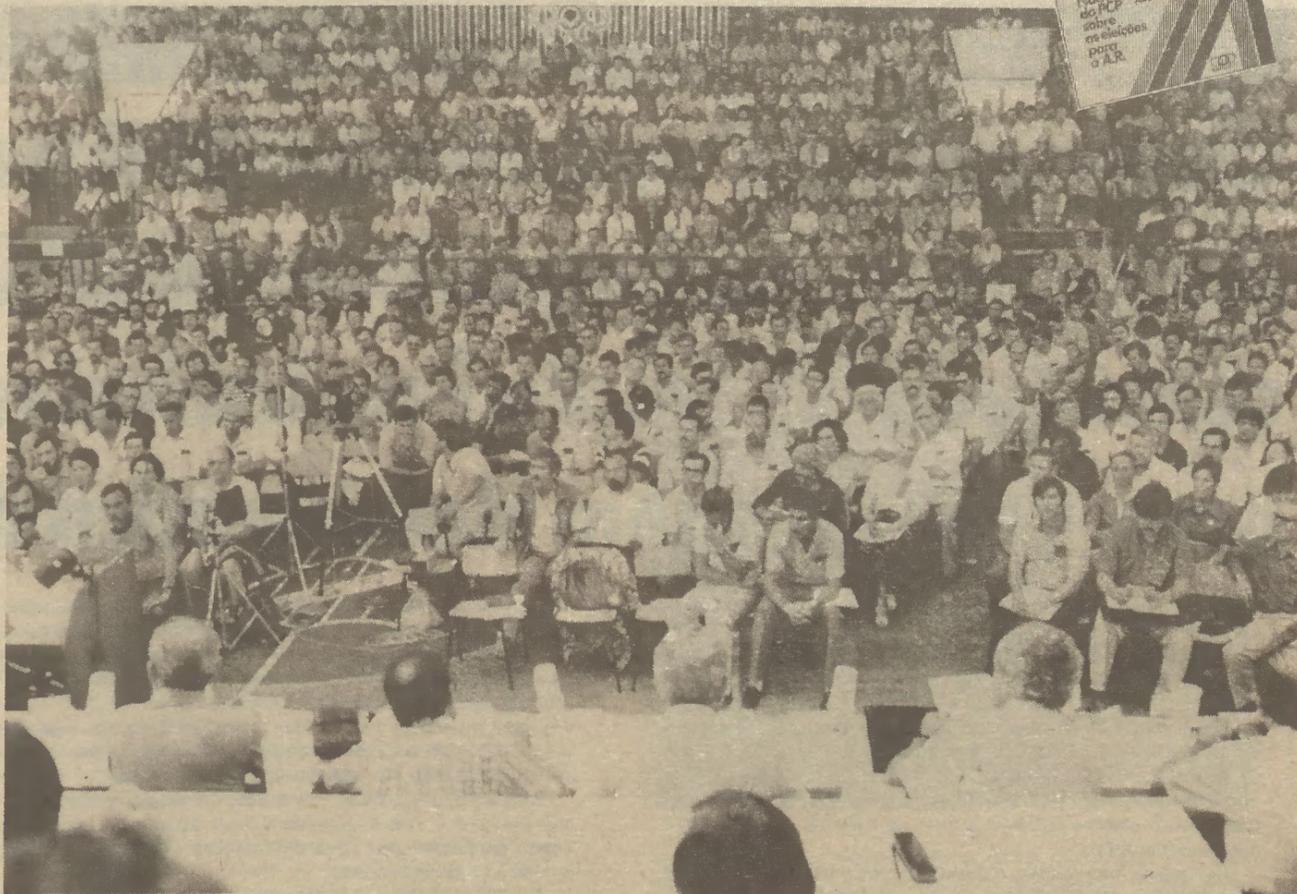
CC, candidato por Setúbal ■ **João Abreu**, membro suplente do CC, candidato pela Guarda ■ **Luís Sá**, membro suplente do CC — sobre a luta pela seriedade das eleições ■ **José Baguinho**, membro da DORAA (Açores) do PCP ■ **Fernando Amaro**, membro da DORAL do PCP, candidato por Faro.

### Sessão da tarde

**Jerónimo de Sousa**, membro suplente do CC, candidato por Lisboa — sobre lutas e situação dos trabalhadores ■ **Jorge Patrício**, membro da Direcção Nacional da JCP, candidato da juventude por Setúbal — sobre a juventude e as eleições ■ **Manuel Ramboia**, membro da DORM do PCP, candidato por Braga ■ **Concelção Morais**, membro suplente do CC do PCP, candidata por Setúbal — sobre as mulheres ■ **Carlos Brito**, membro da Comissão Política do PCP — sobre a política de direita e a defesa das liberdades ■ **José Ferreira**, candidato pela Madeira ■ **Ruben de Carvalho**, membro suplente do CC do PCP — sobre o programa cultural da campanha eleitoral da APU ■ **Sérgio Teixeira**, membro

do CC do PCP, candidato pelo Porto ■ **Alcides Pinto**, membro da DORT do PCP (Trás-os-Montes) ■ **Gorjão Duarte**, membro suplente do CC do PCP — sobre a situação económica e financeira do país ■ **Carlos Carvalhas**, membro do CC do PCP, candidato por Lisboa — sobre a CEE ■ **Luís Courcelro**, — intervenção sobre Emigração ■ **Maria Leonor Xavier**, membro suplente do CC do PCP e da C. Distrital de Portalegre ■ **João Abrantes**, candidato por Coimbra ■ **Agostinho Lopes**, membro do CC do PCP, candidato por Vila Real — sobre a situação da agricultura e campesinato ■ **Artur Vidal Pinto**, membro suplente da Comissão Política — intervenção da comissão de verificação de mandatos ■ **António Dias Lourenço**, membro da Comissão Política do PCP — intervenção sobre a Festa do Avante! ■ **Mariana Lousa**, membro da DORT do PCP (Trás-os-Montes) ■ **Eugénio Plasco**, membro do CC e da DORSA (Santarém) ■ **Serafim Silva**, membro suplente do CC do PCP e da C. Distrital de Évora ■ **Vitor Dias**, membro suplente do CC — intervenção da comissão de Redacção ■ **Álvaro Cunhal**, intervenção de encerramento.

PCP



temas. Como diria Gorjão Duarte, a incapacidade dos governos PS, PSD e CDS ao longo dos últimos nove anos resulta da **contradição insolúvel entre os seus objectivos e políticas concretas por um lado e as novas realidades económico-sociais e as aspirações da generalidade do povo português, por outro lado.** Carlos Carvalhas recordou que o PCP desde há muito analisou em profundidade a questão da CEE e da política de integração do nosso país, salientando a dada altura: «o PCP considera que a integração não é inevitável, que deve continuar a ser firmemente combatida e está certo que a última palavra caberá ao povo português».

A situação da agricultura e os problemas do campesinato subiram à tribuna da Conferência Nacional do PCP com a intervenção de **Agostinho Lopes**, membro do Comité Central, que sublinharia: «Nas vésperas de eleições legislativas é justo valorizar o importante contributo que os agricultores portugueses deram para a derrota do Governo PS/PSD durante estes dois anos».

#### Cumprida a «regra de ouro»

Autor Vidal Pinto, membro suplente da Comissão Política do PCP, foi o porta-voz da comissão de verificação dos mandatos da Conferência. Na breve informação aí prestada, divulgaria, entre outros, os seguintes elementos:

«Da apreciação efectuada à composição social dos delegados, destacamos serem 76,3% de operários e empregados, dos quais 40,5% são operários industriais, agrícolas e pescadores. Quanto aos restantes 14,1% dos delegados são intelectuais e quadros técnicos, 2,2% são agricultores e comerciantes e industriais e 7,4% são de origem diversa. Assinalamos também que a participação das mulheres no conjunto dos delegados é de 18,8% o que, sendo significativo, não é ainda satisfatório.»

#### 23,6% dos delegados com menos de 30 anos

E mais adiante, revelou Vidal Pinto:

«Quanto à composição etária, verifica-se uma larga participação da juventude, demonstrada na presença de 23,6% de dele-

que constituirão as próximas eleições legislativas.»

Sobre a Festa do «Avante!» e particularmente sobre as tarefas necessárias para erguer a 10.ª edição do convívio popular mais fraterno do Portugal de Abril falou **Dias Lourenço**, membro da Comissão Política do Partido e director do nosso jornal, que diri-

ge evidenciaram ao longo do plenário. Também para esta intervenção final do dirigente comunista, que publicamos noutra local, chamamos a atenção dos nossos leitores.

#### O PCP está preparado! Ao trabalho!

Já com as alterações introduzidas no decorrer dos trabalhos, é lido o projecto de Proclamação Eleitoral. Depois, vem a votação. Momento vibrante da Conferência, que se aproxima do seu fim, é com uma calorosa ovação, com aplausos e palavras de ordem, que reflectem firmeza e determinação do colectivo partidário, que todos os delegados erguem os cartões vermelhos. Estava aprovada a Proclamação, guia fundamental para o trabalho a desenvolver no quadro das responsabilidades e tarefas dos comunistas para as eleições legislativas que se aproximam. Sentimento vivido do princípio ao fim dos trabalhos, o entusiasmo que reinou no pavilhão do Sacavenense subia de tom nestes momentos derradeiros. Era uma forma de dizer colectivamente: **o PCP está preparado! Ao trabalho!**

A Internacional, o Hino Nacional e, claro está, a «Carvalho», a bela música da APU para esta campanha, fecharam a Conferência.

giu um apelo à participação nos trabalhos de implantação e montagem da Festa no Alto da Ajuda.

**Vitor Dias**, membro suplente do CC, e um dos camaradas que trabalhou na comissão de redacção da Conferência, deu um breve esclarecimento sobre os melhoramentos e alterações introduzidas no texto do projecto de Proclamação.

O secretário-geral do PCP fechou o conjunto de intervenções da Conferência, destacando alguns aspectos fundamentais que

gados com menos de 30 anos. Ocupam a faixa etária dos 30 aos 50 anos 62,8% dos delegados e 13,6% dos delegados têm mais de 50 anos.

A média geral de idades dos delegados é de 34 anos.

Em conclusão: a Comissão de Verificação de Mandatos declara que esta Conferência Nacional está em condições plenas de aprovar as linhas de orientação que representarão um importante e seguro guia para a acção de todos os comunistas portugueses na grande batalha política

## O estilo da campanha

A nossa campanha pré-eleitoral e eleitoral deverá caracterizar-se por quatro traços essenciais: 1.º — a confiança na vitória; 2.º — a larga mobilização de quadros do nosso Partido e activistas da APU; 3.º — o intenso contacto com as massas populares conjugando diferentes meios de intervenção eleitoral; 4.º — a articulação da batalha eleitoral para a Assembleia da República com a preparação das eleições autárquicas.

1.º — **A confiança na vitória** é essencial para vencer e assenta em sólidas razões. Assenta na nossa luta, na nossa ligação ao povo, no nosso conhecimento das realidades, dos problemas concretos e das propostas que temos para os resolver.

Por mais que voem avionetas, saltem pára-quadristas, expludam raios laser, há factos indelévelmente que deveremos saber valorizar e que reforçam a nossa confiança tais como: — que a realização destas eleições é já uma grande vitória das forças democráticas sobre a política reaccionária, contrária aos interesses populares e nacionais, prosseguida nos últimos nove anos pelos governos do PS, PSD e CDS; — que são estes partidos os responsáveis, em conjunto, pela situação dos trabalhadores, do povo e do País, por mais que mudem de «leaders» e se atribuam mutuamente responsabilidades; — que há uma política para resolver os grandes e graves problemas nacionais e melhorar as condições de vida e bem-estar dos portugueses, nomeadamente dos trabalhadores, dos pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais, dos jovens, das mulheres e dos reformados, política detalhadamente desenvolvida no Programa Eleitoral do PCP e referida, no que toca aos problemas mais prementes no Programa de Máxima Urgência, da APU».

Mas não apresentamos apenas uma proposta de política. Apresentamos também uma proposta de Governo para a executar, o Governo Democrático de Salvação Nacional.

Dispomos de uma vantagem única: a nossa firmeza na luta, o termos denunciado ao longo dos anos a política de direita do PS, PSD e CDS como prejudicial aos interesses nacionais, a nossa oposição aos sucessivos governos, a nossa acção construtiva, nomeadamente na Assembleia da República e nas autarquias. Temos pois todas as razões para imprimir uma grande dinâmica de vitória a toda a nossa intervenção eleitoral.

2.º **A larga mobilização dos militantes do PCP e dos activistas da APU** será a resposta justa, necessária e adequada à mentira, à manipulação, à demagogia e aos grandes meios propagandísticos dos outros partidos. A nossa principal riqueza são os nossos quadros, os homens, mulheres e jovens que generosamente lutam pelo bem-estar do nosso povo. A cada um e a todos apelamos para que dêem tudo por tudo nestas batalhas. Há muitas pessoas, sobretudo, mas não só, ex-eleitores de outros partidos que se deixaram vencer pelo desencanto, pelo desalento, que afirmam que nada mudará com estas eleições.

Há que combater tais ideias e mobilizar para a luta para ganhar o voto destes eleitores. Mas mobilizar para a luta exige, uma vez mais, confiança na vitória.

3.º **A campanha eleitoral da APU deve caracterizar-se ainda por um intenso contacto com as mais amplas massas populares** com os eleitores onde quer que estejam, em particular com os trabalhadores e as camadas e sectores que foram mais duramente afectados pela política de direita dos últimos nove anos.

Os comunistas são parte do povo e são a verdadeira voz do povo. Vamos prosseguir os comícios e as sessões de esclarecimento; vamos acentuar as formas de contacto mais directo com os eleitores, em especial o porta-a-porta, as visitas e distribuição de documentos nas empresas, bairros e mercados; nos meios urbanos, vamos utilizar também as caixas do correio; vamos valorizar a propaganda sonora, utilizar filmes, diaporamas, video, murais, cartazes, exposições, faixas, pendões, vamos realizar uma campanha de animação político-cultural com a contribuição de um elevado número de artistas de grande qualidade.

Fizemos ontem o balanço do trabalho já realizado e do que está programado para a campanha eleitoral à escala nacional. Pode concluir-se que se tudo o que já está programado (e muitas mais acções ainda o serão) for concretizado, teremos, sem dúvida, uma formidável campanha eleitoral.

O esclarecimento de responsabilidades e a divulgação da luta e das propostas do PCP em relação aos problemas sociais assume a maior importância, particularmente em distritos como Aveiro, Braga e outros, em empresas com centenas e até milhares de trabalhadores que votaram nos partidos que têm estado no governo (PS, PSD e CDS) e que puderam verificar nos últimos anos que foram enganados e estão agora profundamente descontentes com o brutal agravamento das suas condições de vida. A campanha e a pré-campanha não devem ser um somatório de iniciativas sem obedecerem a um plano, a uma ideia, a objectivos claros. Cabe a cada organização (em íntima colaboração com os outros activistas da APU), com base na experiência acumulada, determinar que meios utilizar em função dos sectores sociais que pretendemos tocar; encontrar o argumento, e a palavra certa tendo em conta os problemas, a sensibilidade, o desenvolvimento cultural e político de quem nos ouve.

Propaganda sonora a horas muito matutinas numa zona dormitório, distribuição a jovens de documentos para reformados ou vice-versa, deitar documento em doses maciças para a rua à espera que as pessoas os apanhem e não os confundam com lixo, são naturalmente erros a evitar a todo o custo.

4.º **A articulação, de forma adequada, a cada situação concreta, da batalha eleitoral para a Assembleia da República com a preparação das eleições autárquicas e dos problemas nacionais com os problemas regionais e locais** e a valorização da nossa experiência, das nossas propostas e dos nossos candidatos às eleições autárquicas poderão contribuir, positivamente em muitos casos, para os resultados das próprias eleições para a Assembleia da República.

Teremos que intensificar muito o trabalho de completar as listas para as autarquias e estarmos vigilantes e exigirmos do governo que seja respeitada a legalidade, assegurando-se a marcação da data das eleições autárquicas durante o mês de Setembro.

Sem especialistas estrangeiros, sem rios de dinheiro (de proveniência inconfessável), sem grandes e sofisticadas «estratégias de marketing», com as nossas forças, os nossos militantes, os nossos activistas, com os nossos companheiros do MDP/CDE, independentes e do partido «Os Verdes», com a confiança que em nós e na nossa razão têm muitos portugueses, temos condições para transformar as eleições numa grande vitória e numa decisiva contribuição para o nosso rumo para salvar o País no caminho de Abril.

(Carlos Costa na Conferência Nacional do PCP)

PCP

Camaradas:  
Esta Conferência Nacional do nosso Partido tem como assunto as eleições antecipadas para a Assembleia da República que devem realizar-se no dia 6 de Outubro.

A própria ordem de trabalhos da Conferência Nacional é testemunho de dois acontecimentos de excepcional importância na vida política: a demissão de Mário Soares e do seu Governo PS/PSD e a dissolução da Assembleia da República, onde os partidos do Governo dispunham de maioria dos deputados.

O primeiro e mais saliente significado destes dois acontecimentos (que deve estar presente em toda a nossa análise da situação actual e das próximas eleições) é que se trata, não de factos triviais, mas de uma grande derrota de Soares, do PS, do PSD e dos seus planos e de uma grande vitória política do povo português, do regime democrático, das instituições e também (é justo dizê-lo) do nosso Partido.

**Vitória do povo, da democracia e do Partido**

A vitória do povo, da democracia e do Partido tem vários aspectos a considerar.

Foi vitória porque foi contida a política de destruição sistemática e acelerada que estava a ser realizada pelo Governo.

Foi vitória porque o PS e o PSD foram impedidos de se realizar o seu plano calendarizado que visava a liquidação completa das conquistas de Abril e a completa subversão do regime democrático no primeiro semestre de 1985.

Foi vitória porque, embora o PS e o PSD tivessem maioria de deputados e portanto suporte parlamentar, caíram a metade do tempo do seu mandato.

Foi vitória porque Mário Soares, o seu Governo, o PS e o PSD foram derrotados pela luta firme, determinada e confiante do povo português, tendo à sua frente a classe operária, que, pela sua consciência política, tenacidade, organização, coragem e heroísmo deu novas provas nesta fase da vida nacional de ser a força social de vanguarda na defesa do regime democrático conquistado com a revolução de Abril.

Foi vitória, porque, com as eleições antecipadas de 6 de Outubro, se abre ao povo português uma oportunidade e possibilidade institucional para, através do voto, pôr definitivamente termo à política de direita e aos governos de direita, à obra de destruição e desastre prosseguida ao longo dos últimos 9 anos e abrir caminho a um governo democrático e a uma política democrática que faça o País sair da crise e resolva os gravíssimos problemas nacionais existentes.

Num alarde de mentiras e demagogia, Mário Soares, o PS, o PSD e toda a sua monstruosa propaganda procuraram ocultar e fazer esquecer esta grande derrota que sofreram.

Numa grande operação eleitoralista, tanto o PS como o PSD falam das próximas eleições como se qualquer deles pudesse alcançar maioria absoluta.

O facto é que **Mário Soares, o PS e o PSD partem para as eleições de 6 de Outubro, na posição de vencidos. E o PCP, a APU, os trabalhadores, as massas populares, todos os verdadeiros democratas e patriotas, que se opuseram ao Governo PS/PSD, partem na posição de vencedores.**

É tarefa central do nosso Partido e do nosso povo nas eleições de 6 de Outubro, confirmar com o voto a derrota do PS, do PSD e de toda a reacção e a vitória do povo e da democracia.

**PS, PSD, CDS directos responsáveis pela crise**

Mário Soares, o PS, o PSD e toda a sua monstruosa propaganda procuram também fazer esquecer todos os danos (que atingem em muitos aspectos o carácter de verdadeiros crimes) que fizeram ao povo e ao país.

Não conseguiram.  
Não. O povo não está esquecido nem esquecerá a obra de destruição, desastre, fome e miséria do Governo PS/PSD.

Os homens do Governo vêm gabar-se de ter melhorado a situação do País.

Mas que se verifica?  
O balanço do Governo PS/PSD, no seguimento da acção do Governo PSD/CDS e dos outros governos de direita anteriores, é atterrador.

Al pelas ruas de Lisboa, num estendal de propaganda comercial que custa certamente muitos milhares de contos (mais adequadamente centenas de milhares de dólares) Mário Soares gabava-se ufano: «Conseguimos».

Refere-se à entrada na CEE.  
E de facto conseguiu. Sem informar devidamente o povo das negociações, das cláusulas capitulacionistas aceites, das consequências, conseguiu essa operação desastrosa para a economia e o futuro de Portugal.

Mas, justiça lhe seja feita. Com o PS, com o PSD, com o apoio mal disfarçado do CDS, conseguiu muito mais.

Mesmo sem considerar todos os males que conseguiu causar ao nosso povo com o Governo do PS sozinho em 1976; sem considerar o Governo PS/CDS em 1977; sem considerar a cumplicidade com a «AD» em numerosas medidas antidemocráticas e na revisão anticonstitucional da Constituição; — **Mário Soares (com o seu Governo PS/PSD) conseguiu chegar ao fim de dois anos do seu mandato com um balanço de resultados que por si só constitui uma condenação a pena capital da política seguida e do Governo e dos partidos que a praticaram.**

Conseguiu levar a economia portuguesa a uma profunda depressão, com a recessão, a desorganização, a desestabilização e

**Álvaro Cunhal**

**O aumento da votação na APU e o reforço substancial dos Grupos Parlamentares do PCP e do MDP/CDE constituem condição insubstituível para uma viragem democrática na política nacional**

a anarquia do processo produtivo e de todas as actividades económicas.

Conseguiu que, em 1983 e 1984, a produção industrial registasse uma redução de 2,5% e a construção civil uma baixa de 10%.

Conseguiu a destruição progressiva de sectores básicos como a indústria naval, a siderurgia, a metalomecânica pesada e áreas da petroquímica.

Conseguiu provocar a diminuição da produção agrícola, a degradação do efectivo pecuário, a ruína de milhares de pequenas e médias explorações.

Conseguiu, nas pescas, a destruição das empresas públicas, o abandono das obras de portos e da rede do frio, a entrega da Zona Económica Exclusiva.

Conseguiu nos transportes a rápida degradação da frota, com relevo para o desmantelamento e liquidação da frota mercante.

Conseguiu a quebra da Formação Bruta de Capital Fixo em 26% e a quebra dos investimentos na indústria transformadora em 51%.

Conseguiu a degradação dos circuitos comerciais e a ruína de milhares de pequenos comerciantes.

Conseguiu o agravamento colossal do endividamento das empresas públicas, do Estado e do País, a pré-ruptura do sistema financeiro em que se torna crónica a falta da rentabilidade da banca comercial e em que o Banco de Portugal continua a evitar défitas à custa da venda de ouro.

Conseguiu que a dívida externa subisse de 14 550 milhões de dólares em Junho de 1983 para 15 700 milhões em Maio de 1985.

Conseguiu, com os despedimentos, o «lay-off», a sabotagem das empresas públicas, a ofensiva contra a reforma agrária e a recessão económica, a liquidação de milhares de postos de trabalho de forma que o número de desempregados atingiu os 600 000 dos quais 300 000 jovens.

Conseguiu que Portugal desse ao Mundo o degradante exemplo de mais de 150 000 trabalhadores com salários em atraso.

Conseguiu uma baixa vertical dos salários reais e a liquidação de numerosos benefícios sociais.

Conseguiu elevar de tal forma os preços que a população viu descer verticalmente o seu poder de compra.

Conseguiu tirar a centenas de milhares de jovens tanto o emprego como a escola.

Conseguiu privar dos cuidados de saúde a maioria dos portugueses, aprovar a lei das rendas e privar milhares de famílias do direito à habitação.

E preparavam-se ainda para «conseguir» mais no caminho de destruição das conquistas democráticas, no caminho do desastre económico, da ruptura financeira, do agravamento dramático da situação social e da dependência externa.

Só não o conseguiram, porque os trabalhadores e as massas populares se levantaram para a luta, resistiram, se opuseram e com a sua determinação, a sua coragem, o seu heroísmo, a sua persistência e confiança também, pela sua parte, conseguiram alguma coisa e não foi pouco: conseguiram a derrota e a demissão de Mário Soares e do Governo PS/PSD, conseguiram a dissolução da Assembleia da República e o consequente desaparecimento da chamada «malor maioria de sempre» e conseguiram as eleições antecipadas de 6 de Outubro nas quais o povo português tem uma oportunidade de derrotar definitivamente Soares, PS e PSD, e criar uma alternativa democrática.

**Não os deixaremos fugir à responsabilidade**

Agora todos querem fugir à responsabilidade pelo desastre e que conduziram ao País.

Agora Mário Soares desapareceu da cena como Primeiro-Ministro e (violando a lei que proíbe propaganda comercial depois de marcadas as eleições) aparece em cartazes emoldurados como se nada tivesse a ver com as nefastas consequências da política dos últimos anos.

E toma essa atitude para que se esqueça que continua a ser Primeiro-Ministro, derrotado e demitido e que é o responsável n.º 1 da desastrosa política dos últimos anos.

Agora é Almeida Santos que aparece como testa de ferro de Mário Soares, não como ministro de Estado, também altamente responsável pela política do Governo PS/PSD, mas com o original e carnavalesco disfarce de «candidato a Primeiro-Ministro», figura que como todos sabem não existe no sistema eleitoral português.

Agora é o PSD com Cavaco à janela a atacar o Governo a que o PSD pertenceu e continua a pertencer, na política do qual tem responsabilidades iguais às do PS e no qual continua coligado e cúmplice ao mesmo tempo que estabelece novas coligações PS/PSD para as eleições nas autarquias.

Agora é também o CDS a falar como se fosse uma real oposição quando apoiou as piores decisões, actuações e leis do Governo PS/PSD sendo por isso igualmente responsável.

Agora PS, PSD, CDS, todos três, prometem anular muito do que decidiram. Todos prometem fazer aquilo que não fizeram. Todos prometem uma nova política para resolver os problemas que eles próprios criaram.

E para cúmulo, numa autêntica farsa, de que o projecto de um debate único entre Cavaco Silva e Almeida Santos é um episódio, PS e PSD, que continuam sendo cúmplices, conluídos e coligados, procuram apresentar-se como duas alternativas diferentes, como duas opções possíveis, talvez obedecendo às indicações públicas do futuro embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, segundo as quais em Portugal deveria haver apenas dois partidos de alternância e (evidentemente) com poucas diferenças de programa...

Nos Estados Unidos, os dois partidos que monopolizam o poder em alternância têm como símbolos um elefante e um burro. Mas, seguindo o conselho e o exemplo vindos dos Estados Unidos, o PS e o PSD na sua mascarada de partidos concorrentes e alternantes ainda não disseram qual pretende ser o elefante e qual pretende ser o burro.

Não, não os deixaremos fugir às responsabilidades. Não deixaremos que o povo esqueça que os mais graves problemas que o atormentam foram resultado directo da política e da actuação de Mário Soares e do seu Governo PS/PSD, coadjuvado pelo CDS. Mário Soares, o PS e o PSD já começaram a pagar uma parte do preço dos seus malefícios com a demissão do Governo e a dissolução da Assembleia da República onde tinham maioria de deputados. Devem pagar mais uma parte, sendo corridos efectivamente do poder pelo resultado das eleições de 6 de Outubro.

**Para salvar o País: novo rumo no caminho de Abril**

Para salvar o País há que pôr definitivamente termo à política dos últimos 9 anos que sacrificou a economia nacional, o bem-estar do povo, importantes aspectos da independência nacional, ao plano de restauração do capitalismo monopolista liquidado pela revolução democrática.

Há que pôr termo ao desestabilizador e destruidor processo contra-revolucionário: à ofensiva contra as nacionalizações, à ofensiva contra a reforma agrária, à ofensiva contra os direitos dos trabalhadores, à ofensiva contra os direitos dos agricultores, à ofensiva contra o poder local democrático, à ofensiva contra as liberdades e direitos dos cidadãos.

Há que virar o rumo 180 graus e retomar o caminho de Abril.

Da experiência de 9 anos de agravamento constante e progressivo da situação económica, financeira, social e política, é forçoso tirar dois ensinamentos.

O primeiro: Para a saída da crise, para a recuperação económica e a solução dos problemas nacionais é indispensável acabar de vez com as tentativas de destruição das conquistas de Abril (como têm feito e pretendem continuar a fazer PS, PSD e CDS) e, precisamente ao invés, consolidar definitivamente essas conquistas de valor histórico.

O segundo: para a saída da crise, para a recuperação económica e a solução dos problemas nacionais, é indispensável acabar de vez com revisões da Constituição para servir interesses ilegítimos e planos subversivos de partidos (como já fizeram e pretendem de novo fazer PS, PSD e CDS) e, precisamente ao invés, conformar a política do país ao regime democrático consagrado na Constituição.

No «Programa Eleitoral» já divulgado, que contém as linhas de orientação e medidas relativas a todos os sectores da actividade governativa, o PCP renova a proposta de uma política alternativa à política dos últimos 9 anos.

É uma política de respeito e defesa das liberdades, da legalidade, da estabilidade das instituições. É uma política económica de recuperação efectiva e de desenvolvimento para vencer a crise. É uma política de melhoramento das condições de vida material e cultural do povo. É uma política externa de independência, paz e cooperação.

É uma política democrática e patriótica baseada na mobilização dos recursos, energias, capacidades e potencialidades nacionais.

Nós, comunistas, não aceitamos que Portugal seja condenado a ser um parente pobre, submetido, humilhado e submisso na casa rica dos tios da CEE.

Não aceitamos que Portugal esteja condenado a ser um importador de produtos industriais, um produtor de matérias-primas e de componentes e um fornecedor de força de trabalho a baixo preço.

Não aceitamos que Portugal destrua a sua agricultura para plantar eucaliptos e fabricar pasta de papel, passando a ser o vazadouro da poluição que os países desenvolvidos rejeitam.

Lutamos e lutaremos para que Portugal, aproveitando, para bem do seu povo, as suas riquezas próprias, os seus recursos, as suas potencialidades, as suas capacidades, o seu trabalho, seja, no caminho do socialismo, um país verdadeiramente livre, democrático e independente.

É esse o objectivo da nossa política e da proposta que fazemos ao País.

A tarefa que se coloca a um futuro Governo democrático não é porém apenas realizar uma política a médio e a longo prazo. Existem gravíssimos problemas que exigem decisões de carácter excepcional.

No quadro da política económica, financeira e social de um governo democrático (tal como o «Programa Eleitoral» do Partido explicita) impõem-se medidas urgentes e imediatas.

O «Programa de Máxima Urgência» da APU, aprovado pelo PCP e o MDP/CDE indica uma série de medidas a realizar por um governo democrático até fins do ano corrente ou a serem incluídas no Orçamento do Estado para 1986.

São medidas urgentes para arrancar com a recuperação económica — como a reanimação das empresas públicas e da construção civil, o apoio à agricultura, às pescas e à marinha mercante, o desbloqueamento dos grandes projectos de interesse nacional, uma campanha de poupança de recursos, a paralisação do processo de integração na CEE e o empreendimento da renegociação da dívida externa.

São medidas urgentes para dar solução às injustiças sociais mais flagrantes, garantir os direitos dos trabalhadores e melhorar a vida do povo — como um programa para pagamento dos salários em atraso, a actualização do salário mínimo nacional, o aumento do valor mínimo das reformas e pensões, a contenção do aumento dos preços, o funcionamento de centros de saúde e hospitais já construídos, uma campanha para a formação profissional da juventude, a distribuição de leite às crianças nas escolas, a revogação das leis dos contratos a prazo, do «lay-off» e das rendas.

São medidas urgentes para estabilizar a vida nacional no quadro das liberdades e da democracia — como a anulação da autorização dos bancos privados e a nacionalização dos já autorizados, a revogação da legislação que abriu sectores básicos ao grande capital, o termo definitivo da ofensiva contra a reforma agrária, a instauração da legalidade e do pluralismo na RTP e RDP, o bloqueamento da instalação dos Serviços de Informação, a revogação da lei dos aumentos e reformas para membros do governo e deputados, o firme combate à corrupção.

São medidas urgentes para garantir a independência nacional — como o cancelamento da instalação da estação de rastreio de mísseis de Almodôvar, a proibição de armazenamento, estacionamento ou trânsito de armas nucleares em território português e iniciativas diplomáticas com vistas ao desenvolvimento diversificado das relações internacionais, ao bom relacionamento com Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe, e ao reconhecimento do direito do povo de Timor-Leste, cuja justa causa sofre agora novas ameaças, à autodeterminação e à independência.

Como sublinha o «Programa de Máxima Urgência», uma grande vitória da APU nas eleições, conduzindo à formação de um governo democrático, é a garantia de que essas medidas serão aplicadas e realizadas.

**Proposta do PCP — Governo Democrático de Salvação Nacional com participação comunista**

Os governos de coligação de direita (com ou sem o PS) já mostraram ser uma forma falhada, inadequada e nociva de gover-



no, que não tem qualquer correspondência com o país real que somos depois do 25 de Abril, com as exigências da organização económica, social e política do País, com a armadura e correlação das forças sociais e políticas.

Foram esses governos que mergulharam Portugal na crise profunda em que se encontra. Não serão governos do mesmo tipo que conseguirão fazê-lo sair da crise.

Portugal tem absoluta necessidade de abandonar de vez a formação de governos cuja política e cuja gestão dos recursos e dinheiros públicos são determinadas por interesses ilegítimos, pela partilha de cargos e benefícios, por mesquinhas querelas partidárias, pela satisfação de ambições pessoais.

A situação económica, financeira e social e os problemas existentes atingiram tal gravidade que se impõe a mobilização de todas as energias e capacidades nacionais, o que implica um grande esforço nacional, o esforço conjunto de todos aqueles que com o povo português querem sinceramente resolver os problemas e salvar o País.

Daí a proposta, que o PCP renova, da formação de um Governo Democrático de Salvação Nacional, não na base de coligações, mas com a participação de democratas e patriotas (qualquer que seja o campo político em que se têm situado) determinados a atacar com êxito a crise e a resolver os problemas nacionais.

Em vésperas de eleições em que o povo é chamado a decidir da futura política do País, fazendo-se o balanço dos últimos 9 anos, duas conclusões se confirmam com cada vez maior nitidez. A primeira é que está condenada à falência qualquer política que tenha como alvo central das suas ofensivas e dos seus ataques o PCP e os trabalhadores.

A segunda é que sem o PCP e sem os trabalhadores os problemas nacionais não podem ser resolvidos. Por outras palavras: a participação do PCP e dos trabalhadores é indispensável para que o País possa sair da crise e os problemas nacionais possam ser resolvidos.

O PCP confirma que após as eleições de 6 de Outubro está pronto a assumir as suas responsabilidades na formação de um Governo Democrático de Salvação Nacional.

A perspectiva de participação do PCP no Governo tem sido sistematicamente contestada tanto pelo PS, PSD e CDS, como por governos estrangeiros que os apoiam, sobretudo quando se realizam eleições e têm receio do progresso do PCP.

Nós rejeitamos firmemente quaisquer ingerências ou pressões externas na política portuguesa. Rejeitamos firmemente as pressões dos Estados Unidos assim como de certos círculos da CEE para determinarem a organização económica e o regime político de Portugal e indicarem quais as forças políticas que devem e as que não devem estar no Governo.

É ao povo português e só ao povo português que cabe decidir do regime social e político na nossa pátria.

É ao povo português e só ao povo português que cabe decidir quem deve governar Portugal.

No dia em que o povo português decidir que o PCP deve formar governo, o PCP formará governo e o povo pode estar certo que o PCP será capaz de resolver os problemas do País, assegurando o desenvolvimento económico, o melhoramento das condições de vida, a democracia política e a Independência nacional.

**Os 3 grandes objectivos nas eleições de 6 de Outubro**

Definidas a política necessária e as soluções políticas e institucionais para uma alternativa — quais são os objectivos que se colocam, não apenas ao nosso Partido mas ao povo português, nas próximas eleições para a Assembleia da República?

O primeiro objectivo respeita a Mário Soares e ao Governo PS/PSD, que foram derrotados, que estão demitidos, mas que (contra os interesses da democracia, da legalidade, da democrati-

cidade das eleições) se encontram ainda no poder como governo de gestão.

O primeiro objectivo nas eleições de 6 de Outubro é atirar definitivamente para a rua o Governo Mário Soares/PS/PSD.

O segundo objectivo respeita, não já só ao Governo de Mário Soares, ao Governo PS/PSD, mas à política de direita deste Governo e dos anteriores governos, aos governos do PS, do PSD e do CDS que desgovernando o País desde 1976, desenvolvendo um processo contra-revolucionário cujo alvo estratégico fundamental, a restauração do poder dos monopólios e dos latifúndios, conduziram o País à desastrosa situação em que se encontra.

Assim, o segundo objectivo nas eleições de 6 de Outubro é pôr fim ao tenebroso processo contra-revolucionário, é pôr termo à política de direita e a governos de direita (com ou sem o PS).

O terceiro objectivo respeita; não àquilo que se rejeita, àquilo que se não quer mais, mas àquilo que é necessário ao povo e ao País, à viragem que se impõe na política nacional.

Assim, o terceiro objectivo nas eleições de 6 de Outubro é criar condições para a formação de um governo que ataque com decisão e resolva os gravíssimos problemas nacionais, para o que é indispensável que, rejeitando e abandonando os planos e programas de direita, a política nacional siga novo rumo, retomando os caminhos de Abril.

São estes os 3 grandes objectivos que se colocam não apenas ao nosso Partido, mas ao povo português nas eleições para a Assembleia da República de 6 de Outubro.

Estão ou não estes objectivos ao nosso alcance?

A resposta da nossa Conferência Nacional a esta pergunta será clara. Sim, esses objectivos estão ao nosso alcance e vamos para a batalha eleitoral com confiança em que serão alcançados.

Lançando a campanha para as eleições legislativas de 6 de Outubro não esqueçamos que temos também por diante este ano e no princípio do ano próximo outras eleições.

Quanto às eleições presidenciais, podemos estabelecer nesta nossa Conferência Nacional que, após as eleições de 6 de Outubro, o PCP anunciará se apresentará ou não um candidato próprio.

Quanto às eleições autárquicas, temos que continuar activamente a preparação paralela e em muitos casos de forma conjunta com a campanha eleitoral para as eleições legislativas.

Os nossos objectivos estão definidos e tudo indica que também os alcançaremos. E onde PS e PSD (pondo à mostra o tartufo dos seus supostos conflitos) se estão a coligar para tentarem tirar à APU a gestão de municípios e freguesias, estamos a trabalhar para repetirmos a lição que já lhes demos noutros casos: **passarmos de maioria relativa para maioria absoluta.**

**Recusar o voto no PS/PSD/CDS nos quais ninguém pode acreditar**

Voltando às eleições para a Assembleia da República. O que é necessário para pôr termo à política de direita e aos governos de direita? Para pôr termo à política de destruição, desastre, de-semprego, miséria e fome?

Quais são as tarefas que se nos colocam na campanha eleitoral para que esse objectivo seja alcançado?

A primeira grande tarefa é esclarecer em toda a parte o povo português acerca das causas e dos responsáveis pela situação a que o País chegou.

A segunda grande tarefa é vencer em toda a parte o povo português de que votar no PS, no PSD e no CDS é votar para que continue essa política de destruição, de fome e de miséria, que levantou o povo contra Mário Soares e contra o Governo do PS/PSD, como levantou anteriormente o povo contra o Governo da «AD», como levantou anteriormente o povo contra outros governos de direita.

Numa campanha desenfadada coberta pela Comunicação Social do Estado, o PS, o PSD e o CDS fazem solenemente promessas de que irão resolver os problemas quando afinal foram eles próprios que os criaram e, se se mantivessem no poder, não só os não resolveriam, como continuariam a agravá-los.

Eles são os responsáveis pela recessão das actividades produtivas, pelo endividamento das empresas, do Estado e do País, pelo afundamento da economia portuguesa na crise em que se encontra. Mas prometem solenemente (como os ovínos prometer há mais de 9 anos) a recuperação económica.

Eles são os responsáveis pela praga dos salários em atraso. Mas prometem solenemente medidas para solucionar o problema.

Eles são os responsáveis pela gravíssima crise da habitação, pela proliferação dos bairros de barracas, pelas rendas inacessíveis como bem mostra a lei das rendas que aprovaram nas vésperas da dissolução da Assembleia da República. Mas prometem solenemente grandes planos para solucionar o problema.

E assim por diante.

PS, PSD e CDS, tudo prometem ao povo em vésperas de eleições. Passadas as eleições não cumprem uma só das promessas que fazem.

Quem pode acreditar em Mário Soares que nestes 11 anos deccorridos desde o 25 de Abril, mil vezes jurou e mil vezes perjuro?

Quem pode acreditar no PS quando subitamente volta a dizer que combate a direita, quando o PS com Mário Soares está identificado com a direita nos aspectos fundamentais da sua política, quando não tem feito senão alianças com a direita, quando está no Governo com a direita e se prepara para depois das eleições continuar essa política de direita e coligações de direita?

Quem pode acreditar em Cavaco Silva quando ataca a política de um governo de que o seu partido é corresponsável? Quando ataca o PS com o qual o seu partido, o PSD, continua no governo e conclui coligações para as eleições autárquicas.



PCP

Intervenção  
de ALVARO CUNHAL

Poderá dizer-se que os factos são tão evidentes que ninguém mais se deixará enganar.

Poderá lembrar-se a situação semelhante ocorrida em 1983: a desastrosa política da «AD» (ou seja do PSD e CDS), o Governo «AD» demitido, a Assembleia da República da maioria «AD» dissolvida, as promessas de Mário Soares de uma mudança, as eleições antecipadas, e logo depois a aliança, a coligação e o governo do PS com o PSD e toda a sua actuação antipopular, antidemocrática e antinacional. Tudo isso se pode e deve lembrar e poderá concluir-se que tais factos são tão evidentes que o povo português não cairá noutra.

Mas não podemos nem devemos subestimar a influência da colossal campanha de desinformação, de mentira, de demagogia que o PS, o PSD e o CDS estão realizando.

É triste verificá-lo. Mas a verdade é que há ainda muito quem esteja enganado. E muito quem se deixe enganar.

Por isso, na campanha eleitoral, temos por diante um imenso trabalho de esclarecimento.

Uma ideia deve ficar bem presente no espírito do eleitorado. **Qualquer Governo PS, PSD e CDS que se formasse depois de 6 de Outubro seria uma nova vaga de destruição, de despedimentos, de aumentos de preços, de ruína, de falências, de concessões ao estrangeiro.**

**Por isso recusar o voto ao PS, ao PSD e ao CDS é a primeira decisão para que temos de ganhar grande parte dos portugueses e portuguesas que nas anteriores eleições votaram nestes partidos e que foram duramente atingidos pela actuação que eles tiveram em sucessivos governos.**

### Votação em massa na APU a certeza de uma política e a única esperança de uma solução democrática

Não basta porém esclarecer em que partidos não deve votar o povo português. Há também que esclarecer em que partidos deve votar. Essa é também a nossa tarefa na campanha eleitoral.

Ao mesmo tempo que devemos esclarecer o povo do voto errado temos de esclarecê-lo do voto certo.

Quem quer que examine com atenção e objectividade a evolução da situação portuguesa e os programas, as actividades, as posições, as declarações, a força organizada e a influência dos vários partidos, chegará necessariamente a uma conclusão de capital importância: a conclusão é que o PCP e a APU são indispensáveis para qualquer solução democrática.

E daí, outra conclusão relativa às eleições de 6 de Outubro: o aumento da votação na APU e o reforço substancial do número de deputados dos Grupos Parlamentares do PCP e do MDP/CDE, além da eleição de representantes do partido «Os Verdes» e de independentes que concorrem nas listas da APU, constituem condição insubstituível para uma viragem democrática na política nacional.

**Não existe nenhuma outra força política que possa substituir neste papel o PCP e a APU.**

É certo que, além do nosso Partido e do MDP unidos na APU por um lado, e dos três partidos directamente comprometidos na política de direita dos últimos 9 anos (PS, PSD e CDS) por outro lado, concorre pela primeira vez às eleições o Partido Renovador Democrático (PRD), partido apoiante do actual Presidente da República, general Ramalho Eanes.

Como temos dito, este partido, pelas suas origens e a sua génese, pode ter um papel positivo para uma nova arrumação e correlação das forças políticas na Assembleia da República e no País e para uma saída institucional para a crise.

## Intervenção de encerramento

Camaradas:  
Chegam ao fim os trabalhos da Conferência Nacional do nosso Partido.

Estamos absolutamente certos de que as conclusões e decisões da nossa Conferência Nacional correspondem inteiramente aos interesses fundamentais e às aspirações mais profundas dos trabalhadores e de toda a população laboriosa de Portugal.

Estamos absolutamente certos de que os trabalhadores, os pequenos e médios agricultores, os intelectuais, os quadros técnicos, as mulheres, a juventude, os pequenos e médios comerciantes e industriais, os reformados, os pensionistas, os deficientes, todos os que sofrem as mais variadas formas de exploração e opressão todos os que sofrem das desigualdades e injustiças sociais — podem encontrar a expressão dos seus interesses, e dos seus justos objectivos no programa, nos objectivos e na actuação do nosso Partido.

A Conferência Nacional confirma uma realidade que todas as forças ao serviço do capital e da reacção procuram esconder: — **que o PCP é o único grande partido que defende sempre, consequentemente e em todas as circunstâncias, os interesses do povo e da pátria.**

Que o PCP é o único grande partido que se mantém fiel a todas as grandes conquistas de Abril que constituem o cerne da democracia portuguesa.

Que o PCP é o grande partido da liberdade, da democracia, do brio, da honra, da soberania e da independência nacionais.

Dentro de momentos vamos votar a **Proclamação Eleitoral** do nosso Partido, que sintetiza o fundamental das nossas análises e das nossas propostas.

É nossa tarefa levar as ideias que contém às mais amplas massas populares, de ponta a ponta do País.

É nossa tarefa esclarecer e convencer o eleitorado de que **só uma votação em massa na APU** pode possibilitar que se ponha fim à política de desastre, fome e miséria e que se salve o País com um novo rumo da política nacional no caminho de Abril.

A nossa Conferência Nacional confirmou que, — com a sua força organizada, o seu conhecimento dos problemas, a verdade, clareza e rigor da sua política, a militância entusiástica dos seus membros, as

Mas, para que desempenhe esse papel uma condição é necessária: que ganhe os seus votos entre aqueles que anteriormente votaram no PS, PSD e no CDS.

Desta nossa conclusão deriva uma outra: **Votos que se deslocassem do PCP e da APU para o PRD, não só não facilitariam uma correlação de forças favorável a uma solução democrática como poderiam inviabilizá-la.**

Por isso inísimos: **Nem um só voto do PCP e da APU se deve deslocar para o PRD ou para qualquer outro partido.**

Pelo contrário: a APU, não só tem de manter o seu eleitorado, como tem de ganhar muitos milhares de votos de eleitores que anteriormente votaram no PS, no PSD e noutros partidos.

Estamos certos de que todos os nossos militantes e simpatizantes, assim como os nossos companheiros do MDP/CDE, os democratas independentes e os companheiros do partido «Os Verdes» que concorrem também como independentes nas listas da APU, vamos todos empenhar-nos nesta tarefa de forma a alcançar com êxito os dois nossos grandes objectivos eleitorais: o aumento da votação na APU e o reforço substancial do número de deputados do PCP, do MDP/CDE e de outros democratas que fazem parte do Povo Unido.

A batalha não será fácil. Porque o Governo de Soares/PS/PSD usurpa funções que lhe não cabem como governo demitido. Porque manipula sem vergonha a comunicação social. Porque usa para fins eleitorais e eleitoralistas as funções governativas, o aparelho do Estado, os recursos públicos. Porque está desde já envenenando a opinião pública, falseando e coagindo os sentimentos e a vontade populares e comprometendo a democraticidade das próprias eleições.

Por isso temos justamente reclamado o imediato restabelecimento da legalidade na RTP e RDP. Por isso temos reclamado a demissão do governo antes de 6 de Outubro e a formação de urgência de um governo que culde dos assuntos correntes do Estado e garanta eleições democráticas.

Devemos continuar a luta com estas justas reclamações e exigências. Mas se não conseguirmos a sua satisfação até 6 de Outubro, devemos segui-las como resultado das eleições.

Com a luta, o povo português derrotou e levou à demissão Mário Soares e o Governo PS/PSD.

**Com o voto, o povo deve confirmar essa derrota infligida a Mário Soares, ao PS e ao PSD e atrá-los definitivamente para a rua, criando condições para a formação de um Governo capaz de fazer o País sair da crise e de resolver os problemas nacionais.**

Nas eleições de 6 de Outubro, o PCP e a APU aparecem na cena política portuguesa como a certeza de uma política alternativa responsável e capaz de resolver os problemas, e como a única esperança de uma solução democrática.

Nós, comunistas, estamos hoje, como sempre estivemos e sempre estaremos, inteiramente ao serviço do povo e da pátria.

Somos um partido que fala verdade porque não teme a verdade. Que é fiel à sua palavra e aos seus compromissos. Que defende as causas justas porque são justas. Que lutou por Abril e continua e continuará a defender Portugal de Abril com todas as suas forças e energias.

Inserida na luta geral dos trabalhadores e de todo o povo português, a batalha eleitoral vai ser uma dura batalha.

Partimos para ela com confiança na vitória.

Por novo rumo da política nacional no caminho de Abril, por um governo democrático com uma política democrática, por uma grande vitória do PCP e da APU nas eleições de 6 de Outubro.

Viva a Aliança Povo Unido!

Viva Portugal de Abril!

Viva o Partido Comunista Português!

suas profundas raízes de classe, a sua influência — o nosso Partido é chamado a dar uma contribuição decisiva para a vitória da democracia, para a formação de um Governo (um Governo Democrático de Salvação Nacional) capaz de fazer o País sair da crise e de resolver os problemas nacionais.

A nossa Conferência Nacional confirmou que o nosso Partido está preparado e pronto para a batalha eleitoral.

Batalha para derrotar a reacção.

Batalha para afastar definitivamente do poder os responsáveis pela gravíssima crise em que o País foi afundado.

Batalha por uma política democrática e nacional que dê ao País novo rumo no caminho de Abril.

Batalha por uma grande vitória do PCP e da APU que será uma vitória do povo português, da liberdade, da democracia, da independência nacional, de Portugal de Abril e das suas conquistas.

Nas grandes lutas sociais e políticas do nosso povo, as mulheres têm estado sempre nas primeiras filas, dando extraordinários exemplos de determinação e de combatividade.

Estamos certos de que as mulheres darão à batalha eleitoral uma contribuição à altura das suas tradições de luta e das responsabilidades que conscientemente assumem na vida nacional.

Também a Juventude ao longo dos anos tem desempenhado destacado papel na heróica luta popular.

A entusiástica participação da juventude nesta nossa Conferência Nacional dá-nos a certeza de que a JCP, vai empenhar-se na campanha eleitoral com todas as suas energias, o seu entusiasmo, a sua alegria.

A campanha eleitoral do PCP e da APU está lançada. Ao trabalho, camaradas, e ao som da Carvalhosa.

Para o aumento dos votos na APU, para o aumento do número de deputados do nosso Partido e dos nossos companheiros do Povo Unido, para uma grande vitória democrática em 6 de Outubro.

Viva a Aliança Povo Unido

Viva o Partido Comunista Português

Viva Portugal

## Programa Eleitoral

# Em breve posto à venda

Apresentado aos órgãos de comunicação social na conferência de imprensa, realizada na passada semana, o Programa Eleitoral do PCP vai ser publicado em breve, num iniciativa das edições «Avante!» (112 páginas, preço 30\$00). Já aqui fizemos referência a esse documento que, como afirmou Carlos Costa aos jornalistas, condensa «de forma aprofundada, sistematizada e desenvolvida as grandes orientações e as medidas globais e sectoriais consideradas ajustadas e necessárias para enfrentar e superar a grave crise que o País atravessa».

A cerca da crise, aliás, e das propostas dos comunistas para a resolver, estabeleceu-se entre os jornalistas e os dirigentes do PCP presentes na conferência de imprensa, um vivo e interessante diálogo, em que quase todos os participantes na mesa tomaram parte. Estavam presentes, além de Carlos Costa, os camaradas Domingos Abrantes, também da Comissão Política e do Secretariado do CC, Zita Seabra, suplente da Comissão Política, Luís Sá e Vítor Dias, do CC, Octávio Teixeira, deputado, e Madalena Santos, da Direcção da JCP.

Caracterizando sumariamente o Programa Eleitoral do PCP, Carlos Costa sublinhou que o documento constitui, por um lado, a consagração do «conjunto de compromissos que o PCP, com pleno sentido das suas responsabilidades nacionais, assume e se compromete a respeitar perante o eleitorado e, por outro, uma sólida contribuição e proposta do PCP para ulterior definição do Programa de um Governo Democrático de Salvação Nacional».

E afirmou: **Contrariamente a toda a política de direita seguida nos últimos nove anos, à orientação e prática de sucessivos governos e coligações do PS, PSD e CDS, aos verdadeiros objectivos que tais partidos continuam a pretender realizar no futuro, o Programa Eleitoral do PCP — é um Programa de**

integral respeito pelo regime democrático consagrado na Constituição da República (e que tem como partes integrantes e indissociáveis a democracia política e os direitos e liberdades dos cidadãos e as transformações realizadas nas estruturas socioeconómicas) e para ser realizado no quadro do funcionamento do regime e das instituições democráticas;

— é um Programa que, **partindo de uma aguda consciência quanto à extrema gravidade da situação em que o País se encontra, após nove anos de política de direita, se inspira numa plena confiança na capacidade nacional de, com uma nova política e um governo democrático, se vencer a crise e assegurar o desenvolvimento e o progresso nacional, no quadro da consolidação da democracia e da salvaguarda da independência nacional;**

— é um Programa cuja **realização, exigindo naturalmente as soluções políticas e governativas adequadas, se propõe mobilizar o concurso activo, generoso e criador dos trabalhadores e do povo português, no âmbito de um indispensável grande esforço nacional para atacar os problemas mais urgentes e criar as bases da recuperação e desenvolvimento do País;**

— é um Programa de **estabilidade e estabilização democrática nos planos económico, social, político e institucional.**

Terra

## Évora

# V Encontro de Jovens Operários Agrícolas

Mais desemprego, mais miséria e fome — entre outras, estas serão algumas das consequências, designadamente no âmbito da agricultura, da adesão de Portugal à CEE. Daí a necessidade de renegociar o acordo assinado pelo Governo PS/PSD. Estas conclusões resultaram do debate realizado no último sábado no V Encontro de Jovens Operários Agrícolas do distrito de Évora, que reuniu, por iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas daquele distrito, 260 delegados e cerca de uma centena de convidados.

Os problemas específicos dos jovens operários agrícolas, a situação da actividade agrícola no Alentejo e as acções necessárias para o seu desenvolvimento, foram temas abordados nas intervenções do encontro, que exigiu a reposição da legalidade na Reforma Agrária. As terras roubadas às UCPs/Cooperativas devem ser devolvidas, os processos de reserva devem ser anulados, os trabalhadores da Reforma Agrária têm o direito de trabalhar e produzir, aproveitando para o bem de todo o País as potencialidades da terra — recordaram os delegados.

Ainda sobre os problemas dos jovens operários agrícolas, é de salientar que desde 1976 até agora centenas de jovens deixaram de ter direitos básicos no regime geral de Segurança Social. No Encontro foi exigida a revogação do decreto que alterou a taxa de contribuição dos beneficiários de 150 para 908 escudos mensais, sem dúvida com o objectivo de afastar os trabalhadores dos seus direitos sociais.

**Trabalhadores**

# CGTP-IN condena a lei das rendas Aumentos provocarão uma catástrofe social

«O aumento das rendas de casa será uma catástrofe social», afirma a CGTP-IN. Ao tomar conhecimento da promulgação da respectiva lei de autoria PS/PSD, a Central unitária sublinha que «a sua aplicação vai provocar situações desesperantes em milhares e milhares de famílias portuguesas». Quanto aos salários em atraso, outra das insuportáveis «heranças» do Governo demitido, a Inter, citando declarações do dr. Almeida Santos ao jornal «O Comércio do Porto» de 20 deste mês, «desafia claramente» aquele governante-gestor a «solucionar, de uma vez, a questão dos salários em atraso, tanto mais que nenhuma razão de ordem legal impede o Governo (em gestão) de tomar medidas nesse sentido».

O ministro de Estado (PS) gestor disse àquele periódico nortenho que «há resposta para os salários em atraso». Para o dirigente do PS essa resposta só não terá sido accionada «porque não podíamos criar problemas à coligação».

**A demagogia eleitoral não mata a fome a quem trabalha e não tem salários**, acentua a CGTP-IN. Ao recordar que «já não há coligação», a Central reafirma que, enquanto durou o Governo com esse nome, «Almeida Santos foi o porta-voz, ou mesmo o ideólogo, de todas as posições governamentais contra os projectos de decreto-lei apresentados na Assembleia da República sobre o problema dos salários em atraso».

A posição expressa nestas condições pelo actual ministro de Estado e dirigente do PS é considerada pela CGTP-IN «profundamente hipócrita e lamentável», já que «O Governo, mesmo em gestão, tem competência para solucionar um problema tão grave, afectando tantos trabalhadores, como é dos salários em atraso».

**Acabem com a demagogia eleitoral; resolvam duma vez o problema dos salários em atraso** — reclama a CGTP-IN.



## A lei das rendas deve ser revogada

Depois de manifestar a sua «indignação» por ter sido promulgada a lei das rendas, que só veio «satisfazer as reivindicações dos senhorios ricos», a Inter reafirma que a luta prosseguirá pela revogação daquela lei, ao mesmo tempo que «desenvolverá a sua acção pelo direito à habitação, tendo como prioritários os pontos do seu caderno reivindicativo que correspondem às necessidades mais prementes dos trabalhadores».

Segundo o próprio Governo,

recorda a Inter, «75 por cento dos inquilinos no nosso País têm como única fonte de rendimento o trabalho, 25 por cento são pensionistas e 80 por cento destes são abrangidos pela pensão mínima».

A Central unitária lembra também que «se hoje existem, só nos arredores de Lisboa, **dezas-seis mil barracas**, esta lei irá provocar a proliferação dos bairros de lata e aumentar as carências habitacionais». Por outro lado, acrescenta a Inter, o parque habitacional no seu conjunto «encontra-se degradado»; existem «200 mil alojamentos sem qualquer tipo de equipamento».

## O subsídio é irrisório

O Governo demissionário não aprovou esta lei agora promulgada «para satisfazer as carências, ou para melhorar as condições de habitação dos portugueses». Fê-lo para satisfazer «as reivindicações dos senhorios ricos»; e há que «desmascarar o demagógico subsídio às pessoas de baixos recursos», porque, além da pretensão de o limitar no tempo, é tão irrisório que não satisfaz em nada as famílias de mais baixos rendimentos».

Segundo a Inter haverá «milhares e milhares de despejos». Muitas famílias não poderão pagar as novas rendas. É necessário ter em conta que os salários e as pensões «sofreram desde 1975 uma degradação contínua». Só nos dois últimos anos do Governo PS/PSD «o poder de compra de salários e pensões diminuiu cerca de 14 por cento». Há «setecentos mil desempregados e cento e cinquenta mil trabalhadores com salários em atraso».

## As burlas do mútuo acordo

Na **Metalúrgica Duarte Ferreira**, um dos grupos empresariais mais beneficiados pelo clientelismo da coligação extinta (com centenas de milhares de contos) os trabalhadores despedidos exigiram ultimamente, e mais uma vez, que lhes sejam pagas as indemnizações legais. O patrão da **MDF**, como sucede na **Torralt** e noutras empresas, pretende fazer passar a chamada cessação do contrato de trabalho por **mútuo acordo** adiante da lei, evitando assim o paga-

mento de salários em atraso aos despedidos, bem como outras dívidas que, segundo a União dos Sindicatos de Santarém, totalizam na MDF centenas de milhares de contos. Esta atitude patronal, que a USS considera «mais uma vil provocação», foi «prontamente rejeitada por todos».

Recorde-se que os despedimentos foram recentemente autorizados pelo secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional — o mesmo que foi alvo de um inquérito no âmbito da Assembleia da República sobre a distribuição, a aplicação e controlo de grandes somas de dinheiro entregues como subsídios a empresas e outras organizações para que mantivessem os postos de trabalho, o que não veio a suceder, desconhecendo-se o destino dado a importantes verbas que em substância se destinavam ao relançamento das empresas sem despedimentos.

De acordo com a União dos Sindicatos de Santarém que, na passada segunda-feira tomou novamente posição sobre o assunto, a unidade demonstrada pelos trabalhadores da MDF, ao recusar-se às pretensões do patrão e do Governo, desencadeou a repressão patronal que mandou chamar a GNR. «Só a grande capacidade de trabalhadores, afirma a USS, evitou mais uma vez que tivessem surgido situações desagradáveis». Mas «que se desenganem o patrão e o Governo — avverte a USS — os trabalhadores despedidos exigirão, até ao último centavo, tudo aquilo a que têm direito».

## Infantários: sem subsídios desde Janeiro

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores revelava, entretanto, que a secretária de Estado da Segurança Social, numa atitude que caracteriza bem a política anti-social do Governo em gestão, desde Janeiro findo que não paga «aos trabalhadores da Segurança Social de Lisboa» o subsídio de infantário, «colocando-se assim ao lado do grande patronato na escandalosa situação do não pagamento dos salários em atraso». Ao repudiar esta atitude da secretária de Estado, o Sindicato dos TFP afirma que são lesados «muitas centenas de trabalhadores em mais de uma dezena de contos cada um».

A direcção do Sindicato dos TFPSA, que emitiu sobre o assunto um comunicado na segunda-feira, recorda na ocasião que a secretária de Estado é a mesma que «manda encerrar infantários da rede oficial; entregar à iniciativa privada património do Estado no valor de mais de uma dezena de milhões de contos; e agravar brutalmente o preço da frequência das creches e jardins de infância»: de 4200 para 8000 escudos, como oportunamente se noticiou.

**PCP**

# Amanhã, no Rivoli

## Comício da APU no Porto

### • Apresentação de candidatos

Amanhã (sexta-feira) a Aliança Povo Unido apresenta publicamente na cidade Invicta os seus candidatos às eleições de 6 de Outubro pelo círculo do Porto.

O cabeça de lista, camarada Carlos Costa, membro da C. Política e do Secretariado do Comité Central do PCP, participará nessa apresentação, durante o comício marcado para as 21 e 30 horas, no Teatro Rivoli, no coração da capital do Norte.

Estão previstas intervenções de membros do PCP, do MDP/CDE e do partido «Os Verdes». A intervenção de encerramento caberá a Carlos Costa.

### Campanha dos 10 mil abre no sábado

Ainda na região do Porto, outra notícia está em destaque para o próximo fim-de-semana. Com efeito, é já no sábado que abre a campanha dos 10 000 contos para um novo Centro de Trabalho na cidade do Porto e nada melhor para o início de uma tão exaltante tarefa do que um grande jantar de confraterni-

zação e convívio (creme e arroz de marisco, doces, fruta e vinho) que reunirá centenas de camaradas e amigos no pavilhão do CT da Boavista, e para o qual decorre uma campanha de ofertas. A animação do jantar com múlti-

Prossegue ao mesmo tempo em bom ritmo, a preparação dos restantes aspectos da campanha. A campanha já tem símbolo. Saiu o grande sorteio. E é já no próximo dia 15 de Setembro, às 24 horas, que se realiza a pri-



plas surpresas e boa música (a «Carvalhesa» em destaque) está a ser cuidadosamente preparada. As inscrições podem ainda ser feitas em qualquer Centro de Trabalho.

meira contagem para a **emulação** entre as maiores organizações do Partido (em 2 escalões com cerca de 300 militantes, cada um com o seu galardão).

## Conferência de Imprensa em Viseu

Em encontro com os jornalistas, realizado na capital do distrito, a APU apresentou no passado dia 22 a lista de candidatos e as linhas de acção pelo círculo de Viseu. Da lista fazem parte 4 independentes, 2 membros do MDP/CDE e 9 do PCP. Como foi salientado na ocasião, «na lista estão representados directamente 12 concelhos do distrito de Viseu, mas nela figuram candidatos cuja influência ultrapassa largamente o concelho onde resi-

dem ou trabalham. Assim a representatividade dos diversos concelhos na lista da APU, bem como a expressão das diversas áreas da vida económica, cultural e social do distrito, foram extremamente conseguidas, preocupação que, pelos elementos que se conhecem, não foi traduzida pelas listas de candidatos de outras forças políticas».

«Os candidatos da APU pelo distrito de Viseu — sublinhou a conferência de Imprensa — são

pessoas com prestígio, ligadas ao povo, com abundantes provas dadas na luta pela instauração e defesa do regime democrático, pelos interesses das camadas mais desfavorecidas da população, pela resolução dos principais problemas do distrito. Prova-o o documento de apoio à candidatura, subscrito já por cerca de 80 personalidades dos mais diversos quadrantes sócio-profissionais do distrito, que continua ainda a circular».

## Octávio Pato em Algés

A mistificação, a mentira e a demagogia da sua pré-campanha, a pseudo-ruptura que existe entre «eles» quando a nível local já cozinham novas alianças ou a substituição de figuras de proa, tudo isto, como explicou Octávio Pato num comício do PCP reali-

zado na passada segunda-feira em Algés, é «a prova acabada das responsabilidades que a todos eles (PS, PSD, CDS) cabem pela situação em que o País se encontra». A actual situação política e as propostas do PCP e

da APU — a única força com soluções válidas, realistas e nacionais para os problemas com que o País se debate — foram temas em foco na intervenção do dirigente comunista, na noite de segunda-feira, no Sport Algés e Dafundo.

# Delegação do MPLA-PT no nosso país

De 21 a 23 de Agosto de 1985 esteve em Portugal, a convite do PCP, uma delegação de estudo do MPLA-PT, composta pelos camaradas António Burity da Silva, responsável do Departamento de quadros do MPLA-PT, Eurico Gomes, responsável do Departamento de Administração, Finanças e Gestão, Licínio Alves e Sebastião Teta.

Nos encontros realizados com os camaradas Blanqui Tei-

xeira, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, Luís Sá, membro suplente do Comité Central, e José António Veríssimo e nas visitas realizadas foram trocadas informações e opiniões sobre ques-

tões de organização partidária e sobre informática.

A visita de estudo do MPLA-PT realizou-se no quadro das relações de amizade, solidariedade e cooperação existentes entre o PCP e o MPLA-PT.



**Internacional**

# A «inferioridade» militar dos Estados Unidos...

A Guerra das Estrelas já começou! Com efeito, a administração Reagan informou que os primeiros ensaios de uma arma anti-satélite vão realizar-se dentro de dias. Foi dado o primeiro passo para um programa militar que irá custar bilhões de dólares, enquanto grande parte da população mundial passa fome ou vive miseravelmente.

Mas não é só a Guerra das Estrelas. Poucos dias antes a administração Reagan anunciava o reinício da produção de armas químicas. Uma fábrica sem igual começou a ser construída nos Estados Unidos.

Aliás, perante esta realidade, faz sentido a campanha que ultimamente vinha ganhando forma de que a União Soviética possuía a supremacia no campo das

armas químicas, que quase todas as suas unidades militares estavam equipadas com este tipo de armamento, que existiria mesmo um comando específico para estas armas.

Tem sido um esquema muito utilizado, mas que ainda resulta a nível de opinião pública — empolar o poder do adversário para garantir o apoio, sem contrariedades de maior, na construção

desenfreada de material bélico. Desde que começou a Guerra Fria sempre os Estados Unidos da América, segundo a sua publicidade (que convém não nos esquecermos é veiculada por monstruosos meios de informação), têm estado numa posição de «desvantagem» em termos militares em relação à União Soviética. E de tal modo foi assim que a NATO surgiu por causa, precisamente, dessa «desvantagem»... mesmo que o Pacto de Varsóvia só viesse a ser construído alguns anos depois. E é precisamente por causa dessa «desvantagem» que os Estados Unidos têm forças militares na Europa e bases militares espalhadas por todo o Mundo, com

especial incidência nas zonas fronteiriças dos países socialistas.

É ainda por causa dessa «inferioridade» que os Estados Unidos têm rejeitado, até agora, quase todas as propostas surgidas do lado socialista para se reduzir o armamento ou suspender as experiências atómicas.

Em vez de se sentarem à mesa das negociações, correspondendo ao anseio de uma esmagadora maioria da população mundial, para discutirem com seriedade o fim da corrida aos armamentos (mais aviões, barcos, mísseis e outras armas significam menos escolas, hospitais, investigação científica e investimentos) os Estados Unidos lan-

çam-se numa maratona para fabricarem mais armamentos.

Agora, a Guerra das Estrelas. Mas não tarda que os peritos militares norte-americanos de mãos dadas com os homens dos negócios do seu país considerem obsoleto este sistema e procurem pôr de pé um outro ainda mais sofisticado. E enquanto o progresso militar não tem fronteiras, e precisamente por causa disso, milhões de pessoas sofrem de subnutrição ou morrem. Mas que interessa isso aos monopólios norte-americanos? As armas que estão a construir não são para matar? Pois que morram de fome. Sempre são mais felizes do que virem a morrer num holocausto mundial. Serão?

## Assim vai o capitalismo

A crise no mundo capitalista prolonga-se e ameaça agravar-se. Segundo anunciou o Departamento do Comércio dos EUA, o défice da balança comercial dos Estados Unidos atingiu o montante recorde de 33,4 milhões de dólares, no segundo trimestre de 1985.

Em relação ao primeiro trimestre, o aumento do défice, segundo revelou o Departamento do Comércio, ficou a dever-se a uma baixa de cinco por cento das exportações, mais do que a uma subida de um por cento das importações americanas.

Entretanto, em meados de 1985, o desenvolvimento económico dos países imperialistas encontra-se novamente num ponto crítico. É possível que nos próximos doze meses rebente uma das novas crises cíclicas. Estas são as conclusões a que chegou o Instituto de Política Internacional e Economia (IPW), da Repú-

blica Democrática Alemã, no seu «Relatório Anual sobre a Situação Económica dos Países Imperialistas — 1985», agora apresentado.

Segundo o relatório, os EUA foram o país que esteve mais à beira da crise económica. A produção industrial dos EUA quase que estagnou desde o princípio do ano, enquanto que, de Janeiro a Junho de 1984, se registaram taxas de aumento de mais de 10 por cento, em comparação com o mesmo período de 1983.

Na Europa Ocidental, o desenvolvimento económico decorre, segundo a análise do IPW,

num ritmo muito lento. Por exemplo, na RFA, o produto social bruto subiu apenas 0,4 por cento no primeiro trimestre deste ano, em relação ao mesmo período de 1984. O Instituto da RDA constata que, no conjunto dos países imperialistas, «o movimento ascensional cíclico, depois da mais recente crise económica mundial de 1980/83, já passou de novo para uma fase de estagnação».

### Quebra dos salários reais

Sobre isso, o relatório refere ainda que a economia destes Estados continua a estar marcada por uma série de sintomas de crise a longo prazo. Entre eles, conta-se o desemprego em massa que, segundo o relatório, continua a acompanhar o nível da crise. Segundo dados oficiais, nos Estados industriais ocidentais, continua a registar-se para cima de 30 milhões de desempregados. Um dos sintomas da crise a longo prazo, com consequências mais graves, é, segundo a opinião do Instituto da RDA, a permanente crise das relações financeiras e monetárias capitalistas.

A política armamentista e de confrontação dos círculos mais agressivos do imperialismo tem efeitos cada vez mais negativos, segundo o relatório. Ela é a principal causa da crise financeira do Estado capitalista e «factor perturbador de primeiro grau para todo o desenvolvimento económico mundial».

As principais tendências do desenvolvimento económico actual nos Estados imperialistas pertence, segundo opinião do IPW, também a estagnação dos salários reais e a drástica redução da prestação dos serviços sociais por parte do Estado, que limitam cada vez mais o poder de compra. Nos EUA, os salários reais estão 12 por cento abaixo do nível de 1973. Na RFA, o salário bruto por trabalhador baixou de novo 0,7 por cento em 1984,

depois de ter sofrido descidas anuais desde 1981.

### Falências na RFA

A contínua onda de falências que se vêm registando na República Federal da Alemanha há vários anos irá atingir, em 1985, um novo recorde, segundo estimativa de um departamento de

informações sobre economia de Frankfurt. Até Maio foram registadas 7745 falências em empresas, mais 11,9 por cento do que nos primeiros cinco meses do ano passado. Se esta tendência se continuar a verificar, espera-se no fim do ano 18 400 insolvências. Em 1984, registaram-se 16 750 falências. Assim, desde 1981, deixaram de existir na RFA 57 000 empresas por incapacidade de pagamentos.

## O colapso do «apartheid»

### Crianças em Tribunal morte nas ruas

O previsível colapso do odioso regime do «apartheid» provocou já um colapso efectivo nos nervos e discernimento dos racistas sul-africanos. Acossados pelo turbilhão da luta da maioria negra do país, que ameaça varrê-los de uma ponta à outra, os fascistas de Pretória perderam a cabeça e encarceraram — levando-as depois a tribunal! — crianças entre os 7 e os 16 anos. Horas antes tinham prendido um homem de 75 anos, sofrendo de um caso grave de diabetes: Oscar Mpetha, sindicalista e dirigente negro da Cidade do Cabo, antigo presidente do ANC para a província do Cabo e ex-dirigente da Frente Unida Democrática da mesma província.

Tais detenções não são insólitas num regime que assassina nas ruas e transformou o país num imenso campo de concentração. Prender ou matar crianças e velhos não é novidade na pátria do «apartheid». Só é novo que isso seja executado em público e à vista da comunidade internacional, o que dá a medida da desorientação em que se en-

contram os criminosos de Pretória.

E é caso para isso: o total das prisões desde a imposição do estado de emergência em 36 distritos sul-africanos, segundo a polícia, é de 2197, dos quais 1094 ainda continuam encarcerados. Grande parte dos detidos são dirigentes locais, regionais ou nacionais da UDF, que agrupa 700 organizações cívicas, sindicais, religiosas e sociais anti-«apartheid». Tudo isto mostra a extensão e profundidade da luta que mobiliza sem cessar a maioria negra para pôr termo ao «apartheid». Oliver Tambo, presidente do ANC, afirmou à France Presse numa entrevista na Tanzânia que «entrámos numa fase que é sem dúvida a última da vida do sistema de «apartheid» (...). A presença efectiva do ANC na África do Sul é uma força que impulsiona para a acção. Nós propomos ao povo um objectivo estratégico: tornar o «apartheid» inoperante, agir de tal forma que o país seja ingovernável sob o sistema do «apartheid».

Já começa a sê-lo. A ponto de levar crianças a tribunal.

## Solidariedade com Angola

Assinalando em 1985 o décimo aniversário da independência da República Popular de Angola, a Associação de Amizade Portugal-República Popular de Angola prepara uma série de iniciativas a divulgar oportunamente. Em curso, porém, já há duas — a edição de um livro, «Um Postal para Luanda» e concursos públicos para uma medalha e um cartaz.

O «Avante!» já se referiu ao apelo daquela associação — aos poetas, escritores e artistas plásticos — para participarem na iniciativa «Um Postal para Luanda», enviando trabalhos — textos, poemas, gravuras — até ao próximo dia 30 de Setembro, para a sede da AAP-RPA, Rua das Portas de Santo Antão, 117 2.º, 1100 Lisboa.

Lembramos hoje que os artistas que pretenderem participar nos concursos públicos para medalha e cartaz, podem também enviar os seus trabalhos para a mesma morada, até 30 de Outubro.

Cartaz e Medalha devem incluir o emblema da Associação e assinalar de forma clara a efeméride que se comemora a 11 de Novembro de 1985, devendo o conteúdo dos trabalhos simbolizar a amizade e solidariedade do povo português para com o povo angolano. Os trabalhos recebidos ficarão pertença da APA, e um júri idóneo atribuirá prémios. Os primeiros prémios de cada modalidade são de 30 mil escudos. A APA prestará informações sobre o regulamento do concurso.

«A gloriosa Federação Sindical Mundial, logo que teve conhecimento da valente greve dos pescadores algarvios, tomou a mais viva posição de apoio e ajuda, lançando apelos à solidariedade internacional, protestando contra as violências exercidas sobre os pescadores e manifestando-lhes o seu entusiasmo, depois, pela magnífica vitória. Mas a FSM fez mais: enviou aos pescadores em greve um valioso auxílio económico, minorando assim a miséria com que o patronato e os fascistas esperam sempre vencer os trabalhadores em luta, e mostrando mais uma vez que a fraternidade operária não é para a FSM uma palavra apenas mas uma realidade e um objectivo máximo.

«Em nome dos pescadores algarvios, o Partido Comunista Português, partido de todos os trabalhadores e portanto também dos pescadores, agradece esse generoso auxílio, pois não há em Portugal organização sindical livre alguma que agrupe pescadores e possa dizer aos trabalhadores de todo o mundo, representados na FSM, o seu profundo reconhecimento.»

(«A FSM Apoiou Financeiramente a Greve dos Pescadores» — «Avante!», VI Série, n.º 345, Agosto de 1964)



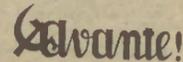
«O capital não se democratizou. Tornou-se mais refinado nas formas de exploração. Os interesses dos capitalistas e dos operários são opostos. A quanto sobem os «lucros» dos trabalhadores? Que o digam os operários da indústria têxtil, ganhando salários de 24\$00 e de 36\$00. Que o digam os metalúrgicos, recebendo salários de 30\$00 e de 40\$00, os ferroviários, motoristas, mineiros, cerâmicos, chapeleiros e todos os outros.

«Como governam uma casa de quatro filhos com 280\$00 por semana? Quantos vestidos têm no guarda-roupa as mulheres operárias?

«O administrador de um banco recebe por mês um ordenado superior ao salário anual de um operário, sem contar com os lucros que auferem como accionista, ao fim de cada ano.

«É cada vez mais evidente que o apregoado «desenvolvimento da economia nacional» significa crescimento contínuo do poder dos monopólios, lucros ascendentes dos grandes bancos à custa da pauperização da classe operária, da intensificação da sua exploração, dos baixos salários dos trabalhadores, da diminuição contínua do seu poder de compra.»

(«Elevados Lucros para os Capitalistas — Baixos Salários para os Trabalhadores» — «Avante!», VI Série, n.º 369, Agosto de 1966)



Na 5.ª Conferência Internacional do Trabalho, realizada em Junho passado em Genebra, a Organização Internacional do Trabalho condenou Portugal pela «política de opressão colonial, de discriminação racial e de violação dos direitos sindicais», exercida em Angola, Guiné e Moçambique, pelos actos de repressão militar contra as populações daqueles países, «pela expulsão sistemática dos trabalhadores africanos das terras férteis para aí instalar colonos brancos» e por submeter os trabalhadores africanos a medidas discriminatórias em matéria fiscal, de emprego, de formação profissional, de previdência social e de alojamento.

(«Denunciar os Crimes Colonialistas» — «Avante!», VI Série, n.º 444, Agosto de 1972)



# PROCLAMAÇÃO ELEITORAL DO PCP

As eleições antecipadas para a Assembleia da República de 6 de Outubro realizam-se porque a firme, corajosa e persistente luta do povo e o funcionamento das instituições democráticas interromperam o processo contra-revolucionário, o caminho de destruição, desastre, fome e miséria prosseguido pelo Governo PS/PSD. Realizam-se porque Mário Soares e o seu Governo PS/PSD foram derrotados e demitidos. Porque, com a dissolução da Assembleia da República, foi posto fim à chamada «maior maioria de sempre» que tantos males causou ao País.

O PCP apela ao povo português para que não perca a grande oportunidade das eleições de 6 de Outubro para alcançar através do voto uma real viragem democrática na política portuguesa.

## 3 grandes objectivos nas eleições de 6 de Outubro

O PCP aponta ao povo português três grandes objectivos nas eleições de 6 de Outubro:

**Primeiro:** Atirar definitivamente para a rua (se o não for antes) o Governo de Mário Soares/PS/PSD, que se encontra demitido, mas ainda em gestão e abusando das suas funções.

**Segundo:** Pôr termo à política de direita e aos governos de direita (com ou sem o PS), política e governos causadores do desastre da economia, do agravamento das condições de vida dos trabalhadores e do povo em geral, desestabilização de toda a

vida nacional, do endividamento externo, da submissão ao estrangeiro, da corrupção generalizada a partir do próprio Governo.

**Terceiro:** Criar condições, como resultado das eleições, para a formação de um governo que ataque com decisão e resolva os gravíssimos problemas nacionais criados pela política de restauração monopolista dos governos dos últimos 9 anos.

Com a sua luta, o povo português obteve uma grande vitória conduzindo à demissão do Governo e à dissolução da Assembleia da República.

Com o seu voto, o povo português dará seguimento à sua luta e confirmará a sua vitória.

## Uma nova política no caminho de Abril

**Um facto é indesmentível:** A evolução da situação nos últimos 9 anos mostrou de forma clamorosa que a política do PS, do PSD e do CDS, tendo como objectivo estratégico a destruição das grandes conquistas de Abril e a restauração dos monopólios, dos latifúndios e do domínio imperialista sobre a economia nacional, é a causa directa da desestabilização geral e da gravíssima crise económica, social, política e moral que o País atravessa.

**A primeira condição para fazer o País sair da crise é pôr fim de uma vez para sempre às tentativas e planos de destruição das grandes conquistas da Revolução de Abril.**

**Só um novo rumo no caminho de Abril pode dar solução para os graves problemas que o País enfrenta.**

O «Programa Eleitoral do PCP», desenvolvendo exaustivamente as propostas do PCP, confirma que existe **uma política democrática capaz de resolver os problemas nacionais:**

— Uma política de respeito e defesa das liberdades, da legalidade constitucional e da estabilidade das instituições democráticas.

— Uma política económica de recuperação e desenvolvimento para vencer a crise.

— Uma política de melhoramento das condições de vida material e cultural do povo.

— Uma política externa de independência, paz e cooperação.

**É mais que tempo de pôr termo definitivo** à destruição, desorganização e degradação do nosso sistema produtivo, ao serviço do grande capital, dos grandes agrários e dos grandes especuladores.

**É mais que tempo de pôr termo definitivo** à feroz guerra social que, nos últimos 9 anos, sucessivos governos do PS, do PSD e CDS conduzem contra os trabalhadores, os agricultores e todas as classes e camadas antimonopolistas.

**O PCP proclama:** Para vencer a crise e resolver os problemas nacionais **impõe-se** o empenhamento de todos os portugueses e portuguesas que verdadeiramente amam Portugal. **Impõe-se** a mobilização dos recursos, energias, capacidades e potencialidades nacionais. **Impõe-se** uma política democrática e nacional ao serviço do povo e do País.

# PROCLAMAÇÃO ELEITORAL DO PCP

## Programa de máxima urgência

Apresentando o seu «Programa Eleitoral», o PCP sublinha que **existem situações e problemas gravíssimos que exigem respostas e soluções imediatas.**

O «Programa de Máxima Urgência» da APU, aprovado pelo PCP e pelo MDP/CDE, aponta **40 medidas imediatas** (algumas das quais a seguir se citam) em **4 principais direcções:**

**Primeira: Arrancar com a recuperação económica,** — nomeando gestores sérios e competentes para as empresas públicas a fim de dirigirem a sua reanimação, saneamento e desenvolvimento; adoptando programas de reanimação da construção civil, de apoio à agricultura, de renovação e expansão das frotas de pesca e de marinha mercante; desbloqueando os grandes projectos de interesse nacional; lançando uma grande campanha nacional de poupança de bens escassos, de corte de despesas inúteis e de combate aos desperdícios; paralisando o processo de integração na CEE; empreendendo a renegociação da dívida externa; etc.

**Segunda: Dar solução às injustiças sociais mais flagrantes, garantir os direitos dos trabalhadores e melhorar a vida do povo,** — aprovando e realizando um programa contra a into-

lerável situação dos salários em atraso, revogando a legislação sobre contratos a prazo e a que permite o «lay-off», actualizando o salário mínimo nacional, aumentando o valor mínimo das reformas e pensões, contendo os aumentos de preços, revogando a lei das rendas, suspendendo acções de despejo contra desempregados ou trabalhadores com salários em atraso, lançando uma campanha de formação profissional da juventude; garantindo a distribuição de leite às crianças nas escolas; aprovando nova tabela de imposto profissional por forma a isentar os mais baixos rendimentos; pondo a funcionar centros de saúde e hospitais já construídos.

**Terceira: Estabilizar a vida nacional no quadro das liberdades e da democracia,** — anulando a permissão e constituição de bancos privados e nacionalizando os já autorizados; revogando a legislação que abriu ao grande capital os sectores básicos nacionalizados; pondo fim à ofensiva contra a Reforma Agrária; instaurando a independência e pluralismo na RTP e RDP e demais meios Comunicação social do Estado; pondo termo imediato às actividades tendentes à instalação dos Serviços de Informações; revogando a lei dos aumentos e reformas para membros do Governo e deputados; dando combate à corrupção; garantindo a segurança pública; reforçando os meios a transferir para as autar-



quias; procedendo à municipalização dos solos urbanos.

**Quarta: Garantir a independência nacional,** — lançando iniciativas diplomáticas com vista ao desenvolvimento diversificado das relações internacionais, tomando medidas para o efectivo bom relacionamento com Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe; actuando para garantir os direitos do povo de Timor-Leste à autodeterminação e à independência; cancelando a instalação da estação de rastreio de satélites em Almodôvar; proibindo o armazenamento, estacionamento ou trânsito de armas nucleares no território nacional.

Como sublinha o «Programa de Máxima Urgência», com o voto na APU, o reforço dos Grupos Parlamentares do PCP e do MDP/CDE é a garantia de que essas medidas serão em quaisquer circunstâncias defendidas na Assembleia da República.

**Uma grande vitória da APU nas eleições, conduzindo à formação de um governo democrático, é a garantia de que essas medidas serão aplicadas e realizadas.**

### **O governo necessário: governo democrático de salvação nacional com participação do PCP**

A evolução da situação nos últimos 9 anos já mostrou que **governos de direita, em sucessivas coligações do PS, do PSD e do CDS,** não só são completamente incapazes de resolver os problemas nacionais, não só são responsáveis pela desastrosa situação a que o País chegou, como são **uma forma falhada de governo, uma forma de governo inadequada ao regime democrático português e à arrumação e correlação de forças sociais e políticas.**

**É mais que tempo de pôr termo definitivo** aos governos de direita, aos governos do PS, PSD e CDS.

**É mais que tempo de pôr termo definitivo** a governos que não servem nem o povo nem o País, mas os interesses ilegítimos dos grandes exploradores do nosso povo, as clientelas partidárias e os interesses materiais e ambições pessoais dos governantes.

**O PCP proclama:** Nas condições concretas actualmente existentes, a única solução capaz de resolver a situação económica, social e política e de mobilizar todas as energias e capacidades nacionais é **a formação de um governo, não na base de coligações, mas com a participação de democratas e patriotas** (qualquer que seja o campo político em que se têm situado) **determinados a atacar com êxito a crise e resolver os problemas nacionais.**

Por isso, **o PCP renova a sua proposta** ao País, a todos os democratas e patriotas: **a formação de um Governo Democrático de Salvação Nacional.**

E porque a experiência mostrou que sem o PCP e sem os trabalhadores os problemas nacionais não se podem resolver; e porque como provam numerosos aspectos da vida nacional e designadamente os êxitos da gestão honesta, séria e competente do PCP e da APU nas autarquias, o PCP, com os trabalhadores e com as populações, está em condições de dar uma contribuição determinante para a solução dos problemas existentes — **o PCP confirma estar pronto a assumir as suas responsabilidades na formação de um governo para salvar o País.**

### **Há que exigir firmemente a democraticidade das eleições**

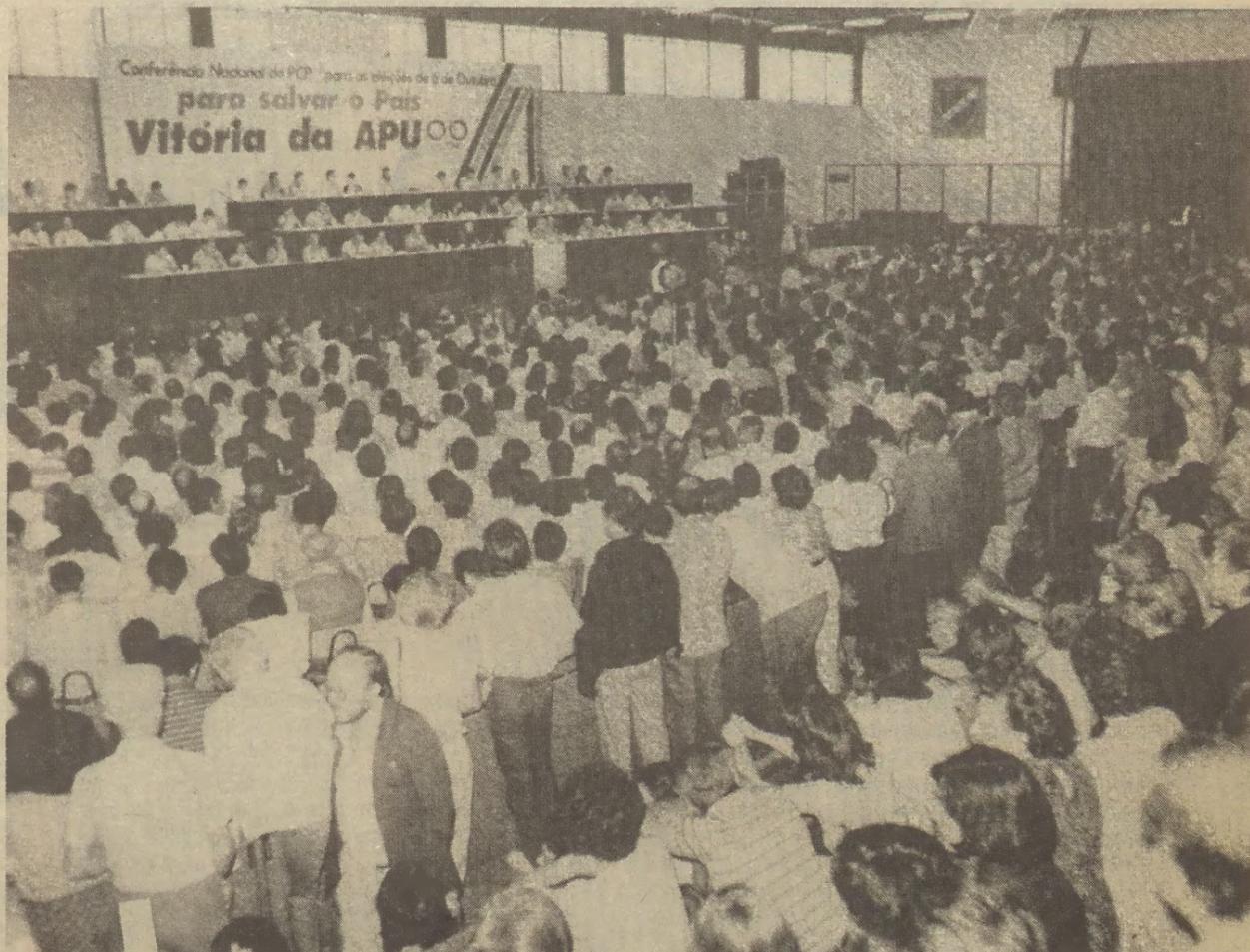
Partindo para as eleições, derrotados pela luta popular e pelo funcionamento das instituições, **o PS, o PSD e o CDS** — responsáveis pela gravíssima crise existente — **têm medo do julgamento popular, têm medo das eleições, têm medo da derrota que os espera.**

**Por isso** o PS e o PSD abusam do Poder, excedendo os limites das funções de gestão do governo demitido. **Por isso,** utilizam com fins eleitoralistas o aparelho do Estado e os recursos públicos. **Por isso,** levam a cabo uma colossal campanha de desinformação, mentiras e demagogia. **Por isso,** instrumentalizam da forma mais abusiva e escandalosa a RTP, a RDP e outros meios de comunicação social. **Por isso,** estão impedindo que o povo seja devidamente informado da situação e das propostas dos partidos. **Por isso,** está afectando gravemente a democraticidade das próximas eleições.

**O PCP,** que muito justamente mantém a reclamação do afastamento do Poder do Governo de Mário Soares/PS/PSD antes de 6 de Outubro, **exige:**

— **que sejam prontamente observados a isenção e pluralismo na Comunicação Social do Estado;**

— **que seja assegurada a democraticidade de todo o processo eleitoral.**



### **Recusando o voto ao PS, PSD e CDS está ao alcance do povo pôr termo à política de direita**

**O PCP proclama:** Apesar da gravíssima situação a que nos conduziram 9 anos de política de restauração monopolista levada a cabo pelos governos do PS, PSD e CDS, apesar das graves limitações já verificadas à democraticidade das próximas eleições, **é possível** um novo rumo da política nacional no caminho de Abril.

**É possível** uma política democrática capaz de fazer o País sair da crise e de resolver os graves problemas nacionais.

**É possível** a formação de um governo democrático ao serviço do povo e do País.

**É possível** salvar Portugal.

Para isso, **é necessário que o eleitorado se não deixe enganar** pelas mentiras, pelas promessas, pela demagogia do PS, do PSD e do CDS.

**É necessário que o eleitorado se não deixe enganar** pela propaganda segundo a qual nem PS, nem PSD, nem CDS são responsáveis pela situação desastrosa a que eles próprios conduziram o País.

**É necessário que o eleitorado se não deixe enganar** por essa mascarada em que o PS (com Mário Soares) e o PSD (com Cavaco e Silva) fingem estar em conflito, quando estão identificados nas mesmas responsabilidades do passado, nos mesmos objectivos fundamentais, continuam juntos no Governo de gestão e já estabelecem novos acordos e listas conjuntas para as eleições autárquicas.

**É necessário que o povo, recusando os seus votos ao PS, PSD e CDS e diminuindo radicalmente os Grupos Parlamentares destes partidos na Assembleia da República, impeça que se repitam coligações de direita que continuariam a política de destruição, fome e miséria dos últimos 9 anos.**

**Com o voto de 6 de Outubro o povo confirmará a vitória democrática que com a sua luta alcançou conduzindo à demissão de Mário Soares e do seu Governo e à dissolução da Assembleia da República de maioria PS/PSD.**

**Mário Soares e o seu Governo PS/PSD foram derrotados e demitidos pela luta do povo. Pelo voto do povo nas eleições de 6 de Outubro deverão ser corridos do Poder.**

### **O voto na APU e uma grande vitória da APU — o único caminho certo para uma solução democrática**

**O PCP salienta,** com inteira objectividade e verdade, que o aumento da votação na APU e o reforço substancial do número de deputados dos Grupos Parlamentares do PCP e

do MDP/CDE constituem uma condição indispensável para uma viragem democrática na política nacional.

O novo partido, o PRD, pode desempenhar um papel positivo para uma saída institucional da crise desde que consiga ganhar para o voto nos seus candidatos parte assinalável do eleitorado do PS, do PSD e do CDS. Mas a deslocação de votos do PCP e da APU para o novo partido, não só não favoreceria como inviabilizaria uma solução democrática.

**Nem um só voto do PCP e da APU se deve deslocar para o novo partido. Ao contrário: o PCP e a APU têm como tarefa vital não só manter o seu eleitorado, como ganhar muitos daqueles que nas anteriores eleições votaram no PS e noutras formações partidárias.**

Há ainda outros partidos que concorrem às eleições. Uns que têm como função objectivamente considerada tentar tirar alguns votos à APU. Outros que, com a usurpação provocatória da bandeira vermelha e da foice e martelo, apenas procuram semear confusões.

Sem lhes atribuir importância que não têm, há que alargar o esclarecimento das massas de forma a que ninguém se deixe enganar.

**A Conferência Nacional do PCP apela** a todos os militantes para que se lancem ao trabalho com entusiasmo e confiança.

**A Conferência Nacional do PCP apela a todos os militantes para que se empenhem inteiramente na campanha eleitoral para as eleições de 6 de Outubro para a Assembleia da República, avançando e completando ao mesmo tempo os preparativos para as próximas eleições autárquicas a fim de alcançar também nessas eleições uma grande vitória da APU.**

**A Conferência Nacional do PCP apela** aos trabalhadores, às mulheres, aos jovens e a todos os portugueses e portuguesas que estão com Portugal de Abril para que participem activamente nas campanhas eleitorais da APU.

**Uma viragem democrática,** um novo rumo da política portuguesa no caminho de Abril, a formação de um governo capaz de resolver os problemas nacionais, **depende de uma votação em massa na APU** — única força cujos representantes na Assembleia da República e no Governo a formar dão total garantia de defender as conquistas de Abril, os direitos dos trabalhadores e os interesses do povo e do País.

A vida tem mostrado que os deputados da APU são os únicos fiéis aos compromissos assumidos perante o eleitorado.

**O voto na APU** (em que o PCP está integrado) é o único voto certo, o único voto útil, o voto da esperança e da confiança no futuro livre, democrático, progressista e independente de Portugal.

Avante para a vitória da democracia. Avante para a vitória da APU.

A reacção será derrotada, Portugal de Abril vencerá.

24 de Agosto de 1985

**A Conferência Nacional do Partido Comunista Português**

# O Partido com Paredes de Vidro

Acontecimento político e cultural sem paralelo no nosso país, a Festa do «Avante!» costuma tradicionalmente ser, no campo editorial, pretexto para o lançamento de novos livros — e este ano, de novo, assim vai acontecer. Mas nesta Festa que é a décima, ainda por cima coincidindo com um momento de particular (e decisiva!) importância na vida nacional, irá surgir um livro também ele de muito especial significado: "O Partido com Paredes de Vidro", da autoria de Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP.

Destina-se este livro tanto aos membros do Partido como àqueles que de fora o observam.

Para os membros do Partido o interesse estará em serem abordados muitos dos traços característicos e típicos da actividade partidária no terreno da ideologia, da acção política, do estilo de trabalho, do funcionamento e da vida interna.

O PCP possui ricas experiências, institucionalizadas entretanto apenas pela força da prática, por tratamento político e ideológico disperso e pelo empenhamento criativo dos militantes. Considerou-se útil que tais experiências de validade já demonstrada não corram o risco de lhes ser atribuído apenas valor conjuntural, antes se traduzam em princípios, que possam informar a orientação e a prática futura.

O facto de a publicação deste trabalho ter sido aprovada pela Comissão Política do Comité Central é indicativo da existência a este respeito

de uma firme e clara opinião colectiva.

Para aqueles que de fora observam o PCP e queiram com seriedade formar uma opinião sobre ele, decer-



to interessa saber como os comunistas concebem, constroem, explicam e desejam o seu próprio Partido.

Propomos-nos dizer com verdade como somos, como pensamos, como actuamos, como lutamos, como vivemos, nós, os comunistas portugueses. Tudo será dito, tomando transparentes as paredes do nosso Partido, de forma a que quem está de fora possa observar o Partido como que através de paredes de vidro.

De dentro para nós, comunistas, de fora para quem nos observa, o PCP é uma sólida realidade na sociedade portuguesa. Partido que confia no povo e no qual grande parte do povo confia. Partido que olha o seu futuro com confiança, porque com confiança olha o futuro do povo português e de Portugal.

(Da introdução a "O Partido com Paredes de Vidro")

# PORTO

## Por uma vida nova nos bairros camarários

Criado há menos de um ano, o pelouro dos Equipamentos Desportivos, Recreativos e Culturais e das Zonas Verdes dos Bairros Camarários, da Câmara Municipal do Porto, da responsabilidade da APU, tem desenvolvido uma dinâmica de actividade que começa a alterar de facto a vida das populações que habitam os 43 bairros camarários da cidade do Porto.

No próximo dia 1 de Setembro terá lugar uma iniciativa inédita, o «Dia dos Bairros Camarários». Foi a pretexto da imensa actividade desenvolvida em tão pouco tempo, da nova vivência criada nos bairros da cidade, do «Dia dos Bairros Camarários» e, naturalmente, da importância de mais esta experiência de trabalho APU que falámos com o camarada Macedo Varela, responsável pelo pelouro na Câmara do Porto.

O camarada Macedo Varela começou por nos explicar exactamente o que é este pelouro e que tarefas envolve:

— O pelouro dos Equipamentos Desportivos, Recreativos e Culturais e das Zonas Verdes dos Bairros Camarários do Porto, confiado à APU, só foi criado nos últimos meses de 84.

A sua criação deveu-se a uma firme exigência nossa por corresponder à necessidade urgente de promover acções que, duma maneira geral, visassem a promoção da melhoria da qualidade de vida e do bem-estar dos moradores dos bairros, onde residem cerca de 80 mil munícipes. Ao assumirmos a sua responsabilidade teve-se a consciência da escassez do tempo para realizar obras que validamente contribuissem para minorar as carências dos bairros. E teve-se também necessariamente, em conta a pe-

Março deste ano, foi já o resultado de parte desse labor e o instrumento que perspectiva a actuação do pelouro no ano corrente.

Creemos que ele potencia no máximo, dados os limites de tempo e verbas, a capacidade de realização camarária neste campo específico de actividade.

P — Podes dar-nos uma ideia do que são e que importância têm os bairros em termos populacionais na cidade, o que é a vida nos bairros e que estilo de trabalho a APU adoptou neste campo?

R — Os bairros camarários (abrangendo, para o efeito de dotação de equipamentos, os bairros do Estado) constituem uma realidade específica da cidade do Porto, em termos de percentagem dos moradores e em re-



Crianças dos Bairros vão ao Teatro: uma iniciativa do pelouro da APU

queza das verbas orçamentais previsíveis.

Deparava-se, pois, no curto período de pouco mais de um ano, a tarefa de auscultar os moradores e as suas organizações, fazer o levantamento das carências, realizar estudos, estabelecer prioridades, planificar, programar, elaborar os projectos e, finalmente, executar as acções e realizar as obras.

O plano de actividades específico do pelouro, concluído no início de

lação à população da cidade. São grandes aglomerados populacionais, com características próprias, embora diferenciados.

São 43 os bairros camarários e do Estado na cidade e neles moram cerca de 80 mil pessoas, ou seja cerca de 1/5 da população do concelho. Apresentam assimetrias acentuadas no que se refere aos equipamentos desportivos, recreativos e culturais, o mesmo acontecendo com os seus espaços verdes. Duma maneira geral os bairros apresentam-se, nesses campos, com acentuadas carências, exis-

tindo mesmo numerosos bairros em que é total a falta de equipamentos.

Esta situação não é de forma alguma susceptível de favorecer a descompressão das tensões naturalmente existentes nos locais de grande densidade populacional como são os bairros. Pelo contrário, essa falta contribui grandemente para a degradação do ambiente vivencial dum largo sector da população da cidade.

A criação dum pelouro específico para tais equipamentos traduz a preocupação de rapidamente encetar-se acções susceptíveis de minimizar as carências referidas.

A participação dos moradores e

das organizações em que se integram na promoção da sua qualidade de vida e do seu bem-estar, a interligação das estruturas populares dos bairros com a Câmara e, bem assim, a vinculação das populações no que respeita à guarda e manutenção dos equipamentos ao seu serviço, são factores decisivos para o êxito da acção da Câmara neste campo específico de actuação. Nesta conformidade, confiar-se-á a questão dos equipamentos às organizações dos bairros que se mostrem mais capazes e motivadas para assumir essa responsabilidade.

P — Concretamente, que planos há para mudar a vida dos bairros e o que é que neste curto espaço de tempo foi feito?

R — Para a construção dos equipamentos referidos — parques infantis, pequenos parques desportivos e centros de convívio —, e para as actividades de natureza cultural, desportiva e recreativa foi atribuído ao pelouro um pouco mais de 80 mil contos. Sendo uma verba reduzida em relação às carências dos bairros e ao montante total das receitas orçamentais, tal atribuição representa, no entanto, uma viragem assinalável na política camarária em relação aos bairros.

No plano de actividade do pelouro foram inscritos no campo dos equipamentos, a construção de 23 parques infantis, 12 parques desportivos e 9 centros de convívio.

Todavia, por imperativo das limitações actuais das verbas orçamentais disponíveis, as dotações orça-

mentais destinadas às despesas de investimentos só poderão, para já, ser utilizadas, considerada a sua globalidade, até ao limite de 40 por cento. Gradualmente e à medida que se for verificando a arrecadação das receitas da mesma natureza, ir-se-á executando o plano.

Teve-se, pois, que fazer um mini plano adaptado àquela redução. Nesta altura já estão concluídos dois parques infantis e um centro de convívio; um parque desportivo encontra-se em fase adiantada de execução. Estão para concurso mais 10 parques infantis, um centro de convívio e dois parques desportivos. Logo que sejam arrecadadas verbas que possibilitem a superação do limite dos 40 por cento ir-se-ão concursando outros equipamentos, cujos projectos irão sendo aprovados.

Mesmo com aquele limite, podemos afirmar que os bairros ficam dotados neste ano com mais equipamentos do que existiam até esta altura (e há bairros que têm mais de 30 anos).

O pelouro estenderá também a todos os bairros uma campanha de sensibilização cívica, cultural e recreativa. Assim, está já em curso um programa de 40 sessões de teatro infantil, cinco das quais já se realizaram em Julho e as restantes efectuar-se-ão em Setembro, pelo Teatro Experimental do Porto. As crianças são transportadas pelos STCP (que colaboraram na iniciativa) e enquadradas por elementos da organização do bairro (comissão, associação de moradores ou colectividade). Estão previstas para os meses de Setembro a Dezembro, 64 sessões de cinema, nos bairros, 32 para adultos e 32 para crianças. Está ainda em estudo a realização de uma sessão de teatro adulto para cada bairro.

Finalmente uma referência à grande exposição que será feita no Mercado Ferreira Borges, de 9 a 13 de Outubro, sobre as actividades desportivas, recreativas e culturais dos bairros e que mostrará à cidade a intensa vida associativa que neles existem e a riqueza das suas iniciativas.

A prática tem mostrado quão rica tem sido a participação dos moradores dos bairros e das suas organizações nas iniciativas do pelouro. Sem essa participação jamais seria possível fazer o que foi feito e o mais que está projectado. ■

P — No dia 1 de Setembro vai acontecer o «Dia dos Bairros Camarários». O que é esta iniciativa?

R — Foi criado um acontecimento festivo que, para além da sua índole



Jornada de Trabalho no Bairro do Cerco



Macedo Varela com representantes de 26 organizações populares dos Bairros, na sala de sessões da Câmara

# Com a APU é a nossa

# vez

**A** APU é, também, sinónimo de juventude. As suas propostas, a sua política e a sua dinâmica fazem com que se oponha a toda uma política velha que tem sido seguida pelos sucessivos governos de há nove anos a esta parte.

Por isso, melhor do que em qualquer lado, a juventude sente as suas aspirações traduzidas no programa eleitoral do PCP. Por isso, a juventude participa activamente na campanha da Aliança Povo Unido.

É assim que o Grupo Parlamentar do PCP na última legislatura foi o mais novo de todos. É assim que trinta e oito jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, integram as listas da APU para as eleições legislativas.

Falamos dos jovens que integram as listas da APU é dizer da participação dos jovens comunistas nas batalhas eleitorais. Mas é também falar de jovens que, não se reconhecendo no actual quadro partidário, são homens e mulheres que têm uma palavra a dizer e que, por isso mesmo, é na APU que contribuem para um novo rumo para o País.

Dos trinta e oito jovens que se candidatam pela APU às eleições legislativas, dez são operários, 6 empregados, 6 estudantes, 2 trabalhadores-estudantes e 14 exercem profissões diversas.

De todos estes, apenas onze são militantes da Juventude Comunista Portuguesa.

## Uma campanha de esclarecimento

Em conferência de imprensa de apresentação dos candidatos jovens nas listas da APU, os jovens comunistas falaram sobre a próxima campanha eleitoral e a respectiva participação juvenil.

Assim, salientaram que a participação da juventude em todo o programa da APU se vai pontuar pelo dinamismo, a alegria e a cor.

Mas, essencialmente, vai ser uma campanha de esclarecimento. Hoje, após nove anos de política restauracionista, grandes sectores da juventude estão presos pelo imobilismo e pela desmobilização.

Constatando este facto, e sublinhando que foram as promessas eleitoralistas feitas ao longo dos anos pelos partidos com responsabilidades na depurável situação em que o nosso país se encontra — nomeadamente o PS, o PSD e o CDS —, os jovens comunistas realçam a importância de que o debate se vai revestir na próxima campanha eleitoral. Um debate que será amplo e aberto e onde, não só a APU esclarecerá sobre as suas propostas, como estará aberta a novas ideias, uma vez que — sublinharam os jovens comunistas, — só com a participação de largos sectores do povo, e consequentemente da juventude, se poderá alcançar um novo rumo para o País.

Neste contexto, adquirem particular importância as Comissões Juvenis de Apoio à APU que têm vindo a ser criadas um pouco por todos os distritos do País. Trata-se de grupos de jovens — onde também participam co-

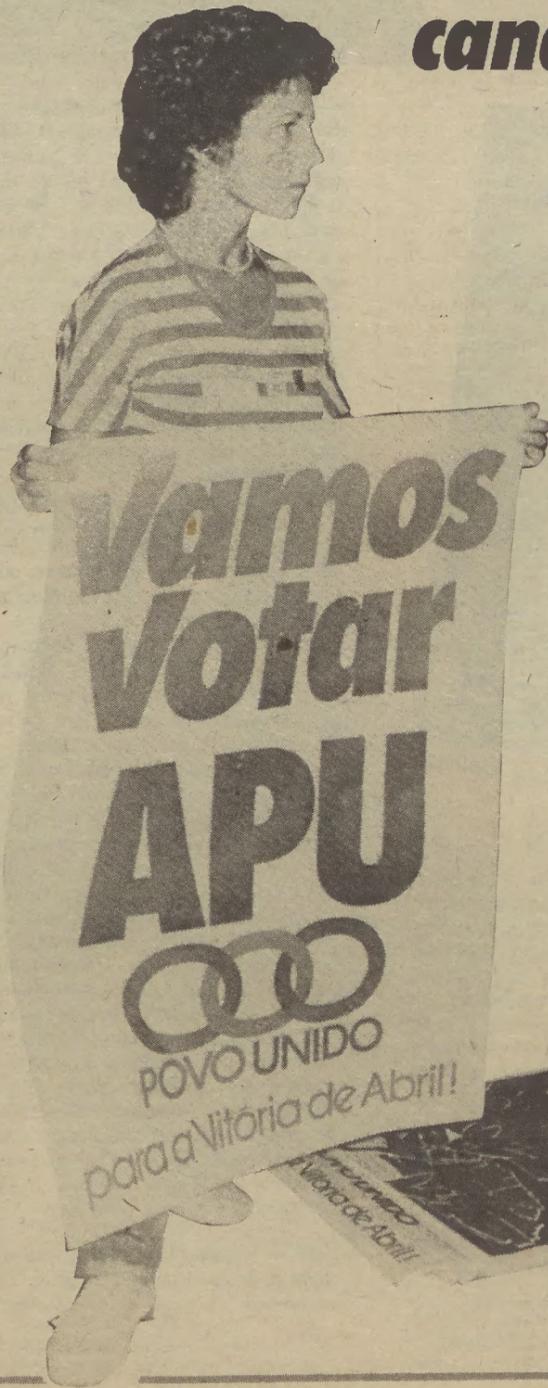
munistas, mas não só — que vão dinamizar a campanha eleitoral em torno dos problemas da juventude e das

propostas da APU para os resolver.

Como se pode avaliar, a participação da juventude nesta batalha eleitoral que se avizinha reveste-se de particular significado, não só por 1985 ser o Ano Internacional da Juventude, como também por constituir o ano da mudança. O ano de Futuro. ■



## Declaração dos jovens comunistas candidatos nas listas da APU



1. Trinta e oito jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, integram as listas da APU como candidatos a deputados nas eleições de 6 de Outubro para a Assembleia da República. São membros da JCP, do PCP, do Partido «Os Verdes» e jovens independentes, trabalhadores e estudantes, rapazes e raparigas que em todo o País serão a voz viva dos protestos, dos anseios e dos interesses dos jovens portugueses.

2. Nós, jovens comunistas, candidatos nas listas da APU, participaremos activamente na campanha eleitoral, apresentando propostas concretas para a resolução dos principais problemas juvenis (em áreas tão importantes como o trabalho, o ensino, a habitação, a saúde, a cultura e o desporto, entre outros) assumimos o compromisso de os levar à Assembleia da República através dos deputados da JCP que integrarão o Grupo Parlamentar do PCP.

3. Nós, jovens comunistas, candidatos nas listas da APU, **acusamos** o PS, o PSD e o CDS de serem os responsáveis por nove anos de uma política de destruição das conquistas de Abril, de uma política que procurou tirar o futuro aos jovens e levar Portugal à beira da derrocada uma política que compromete a independência nacional e ameaça a Paz... **Denunciamos** o PS e o PSD e o seu governo por serem, hoje, tal como o foram ontem, totalmente incapazes para resolverem os gravíssimos problemas com que se debatem os jovens, particularmente a nível do emprego, do ensino e da habitação

4. Nós, jovens comunistas nas listas da APU **responsabilizamos** o governo do PS e do PSD pela criminosa situação de salários em atraso em que se encontram muitos jovens trabalhadores, assim como pelo escândalo que constitui a situação com que se vão confrontar milhares de estudantes no próximo ano lectivo, sem terem instalações para estudar.

5. Nós, jovens comunistas nas listas da APU **contribuiremos** para uma campanha eleitoral alegre, viva, colorida e dinâmica, virada para o esclarecimento das nossas propostas e o desmascaramento da demagogia eleitoralista do PS/PSD/CDS, promovendo o debate amplo e aberto com os jovens, demonstrando que o voto juvenil na APU é decisivo para acabar com esta política velha que o PS/PSD/CDS nos impõem há nove anos, para salvar o País e encontrar um novo rumo para Portugal — o rumo que só é possível retomando os caminhos de Abril com uma política em que os jovens sejam participantes activos.

6. Nós, jovens comunistas candidatos nas listas da APU apoiamos o programa eleitoral do PCP, reconhecendo e realçando a justeza das medidas que aponta para resolver os problemas juvenis, convencidos de que a sua resolução assim como a resolução dos grandes problemas nacionais e a saída da crise profunda em que se encontra o nosso país é possível e necessário com um **governo democrático de salvação nacional** que corresponda aos anseios e capacidades de largos sectores políticos e sociais da população portuguesa, onde a esmagadora maioria da juventude se reconhece. ■

# a TV

## Até quando?

Um dos comportamentos mais repugnantes da informação na TV diz respeito à posição assumida nos noticiários sobre a África do Sul. Tudo se passa como se os culpados do *apartheid* fossem... os negros!

Quem é que aparece com brutal insistência no Telejornal? O Botha. Quem é que faz o comentário da situação? O correspondente do Telejornal em Joanesburgo. Quem aparece sempre em primeiro plano? As palavras e as iniciativas do governo fascista da África do Sul...

A situação ultrapassou há muito a craveira do escândalo para assumir as proporções de crime. A RTP deve ser a única estação de TV do mundo que cobre o *apartheid* com o manto nada diáfano da cumplicidade...

Até quando a indecência?

## Xarope anticomunista para uso interno

Manobra política para uso interno foi também a segunda emissão dessa miséria pública chamada Yves Montand.

Foi, toda ela, um golpe baixo contra a política de paz dirigida pela União Soviética. Foi uma clara propaganda belicista. Foi, no plano informativo, uma das mais obscenas manipulações a que já assistimos na televisão portuguesa.

Tão obscena que raiou o absurdo. Defendia-se a teoria de que, não tendo embora a União Soviética manifestado qualquer intenção agressiva, a França se devia armar até aos dentes para se defender... de um ataque soviético!

Esse «ataque» chegou a ser montado. Vimos como «ocupantes» soviéticos em Paris perseguiram os «patriotas» franceses que, sobre patins, distribuíam panfletos contra os «ocupantes»! Simplesmente incrível!

Aquela histeria anticomunista é servida pela RTP para consumo interno do nosso país. A RTP está lançada a toda a força na criação de reflexos anticomunistas, para o que utiliza produções estrangeiras, com fins eleitorais.

É faltar, vilanagem!

## Isso queriam eles!

Sempre que o Partido Comunista realiza uma acção política importante, logo por artes de perlimpimpim os outros partidos fazem por mexer uma perninha.

O PCP faz um comício com muitos milhares de pessoas? Pois no mesmo dia Lucas manda cunhar mais uma frase.

O PCP realiza uma festa de luta com grande participação popular? Pois logo o Almeida Santos, delfim por antonomásia, visita os amigalhões e corta uma fita.

O PCP reúne uma Conferência Nacional? Pois logo o Cavaco vai ver os agrários a Beja, numa conversinha familiar.

Isso acontece para quê? Para não deixar o PCP sozinho na televisão, para lhe fazer concorrência, para dar ao público a ilusão de que também fazem coisas, não são apenas os comunistas que...

Claro, a televisão vai na cantiga. Estão todos metidos no mesmo barco podre.

Reparem: uma acção tão importante como a de uma Conferência Nacional, com milhares de presenças em torno de um projecto patriótico global, merece menos tempo de notícia do que a reportagem de Cavaco e mais oito acompanhantes (!) em marcha fúnebre pelas planícies do Alentejo e do que a entrevista balofa ao Freitas!!!

Há para aí quem condene a comparação que se faz entre os tempos concedidos aos partidos. Então como é? Não é o tempo uma dimensão essencial na TV? O critério de importância, na TV, não assenta nos pilares do tempo, no seu teleconceito de tempo e lugar?

Os democratas, pois, não devem protestar nem comparar, devem assistir calminhos às orgias do PS e do PSD na TV...

Isso queriam eles. Queriam não apenas a imoralidade: queriam também a cumplicidade.

## Há gente para tudo...

Pode, pois, alguém, atento aos ataques contra o nosso povo, ficar alheio à nova manobra política que principiou na semana passada?

Trata-se de um conjunto de emissões sobre a CEE. As emissões são semanais e com a duração de uma hora cada. Ao leme vai a Elisa, anticomunista encartada...

As emissões são constituídas por reportagens. Mas, para começar, a Elisa organizou um debate (!?!?) entre Alberto João Jardim e Mota Amaral. A emissão fez-se em directo do Funchal. Umas férias principescas, para além de tudo o mais, sabem sempre bem...

Estamos diante de mais um imenso tempo de antena concedido a Soares, conseguido na base do álbi da CEE. A manobra não pode passar em claro. A opinião pública não pode adormecer.

Elisa? Como o outro que diz: há gente para tudo...

■ **Ulisses**

# ...Síntese... semanal da IMPRENSA

## Dois temas e uma conclusão

Não havendo grandes novidades nas laboriosas encenações que PS, PSD e CDS lá vão erguendo para parecerem diferentes, escolhemos esta semana apenas dois temas:

— um é constituído por especiosas congeminações de José Miguel Júdice que, vendo bem, revelam a insegurança que reina nas fileiras da política de direita e a intenção de, se puderem, voltarem a baralhar as mesmas cartas, prosseguindo com o jogo viciado;

— o outro é constituído por passagens da entrevista de Hermínio Martinho ao «Expresso», de onde resultam algumas importantes clarificações de orientação.

Tudo visto, o leitor não terá dificuldade em compreender como e porque razões o voto na APU é que pode em 6 de Outubro decidir o fundamental.

## Júdice e o «arco anticonstitucional»

● «Não há em Portugal partido dominante, a alternância absoluta é prejudicada pela existência deste PCP que temos. A única solução é explorar a ideia do «arco constitucional», (...)

O conceito de «arco constitucional» é a expressão que foi criada e tem sido usada para explicar de forma concisa — e com a riqueza semântica que a língua italiana permite — a situação de um regime político em que a Constituição é apoiada por todos os partidos excepto o MSI (neofascista), (...)

Em Portugal o espaço do «arco constitucional» abrangeria o CDS, o PSD e o PS, podendo também abranger o PRD se e na medida em que a sua prática política o revelasse como um partido «democrático», para usar a linguagem daqueles partidos. Alguma coisa tem sido feita em Portugal que é expressão, poder-se-á dizer «avant la lettre», da teoria do «arco constitucional», como seja a UGT, alguns acordos autárquicos ou certas consultas em matéria de política externa. Mas tudo isso surge de forma esparsa, com erros de perspectiva, sem estratégia de conjunto, sem coerência e por vezes sem seriedade.

Mas o PCP já o percebeu, e não é por acaso que toda a estratégia das últimas semanas é para os comunistas a «denúncia» da falsa oposição entre Cavaco e Almeida Santos: os comunistas têm razão nos motivos que os levam a preocupar-se, embora a oposição não seja falsa. Mas sobre o «arco constitucional» e a sua concretização, escreverei na próxima semana. Não sem antes dizer que este conceito é, em minha opinião, a fórmula da única solução possível para que o regime político português possa sobreviver e para que os desafios gigantescos como o da CEE, possam ser enfrentados com êxito.»

— José Miguel Júdice, no «Semanário» de 24/8/85

**EXP — Mas porquê? Se acabou de admitir abertamente alianças com o PS e o PSD, porquê é que, com a APU, tem de ver os resultados eleitorais?**

**H.M. —** Repare, eu não estou a dizer abertamente «com o PS sim» ou «com o PSD sim». Estou a dizer o mesmo que estava a dizer atrás. Depois de ver os resultados eleitorais, vamos ver com quem é possível fazer coligações.

**EXP — Portanto, com qualquer um! Não exclui a hipótese da APU?**

**H.M. —** Vamos lá a ver. Não faremos coligações que comprometam a concretização do nosso projecto, como já afirmei. E também já afirmei que, neste momento, perante a prática política do PCP, eu não vejo possibilidades de fazer uma coligação com ele sem comprometer o nosso projecto.

**EXP — E com qualquer dos outros dois, não compromete?**

**H.M. —** Há a possibilidade de haver entendimento sem comprometer o nosso projecto.

**EXP — Vamos a questões mais concretas. Falemos de economia. Vocês defendem uma economia de mercado...**

**H.M. —** Defendemos.

## Alterar as leis laborais

**EXP — Em relação, por exemplo, à recente polémica sobre as leis laborais, que posição têm?**

**H.M. —** Esse será exactamente o primeiro problema que poremos ao Parlamento, seja qual for o governo.

**EXP — E qual é o vosso projecto?**

**H.M. —** Penso que as actuais leis laborais não se podem manter. Uma lei laboral que permite que, num país com cerca de 500 mil desempregados, haja 600 mil pessoas com contratos a prazo, não dá confiança nem aos investidores nem aos próprios trabalhadores. É evidente que isso tem de ser alterado.

**EXP — Em que sentido?**

**H.M. —** No sentido de asse-

gurar mais confiança aos investidores, o que é fundamental.

**EXP — E a questão dos despedimentos?**

**H.M. —** Eu sempre disse que defendia a revisão constitucional no sentido da liberalização. É fundamental conseguir uma lei que inspire confiança aos nossos investidores e que incite os nossos trabalhadores...

**EXP — Mas liberalizam-se ou não se liberalizam os despedimentos?**

**H.M. —** Deve haver uma liberalização não total e uma abertura que dê mais confiança aos investidores. É evidente que não podemos ir para situações extremas e esse tem sido um dos grandes males da vida política portuguesa.

## A Reforma Agrária não correspondeu

**EXP — E a Reforma Agrária? As Unidades Colectivas de Produção...**

**H.M. —** A Reforma Agrária está longe de corresponder ao interesse nacional. Neste momento, Portugal produz menos do que em 1974.

(...)

**EXP — Quanto à Irreversibilidade das nacionalizações: acha que ela se deve manter?**

**H.M. —** Em alguns sectores não acho que haja razão para manter essa irreversibilidade. Mas há uma questão que convém esclarecer. Houve, há anos, uma pequena guerra sobre a abertura das indústrias dos cimentos e dos adubos à iniciativa privada. Havia mesmo já pretendentes a esses ramos. Afinal esses sectores foram abertos e nenhum projecto foi ainda para a frente. Onde estão os pretendentes? A questão das nacionalizações tem sido assim objecto de oportunismo político. Entretanto, fora os transportes e alguns outros sectores, eu defendo que é mais benéfico que haja concorrência.

(...)

— Hermínio Martinho, entrevista ao «Expresso» de 24/8/85

Um Combate de Todos!

Paz e Socialismo

edições Avante!

A NOSSA LUTA É A LUTA DO POVO

A presente antologia inclui alguns dos mais importantes discursos proferidos por Fidel Castro desde o I Congresso do Partido Comunista de Cuba (1975) até à última Assembleia Geral da ONU (1979). Num estilo vibrante e entusiástico, Fidel Castro evoca nestes seus discursos alguns dos momentos mais gloriosos da história de Cuba e algumas das questões mais importantes da construção do socialismo na Ilha da Liberdade.

## Discriminação atinge JCP

A RTP anda extremamente ocupada de Cavaco para Soares, de Almeida Santos para Lucas. Os seus meios técnicos, claro está, não permitem que se desloque às iniciativas do PCP, da APU e da JCP.

A razão é simples. Em fartas jantaras ou no bom sossego das inúmeras estâncias de veraneio existem tomadas de electricidade e outros atractivos que não os puramente jornalísticos.

Quanto às iniciativas promovidas pelos comunistas e pela APU é certo e sabido que não são acompanhadas por faustos repastos. Essas acções realizam-se nas ruas e — essencial — sempre com muita gente e com muitas verdades.

Verdades que a RTP tem vindo a esconder ao longo dos anos, sempre regida pelos mais honestos critérios de «isenção» e «independência».

E porque são verdades que se dizem nas iniciativas promovidas pelo PCP, pela JCP e pela APU a RTP resolve ignorá-las ou — pior — deturpá-las.

Vem isto a propósito da conferência de imprensa promovida pela JCP para apresentar os jovens que se candidatam pela APU. Mais uma vez, a RTP não esteve presente, assim como não estiveram presentes jornais estatizados. Os jovens comunistas enviaram já o seu protesto à televisão discriminatória.

## «T-10», um «special-friend»

De cow-boy de segunda, de polícia de terceira ou ladrão de quarta ordens — tudo no cinema, já se sabe —, o passado de Ronald Reagan era mais ou menos conhecido. Bastante pouco, aliás, que as suas qualidades de actor deixavam-nos nos últimos lugares. A sua fama começou quando subiu ao «posto» de governador da Califórnia e daí se guindou para a

presidência dos Estados Unidos. A sua actuação como chefe da Casa Branca, por de mais conhecida, veio a grangear-lhe má fama entre os povos, sobretudo entre aqueles que mais duramente pagam aos EUA a sua dependência. Mas Reagan tem amigos. Por exemplo Mário Soares.

Agora foi desenterrado — sem surpresa — mais um bocado do passado obscuro de Reagan. O passado de informador do FBI. Admitiu a Casa Branca que em 10 de Abril de 1947 — segundo o vespertino insuspeito «A Tarde» — o casal Reagan forneceu ao FBI nomes de colegas seus, actores de cinema que eles denunciaram como «seguidores do Partido Comunista». Reagan tinha a referência de «T-10». Referência de «bufo». Que tem amigos.

## Pluralismo à CDS

Interrogado pela ANOP, o dirigente «democrata-cristão» Gomes de Pinho disse que a recusa de Cavaco Silva de debater na televisão com o CDS e o PCP os problemas do País «é incorrecta e visaria artificialmente distorcer a realidade do País». Certíssimo. Correctíssimo.

Mas eis que Pinho, logo a seguir, afirma:

«O debate verdadeiramente real deveria ser travado entre Cavaco Silva e Lucas Pires, pois é entre os dois líderes que será decidida a liderança e a chefia do próximo Governo.»

Estava-se mesmo a ver que, para um dirigente do CDS, era pluralismo a mais...

## Tudo gente séria

Cavaco Silva, dirigente do PSD, falando para agricultores do seu partido em Odemira, prometeu «melhorar a satisfação das necessidades alimentares da população, combater a subida de preços e reduzir as importações». Álvaro Barreto, ministro da Agricultura (do PSD), falando em Bragança, anunciou que os preços dos cereais e adubos irão brevemente subir,

# Pontos Cardeais

respectivamente, 12 e 8 por cento. Temos, assim, que o PSD no Governo garante aumentos, enquanto que o mesmíssimo PSD em campanha eleitoral garante baixas. Tudo gente séria, como se vê.

## A grande barraca

Não será assim tão grande a barraca que «O Dia» deu na passada segunda-feira, logo na primeira página. E não será tão grande como isso porque, de «O Dia» tudo será de esperar — até o mais miserável. O pasquim de que falamos expõe, sem pudor, a sua filosofia — a da miséria para todos a fim de que alguns continuem a enriquecer. E, vai daí, avança com uma «proposta», que define logo em título: «Casas de pinho resolvem problema da habitação»!

Casas, não! Barracas! dirá o inquilino que, com a lei das rendas PS/PSD a ameaça-lo, já se vê encaixotado em pinho. Mas «O Dia» não se comove. E reclama-se de um universitário do IST para afirmar que «o recurso à madeira de pinho está em condições de dar resposta adequada às graves carências de habitação em Portugal, por «forma económica, eficiente e rápida».

A tal madeira de pinho será aquela já bem sequinha pelos incêndios que devastam as matas do País?

## Diz-me que cor tens...

Decididamente, Soares reformula a sua imagem. E a que vem aparecendo é cada vez mais a imagem real — distante, muito distante, da figura que tentou impingir ao povo português

durante os primeiros tempos de Abril. Apareceu ele primeiro de punho no ar — o esquerdo, bem estendido. Depois agarrou num cravo. Mais tarde desfez-se da flor que ficou a simbolizar uma revolução, para admitir que não queria nada com revoluções. Por influência de Mitterrand, amigo seu quando ainda persistia em chamar-se «socialista», pegou numa rosa e logo os portugueses ficaram a saber como doíam os espinhos. De braço dado com o «special friend» das Américas, o Reagan da guerra das estrelas, veio a adoptar o raio laser. Agora, na corrida para Belém, fez a rosa mudar de cor. É amarela. Como deve ser.

A rosa amarela, segundo se diz por aí, aparece no emblema do chamado «Movimento Nacional de Apoio à Presidência», «movimento» que será chefiado pelo presidente da TAP. Um candidato de «alturas»...

## Cangalheiros

Vai um e reclama-se de Sá Carneiro. «Que diria Sá Carneiro se...», ou então «Sá Carneiro decerto não aceitará que», ou ainda «Sá Carneiro disse». Deixa-se o líder fotografar com um fundo de retrato, às vezes com o busto em bronze escuro. Mas, sempre, sempre, ao lado do seu anjo protector. Como se sem o lastro fantasmático do líder morto, não houvesse cabimento para tal liderança. Falamos de Cavaco. Agora, Hé-duf-no Gomes, ele próprio cangalheiro, insurge-se contra a apropriação, por Mário Gomes, da alma de Mota Pinto. Em artigo publicado no «Semanário», o ex-maolista e motapintista saudosos vem tentar desfazer o sonho de Soares. E protesta e clama que o dr. Mário Soares não tem nada que invocar o apoio do prof. Pinto.

# Gazetilha

por Ignotus Sum

I  
Não devia ser mais que um governo de gestão mas é um governo de congestão e indigestão. Quem está nele, quem é, que assim nos desfavorece? Está o PSD abraçadinho ao PS... Lá vão os dois apressados juntinhos comendo a alpista. Mas então não estão zangados? É tudo fogo de vista... Mas porque é então que os dois que lá na TV se alternam, desgovernam e depois se calam e se governam? Porque preferem calar a mentira dos contrastes? — Porque não querem falar em coisas tristes, os trastes...

II  
Olha o Álvaro Barreto tem muito para barretar lá vem ele, o amuleto dos agrários, a avançar, mas o que é que o Barreto vem agora anunciar? Diz ele que a CEE belas coisas nos vai dar mas pra já, diz o Barreto, adubos vão aumentar vão aumentar as sementes e o gasoil por pagar... ... Por quanto tempo ainda fica o Barreto a barretar?

III  
Ele dizia que correr, corria bem; porém, para a política não o convidasse ninguém.

Lá explicava assim à malta interessada: «Eu de política não percebo nada».

De repente, o povo nota que afinal entre os apoiantes de Soares estava o tal...

O tal que dizia que nada percebia daquilo que afinal agora fazia...

Caros leitores, não se espantem, não. Eu acho que o rapaz está com a razão.

O rapaz, naquilo que à política cabe, nada vê, nada entende, nada sabe.

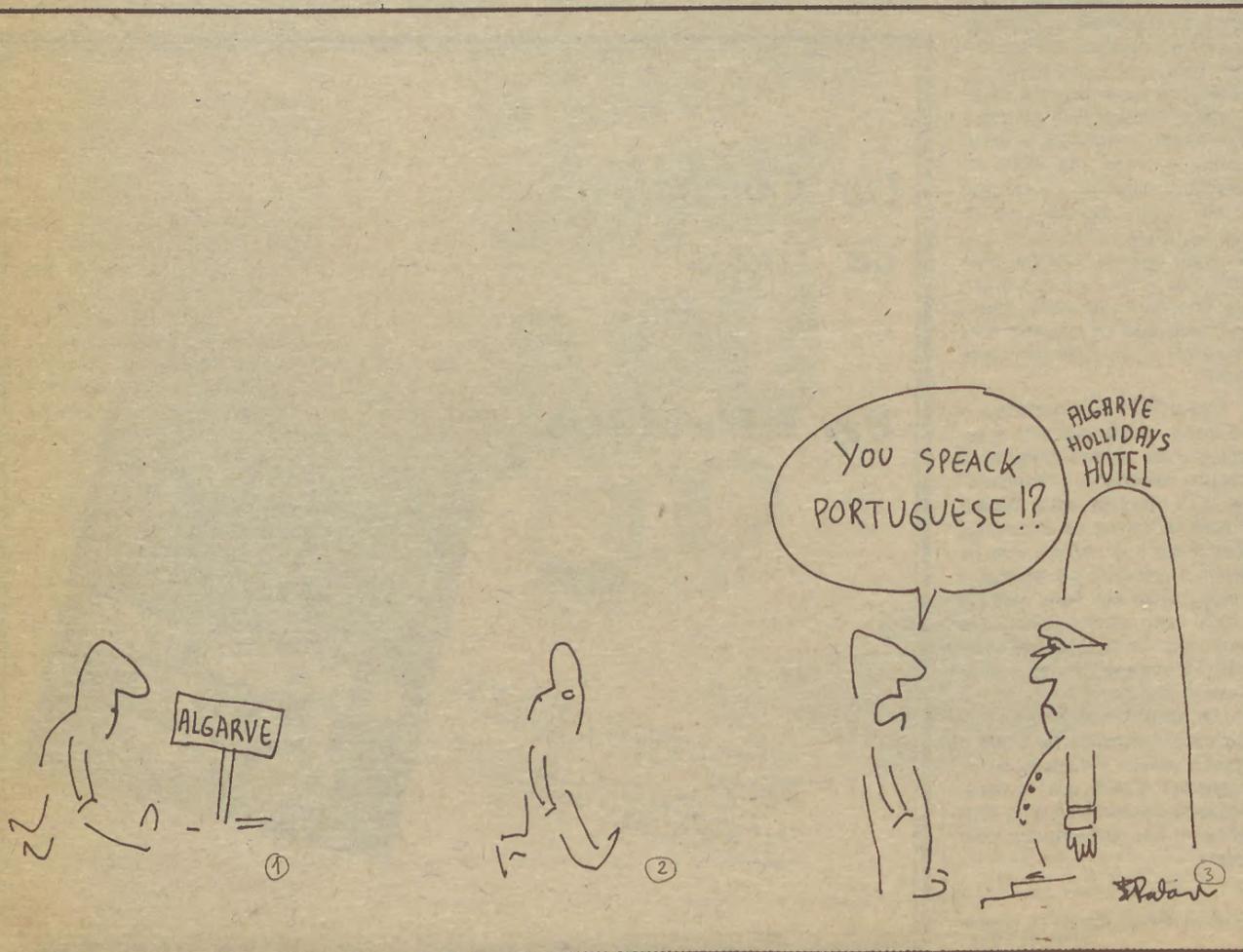
Soubesse ele o que faz e em tais azares certamente não ia apoiar o Soares...

IV  
— Quanto é que o Soares tem pra gastar nas eleições  
— Isso não se sabe bem mas serão uns bons milhões.  
— Bons milhões de quê, meu caro?  
— De dólares, está claro!

V  
O que é que se há-de fazer para ter um bom arranque? Pois está-se mesmo a ver é correr ao City Bank...

Roupa suja que acontece põe-se de penhor no tanque e assina-se um yes no balcão do City Bank...

Já se deixa o calhambeque já se anda de palanque quando se recebe o cheque prensado no City Bank... Mr. Reagan, I thank, I thank, Yes, yes, City Bank...



# Agenda

Avante!

Ano 53 - Série VII  
N.º 609

29 de Agosto de 1985

4.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente

Quinta 29

## • OEIRAS

Sessão da APU, às 21.30, na sede dos Bombeiros Voluntários. Participação do camarada José Casanova, da Comissão Política do CC.

## • VILA FRANCA DE XIRA

Jornada de esclarecimento concelhio com a realização de 6 bancas e distribuição de documentos nas estações.

## • AVEIRO

Comício de apresentação dos candidatos da APU no Teatro Aveirense pelas 21.30, com a participação do camarada Álvaro Cunhal.

## • MONTIJO

No CT do Montijo, plenário concelhio de militantes com a participação do camarada Carlos Ramildes, da Comissão Política do CC.

## • PORTO

A APU apresenta no Teatro Rivoli pelas 21.30 os seus candidatos pelo círculo eleitoral do Porto. No comício serão feitas intervenções por candidatos do PCP, do MDP/CDE e de «Os Verdes». No final, intervenção de Carlos Costa, membro da Comissão Política e do secretariado do CC do PCP e cabeça de lista às legislativas por este círculo eleitoral.

## • VILA FRANCA DE XIRA

Plenário de militantes na freguesia de

Vila Franca de Xira e do Sobralinho.

## • ALHANDRA

Festa Popular da APU, às 21.30, no Largo do Coreto, com uma intervenção do camarada Jerónimo de Sousa, do Comité Central do PCP. Participação musical de Francisco Ceia e de outros artistas.

## • ALVERCA

Pelas 21.30, sessão de esclarecimento no Centro Social do Bom Sucesso com a participação de Daniel Branco, presidente da Câmara Municipal de Vila Franca.

## • CALHANDRIZ

Plenário APU pelas 21.30 com a participação de José António Veríssimo, presidente da Assembleia Municipal de Vila Franca de Xira.

Sábado 31

## • AVEIRO

No concelho de Ovar o camarada Álvaro Cunhal estará pelas 10.30 na zona piscatória da praia do Furadouro. Ainda em Ovar, pelas 12.00, piquenique no acampamento dos Ploneiros de Portugal junto ao Furadouro e pelas 14 horas Festa Popular na Avenida Central do Furadouro. No concelho da Feira e também com a participação de Álvaro Cunhal, Festa Popular às 15 horas na «Feira dos Dez» em Lourosa. Encontro com a população na freguesia de Fiães, de maioria APU.

## • COIMBRA

O camarada Álvaro Cunhal estará pelas 19 horas em Coimbra no Largo da Sé Velha para a apresentação

dos candidatos da APU. Actuação de grupos musicais.

## • LISBOA

Comício APU no Pavilhão Polivalente da Brandoa pelas 21 horas com intervenção do camarada Octávio Pato, da Comissão Política e do secretariado do CC, e ainda de Ludgero Escovar, presidente da Junta de Freguesia da Brandoa.

## • GONDOMAR

Porta-a-porta com a participação do camarada Carlos Costa — em S. Pedro da Cova, nos bairros de Farrobo e Silveirinhos. A partir das 15 horas.

## • MATOSINHOS

Porta-a-porta em Cruz de Pau, Seixo, Barranha, e «Juntos Venceremos».

## • PORTO

Às 21 e 30, com a participação de Carlos Costa, sessão em Azevedo, Campanhã.

## • OLHÃO

Com início às 15 horas a APU promove um plenário distrital na Escola Secundária de Olhão. Esta realização tem como objectivos centrais discutir as linhas fundamentais da campanha eleitoral, aprovar a proclamação dos candidatos, bem como um manifesto à população. A encerrar o plenário intervirá o camarada Carlos Brito, membro da Comissão Política do CC e cabeça de lista pelo distrito de Faro.

## • VILA NOVA DE GAIA

Sessão de esclarecimento em Canidelo com a deputada Ilda Figueiredo. Sessão de esclarecimento em Valadões com António Mota, membro do CC e deputado.

## • SEIXAL

No jardim junto ao mercado de Corroios comício-festa em que participa Carlos Ramildes, da Comissão Política do CC.

## • VISEU

Festa Povo Unido, no Rossio, pelas 17 horas, com a presença de candidatos da APU e ainda a actuação do grupo «O Trigo».

## • VILA FRANCA DE XIRA

Jornada concelhia de propaganda com porta-a-porta na nova freguesia do Forte da Casa

## • VIANA DO CASTELO

Em Valença apresentação dos candidatos da APU. No jardim público pelas 21.30. Projectação de vídeo e música.

Domingo 1

## • COIMBRA

O camarada Álvaro Cunhal estará pelas 9 horas da manhã em S. Martinho do Bispo; na freguesia de Ameal (de maioria APU), pelas 10 horas; em Arzila (também maioria APU), pelas 11 horas; às 12 horas em Pereira do Campo (Montemor). Às 13, em Figueiró do Campo participará num almoço-convívio com agricultores do Baixo Mondego. Encontros com a população: às 16 horas em Ereira (Montemor), e, no concelho da Figueira da Foz, às 17 em Carritos e às 18 em Buarcos, onde decorrerá um arraial popular com os pescadores.

## • MATOSINHOS

Porta-a-porta em Biquinha, Telheiro, Padrão, Paus, Amorosa, Monte Espinho e Junqueira.

## • PORTO

Participação num porta-a-porta nas freguesias de Vitória e

Miragaia do camarada Carlos Costa. A partir das 10 horas.

## • VALONGO

Durante a tarde, na Festa Popular em Campo, intervenção sobre a situação política e as próximas eleições pelo camarada Carlos Costa.

## • VILA NOVA DE GAIA

Na Associação de Socorros Mútuos, «Candidatas da APU em debate-convívio com as mulheres de Vila Nova de Gaia». Participam as candidatas pela APU pelo círculo do Porto: Virgínia de Moura, Ilda Figueiredo, Maria José Ribeiro e Conceição Soares.

## • VILA FRANCA DE XIRA

Distribuição de propaganda nos campos de futebol do concelho.

## • VIANA DO CASTELO

Apresentação dos candidatos da APU pelas 21.30 na Festa de Monção que decorre na Praça Deula-Deu. Projectação de vídeo e música.

## • VISEU

Festa Povo Unido em Nogueira de Cota com a presença de candidatos APU pelo distrito. No Largo da Carvalha Grande pelas 15 horas. Música popular.

Quarta 4

## • VILA FRANCA DE XIRA

O camarada Dias Lourenço visita o concelho de Vila Franca de Xira onde percorre

rá as instalações da Câmara, almoçando com os seus trabalhadores. Participará também na Festa Povo Unido, que decorre no Largo da Câmara, onde fará uma intervenção política.



## Álvaro Cunhal

Sexta e sábado no distrito de Aveiro, comício no Teatro Aveirense, sexta, 21.30

Sábado e domingo no distrito de Coimbra, comício no Largo da Sé Velha, 19 horas.

## Festas

### Fim de Semana

#### Alhandra Sexta

Festa Popular APU no Largo do Coreto, com a actuação de Francisco Ceia e de diversos artistas populares. Uma intervenção política de Jerónimo Sousa, do CC.

#### Aveiro Sábado

Festa Popular na Avenida Central do Furadouro (Ovar) com a presença do camarada Álvaro Cunhal. No concelho de Feira o camarada Álvaro Cunhal estará também presente na Festa Popular que se realiza a partir das 15 horas na «Feira dos Dez», freguesia de Fiães, Lourosa.

#### Coimbra

No Largo da Sé Velha apresentação dos candidatos por este círculo eleitoral com a participação do camarada Álvaro Cunhal. Actuação do Rancho de Coimbra e do Grupo do Ateneu; realiza-se ainda uma sardinhada.

#### Viseu

Festa Povo Unido, no Rossio, às 17 horas. Apresentação dos candidatos da APU por Viseu. Intervenção do grupo «O Trigo».

#### Seixal

No jardim junto ao mercado de Corroios, Festa-comício em que participa Carlos Ramildes, da Comissão Política do CC.

#### Valongo sábado e domingo

Festa Popular em Campo. No sábado à noite actuação de um conjunto rock e no domingo à tarde actuação de Samuel. Intervenção política do camarada Carlos Costa na tarde de domingo.

#### Viana do Castelo

Festa em Valença no sábado pelas 21.30 com a presença de candidatos. Projectação de Vídeo e actuação de Nadir «O Rei do Cavaquinho» — tudo no Jardim Público. No domingo, Festa em Monção, pelas 21.30 na Praça de Deula-Deu com projectação de vídeo e nova actuação de Nadir. Participação de candidatos da APU pelo distrito.

Domingo

#### Vila Nova de Gaia

Pelas 12.00 piquenique no Areinho de Avintes, antecedido de uma caravana de barcos, a partir das 11 horas. Às 15 partida dos barcos para Oliveira do Douro onde às 17 horas decorrerá uma sardinhada.

#### Viseu

Em Nogueira da Cota pelas 15 horas no Largo da Carvalha a Festa Povo Unido com o grupo de música popular «O Trigo» e a presença de candidatos da APU pelo distrito.

Quarta-feira

#### Vila Franca de Xira

Na quarta-feira, dia 4, Festa Popular da APU no Largo da Câmara com a actuação de um rancho folclórico e do Grupo Interpópulo. Intervenção política do camarada Dias Lourenço, membro da Comissão Política.



Topor — (1938) Desenho publicado em «Dessins Panique» — Série Bête et Méchante — da editora Hara Kiri, 1965. Prefácio de Cavanna.

# TV Programa

**Quinta** 29

**RTP1**

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Vila Faia», 82.º Ep.
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos — «As Aventuras de Marco Polo»
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Programa da Direcção de Informação
- 19.20 — Mulheres no Mundo — Egipto, 2.º Ep.
- 19.55 — O Grande Livro de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela — «Louco Amor», 40.º Ep.
- 21.15 — Informação Especial — (Tailândia, o ópio, os pântanos)



- 22.15 — A Bela Otero — 3.º Ep.
- 23.15 — Último Jornal

**RTP2**

- 19.30 — Desenhos Animados — «Recruta Bailey»
- 20.00 — Conheça Melhor, a RDA, «As Tradições Alemãs» — «As Tílias»
- 20.30 — O Misterioso Dr. Cornelius — 4.º Ep.
- 21.40 — Da... Música — «Sviatoslav Richter toca Chopin»
- 22.40 — Jornal da Noite

**Sexta** 30

**RTP1**

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos — «Animação» com filmes da Mclaren
- 18.30 — Notícias
- 18.45 — Rafael — 1.ª parte de um documentário da URTI
- 19.55 — O Grande Livro de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Telenovela — «Louco Amor»
- 21.15 — Som Directo, com Francisco José



- 22.30 — Série — «A Vida de Jesse Owens», 3.º Ep.
- 23.00 — Último Jornal

**RTP2**

- 19.30 — Desenhos Animados
- 20.00 — Recordações — 12.º Ep.
- 21.00 — Atletismo Memorial Tvo Van Damme
- 22.30 — Jornal da Noite

**Sábado** 31

**RTP1**

- 13.00 — Tempo dos Mais Novos — «Os Conquistadores do Ar», «Circoflé», «Foto Rápida»
- 14.00 — Série — «O Pai Murphy»
- 15.00 — Revista de Tolros
- 15.30 — História dos Metais e do Homem — Os alquimistas; o museu de Apotheken no Castelo de Heideberg na Alemanha
- 16.30 — Jazz — Com o Quarteto de António Pinho Vargas
- 17.30 — Panorama — Orquestra Sinfónica de RTL (Luxemburgo)
- 18.30 — Série — «Separados Pela Espada», 9.º Ep.
- 19.45 — Totoloto
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Garfiel e a Vida ao Ar Livre
- 20.55 — O Bem Amado — «O Mensageiro de Júpiter», (8.º Ep.)
- 21.40 — Aplauso — «Plácido Domingo e Júlio Iglesias»
- 22.40 — Último Jornal



- 22.55 — Sábado Especial — «Petúlia», Real. Richard Lester

**RTP2**

- 17.30 — Troféu
- 20.00 — RTP/Brasil
- 20.30 — FilMOTECA TV
- 21.30 — A História do Vietnam, 5.º Ep.

**Domingo** 1

**RTP1**

- 10.30 — 70 vezes 7
- 11.00 — Missa
- 12.00 — Tempo dos Mais Novos: «Era Uma Vez o Espaço», «Os Cro-Magnons», «O Cão Vagabundo»
- 13.05 — TV Rural
- 13.30 — Documentário
- 14.00 — Campeonato do Mundo de Remo: transmissão directa da Bélgica
- 15.00 — Sessão da Tarde: «A Secretária Ideal», real. Richard Hydén (EUA/1950)
- 17.00 — Concurso Hípico da Penina
- 18.30 — No Mundo dos Fraggles, 12.º Ep.
- 19.00 — Top Disco
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Coimbra Sem Tempo, 7.º programa
- 21.00 — Série: «O Grande Senhor», 3.º Ep.
- 22.00 — Domingo Desportivo
- 23.00 — Último Jornal.

**RTP2**

- 18.30 — Campeonato do Mundo de Ciclismo: (provas de estrada) — transmissão via Eurovisão
- 19.15 — Nós... Por Cá
- 20.00 — Adágio: Recital de piano por Francisco José Monteiro, (obras de Carlos Seixas e Mozart)
- 20.30 — Canal Livre: «Os Caminhos do Movimento Cooperativo»
- 21.30 — Cine-Clube: «Os Idolos da Geral», 2.ª parte. Real. Marcel Carné, (França/1945).

**Segunda** 2

**RTP1**

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos: «A Volta ao Mundo com Willy Fog»
- 18.35 — Notícias
- 18.55 — Desportivamente
- 19.20 — O Mundo da Ciência, 6.º programa
- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela: «Louco Amor»
- 21.15 — Miss Universo 85
- 22.20 — Viagem à Roda da Bicicleta
- 22.50 — Último Jornal.

**RTP2**

- 19.30 — Desenhos Animados: «Serafim Agente Secreto»
- 20.00 — Documentário
- 20.25 — RTP/Açores
- 21.00 — Um Amor do Passado, real. Robert Day
- 22.35 — Jornal da Noite.

**Terça** 3

**RTP1**

- 12.00 — Notícias
- 12.03 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos: «Bell e Sebastião»
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Século XX: «O Mundo Em Guerra», 18.º Ep.
- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela: «Louco Amor»
- 21.10 — O Corpo Humano, 18.º Ep.
- 21.45 — Reportagem do Exterior
- 23.45 — Último Jornal.

**RTP2**

- 19.30 — Desenhos Animados: «As Novas Aventuras de Zorro»
- 20.00 — Videopolis
- 20.30 — O Mundo Em Guerra: «Portugal 1939/45»
- 21.00 — Sessão das Nove: «Cria Corvos», Real. Carlos Saura, (Espanha/1976)
- 22.45 — Jornal da Noite.

**Quarta** 4

**RTP1**

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos: «Enquanto é Tempo»
- 18.35 — Notícias
- 18.55 — Trânsito
- 19.20 — Expresso da Europa. Tema: «Os Fundos de Apoio da CEE à Agricultura»
- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Vamos Jogar no Totobola
- 20.45 — Telenovela: «Louco Amor»
- 21.30 — Noite de Cinema: «O Caminho das Estrelas», Real. Robert Wise, (EUA/1979)
- 23.45 — Último Jornal.

**RTP2**

- 19.30 — Desenhos Animados: «As Misteriosas Cidades do Ouro»
- 20.00 — A Arte e as Coisas: A relação entre a poesia (portuguesa) e as artes plásticas
- 20.30 — O Mundo Em Extinção, 20.º Ep.
- 21.30 — Itinerários Artísticos: «A Côte D'Azur»
- 22.30 — Jornal da Noite.

# Livros

**Nicarágua: o grande desafio**, Jaime Wheelock Román e Tomás Borge, Colecção «Nosso Mundo», Editorial «Caminho», tradução de Maria Antónia Dimas, Lisboa, 1985, Preço 500\$00.



De onde vem e para onde vai a Nicarágua? Em que desafio se empenhou esse pequeno e heróico povo que na América Central faz frente ao imperialismo, bate o pé aos «contras» armados e pagos pela CIA? Como conseguiu levantar-se e levantar a bandeira da independência face aos Estados Unidos e conquistar a solidariedade dos países progressistas e dos povos do mundo?

O que o leitor comum sabe da Nicarágua é bastante pouco relativamente à luta que lá se trava e ao seu significado. Sobre a Nicarágua nova e os nicaraguenses que a constroem desde a pesada cortina do silêncio tentando abafar a verdade, despejam-se toneladas de «informações» mentirosas todos os dias nos grandes e nos pequenos órgãos de comunicação do imperialismo ou ao seu rasteiro serviço. Ao mesmo tempo que comandantes «zeros» e «contras», ex-guardas da ditadura sangrenta de Somoza são promovidos a democratas por Mário Soares e mesmo a «resistentes» por Reagan, a verdade sobre a Nicarágua rompe a custo, e aparece apenas nos raros jornais que em Portugal mantêm a verdade como lema e a dignidade como caminho.

Este pequeno livro de que hoje falamos ajuda a compreender a Nicarágua e o seu desafio, a entender o presente e a articulá-lo com o passado. Pois que, como se sabe, as revoluções que apontam o futuro não caem do céu e têm de saber defender-se para assegurarem ao povo uma soberania e uma independência que lhe foram durante longo tempo recusadas.

Dividido em três partes, este livro integra uma entrevista com Jaime Wheelock Román, dirigida por Marta Hamecker, e dois textos de Tomás Borge, o segundo dos quais é uma síntese histórica da Frente Sandinista, desde a sua fundação até à subida ao poder em 1979.

A entrevista com Román, membro da Direcção Nacional da Frente Sandinista de Li-

bertação Nacional e ministro do Desenvolvimento Agro-pecuário e da Reforma Agrária, concedida em 1983, fala sobre a actualidade. A Nicarágua da liberdade, a Nicarágua de uma nova e árdua luta para manter essa liberdade, para defender o país, para reconstruí-lo nos moldes de uma sociedade nova.

Desde o funcionamento da Frente Sandinista à questão do poder, as perguntas directas e concisas, que vão direito ao assunto e não procuram «facilitar», encontram respostas precisas, que por seu lado se não quedam por generalidades e pretendem abarcar uma problemática mais vasta, recuar no tempo e na realidade que «produziu» a realidade de hoje. Dos tempos de Sandino à actualidade.

As diferentes classes sociais e os seus respectivos papéis no processo revolucionário nicaraguense, a questão da propriedade e dos seus diversos sectores e da importância de cada um; problemas como as relações da sociedade com a Igreja católica, cujo papel naquele país da América Central foi importante durante a fase da luta pela liberdade; a questão da defesa contra o imperialismo; a questão das liberdades democráticas, da liberdade de imprensa, das eleições; os avanços registados em várias áreas da produção, nomeadamente a questão da reforma agrária, da planificação — um vasto leque de problemas são abordados e respondidos.

De tal maneira que não só ficamos com um retrato muito mais nítido da realidade como nos fica a certeza de que o empenhamento popular no novo rumo aberto pela revolução sandinista assegurará o seu progresso. Um povo inteiro aceita o desafio.

Do primeiro texto de Tomás Borge, único sobrevivente dos fundadores da FSLN e hoje ministro do Interior, vem à tona o passado, o longo caminho em direcção à liberdade. Escritas na prisão na sua maior parte, essas páginas, «possuídas pelo deus da fúria e pelo demónio da temura», como ele próprio diz na introdução, vão aos anos trinta buscar as suas raízes — ao assassinato de Sandino. O herói, porém, dessas notas de Tomás, é Carlos Fonseca, assassinado também mais tarde, cuja cabeça foi cortada e oferecida a Somoza para «tranquilizá-lo». Engano, porém. O herói que Tomás nos revela é da tempera de todos os heróis da luta pela libertação de um povo.

Conta Tomás Borge:

«O comandante da cadeia de Tipitapa chega à nossa pequena cela, jubiloso, com o **Novedades** na mão para nos dar a notícia: «Morreu Carlos Fonseca», dissé-nos ele. Nós respondemos depois de uns segundos de silêncio: «Engana-se, coronel, Carlos Fonseca é dos mortos que nunca morrem.»»

É com vivos desses — mortais que continuam caminhando ao lado dos seus companheiros — que a vitória é possível. Na breve síntese histórica que, a seguir, Tomás Borge nos dá, assiste-se à longa marcha, através dos anos e das lutas. Desde o longínquo dia da fundação da Frente Sandinista de Libertação Nacional, em 1961, até ao dia 19 de Julho de 1979, a data da vitória.

Mas o 19 de Julho, como sublinha Tomás Borge, é apenas um começo.



# Cinema A selecção

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
<b>A</b> A Caixinha de Surpresas	—	—	★★★★	★★★★	—
<b>B</b> Diner-Adeus Amigos	★★★	—	★	—	—
<b>C</b> O Eclipse	—	—	★★★★★	★★★★	★★★
<b>D</b> A Flauta Mágica	—	—	★★★★	★★★★	—
<b>E</b> A Laranja Mecânica	—	★★★★	★★★★	★★★★	—
<b>F</b> Lawrence da Arábia	—	—	★★★★	★★★	★★★★★
<b>G</b> A Ocasão da Rosa	—	—	★★	—	—
<b>H</b> Reacção em Cadeia	★★	—	★★★	—	★★★
<b>I</b> Starman-O Homem das Estrelas	★★★★	—	★★★	★★★	★★★★

A — Real. Walt Disney — Caleidoscópio (14, 16.30, 19, 21.30) — Lisboa; Águla d'Ouro (18.45, 21.45) — Porto.  
 B — Real. Barry Levinson — Quinteto (14, 17.30, 21) — Lisboa.  
 C — Real. Michelangelo Antonioni — Quarteto/3 (14.30, 16.45, 19.00, 21.15) — Lisboa.  
 D — Real. Ingmar Bergman — S. Jorge/3 (15.15, 18.15, 21.15) — Lisboa.  
 E — Real. Stanley Kubrick — Quarteto/2 (14, 16.30, 19, 21.30, 23.30) — Lisboa.  
 F — Real. David Lean — Império (14.45, 18.15, 21.30) — Lisboa.  
 G — Real. Salvatore Picicelli — Apolo 70 (14, 16.30, 19, 21.30, 24) — Lisboa.  
 H — Real. Mike Nichols — Alfa/1 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), Beta (14, 16.30, 19, 21.30), S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30) — Lisboa; Foco (19, 21.45), Passos Manuel (19, 21.45) — Porto.  
 I — Real. John Carpenter — Nimas (14, 16.30, 19, 21.30), S. Jorge/2 (14.15, 16.30, 18.45, 21.15) — Lisboa.

# Exposições

**Arqueologia Industrial**, «Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender». Visitas guiadas, 3.ª, 4.ª, 5.ª e dom./10 às 17; 6.ª e sábados até às 21 horas. Na antiga Central Tejo, em Belém.

**Azulejos do Século XIV aos Nossos Dias**. De 3.ª a dom/10 às 13 e 14.30 às 17. Museu Nacional do Azulejo — Convento da Madre de Deus.

**Barata Moura**, pintura. De 2.ª a 6.ª, das 13 às 19.30, na Sociedade de Língua Portuguesa, Rua de S. José, 41, 2.ª. Até 30/8.

**Colecção Calouste Gulbenkian**. Expostas no Museu e nas Galerias da Fundação, peças — dos tapetes orientais aos livros preciosos — organizadas sob a designação «Reservas da Colecção».

**Colectiva de Verão**, Galeria Fonte Nova, Estrada de Benfica, 503. Até 6/9.

**Colectiva de pintura e escultura**. 3.ª a Dom./12.30 às 15.30 na galeria Gemini, Rua das Freiras.

**Desenho e Serigrafia**, 46 trabalhos de 16 artistas. De 2.ª a 6.ª, das 14.30 às 19.30. Ditec-Espaço Arte, Av. da Igreja, 46-A. Até 30/8.

**Fotografias de Alberto Peixoto**, António Aguiar, Beatriz Ferreira, Eduardo Tomé e Luís Manuel Vasconcelos. De 2.ª a 6.ª, das 10 às 20, na Casa da Imprensa.

**Jaime Batalha e Luís Magalhães**, exposição bibliográfica e iconográfica, por ocasião do 50.º aniversário da sua morte. De 2.ª a 6.ª/10 às 17, até 31/8 na Biblioteca Nacional.



Sá Nogueira



Alice Jorge



Rocha de Sousa

**Pintura** — Helena Mata, Maria José Ferreira e Teotónio. De 2.ª a 6.ª das 10 às 19, Galeria Altamira, Rua Filipe Folque, 48-A. Até 30/8.

**Regina Chulam** — desenho e pintura. De 2.ª a 6.ª, das 14 às 19. Até 30/8.

**«Um Rosto para Fernando Pessoa»** — o poeta retratado por 33 pintores nossos contemporâneos. Na nave superior do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian.

**Salão de Colagem, Tapeçaria, Gravura e Objectos**. Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, 36, todos os dias das 14.00 às 20.00.

**Vestir 1955-85**. A moda nos últimos 30 anos. Museu Nac. do Traje, Palácio do Monteiro-Mor, Lumiar.

**Victor Reis**, pintura. De 2.ª a 6.ª/8 às 20, até 31/8. Garagem Auto-Palace, R. Alexandre Herculano.

**Arte para as Férias**. 3.ª a sáb. das 16 às 19.30. Galeria EG, Rua do Crato, 210. PORTO

**João Cutileiro**, esculturas em mármore. Centro Cultural de S. Lourenço. ALMANSIL

**Arquitectura e Escultura Góticas**. Até 31/1. Mosteiro de St.ª Maria da Vitória. BATALHA

**1.ª Bienal Nacional de Escultura ao Ar Livre**. Até 29/9 nos Jardins do Museu Municipal António Duarte. CALDAS DA RAINHA

**João Fragoso**, escultura. Até 31/8. Museu de José Malhoa. CALDAS DA RAINHA

**Aníbal Sequeira**, fotografia. Museu Tavares Prouença. Até 16/9. CASTELO BRANCO

**Colectiva de pintura**. De 3.ª a Dom./15 às 19, em A Galeria — R. Nova de Alfaroelra. CASCAIS

**Exposição Nacional de Artes Plásticas de Pequeno Formato**. Galeria da Junta do Turismo da Costa do Estoril nas Arcadas do Parque. ESTORIL

**20 Pintores Portugueses em Madrid**, colectiva na Galeria de Arte do Casino. Das 16 às 24, até 11/9. ESTORIL

**Pamela Anderson**, pintura. Junta de Turismo da Costa do Estoril, todos os dias das

9 às 19. Até 15/9. ESTORIL

**Homenagem a Gil do Monte** (Felicio José Pássaro) — exposição bibliográfica no Museu. ÉVORA

**Colectiva de pintura** (Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Guima, Jorge Martins, Nadir Afonso e outros). De 3.ª a domingo, das 15 às 19.30. Galeria Gilde, S. Torcato. GUIMARÃES

**Edith Ambuhl**, desenhos: «Mãos de Mulheres». Museu Municipal. PENICHE

**Miguel Yeco**, trabalhos recentes. Galeria da Pousada de Palmela. Até 12/9. PALMELA

**Felra de Arte** — tapeçaria, desenho, escultura, gravura, pintura e cerâmica. Todos os dias das 17.00 às 24.00, até 31/8. Galeria de Arte do Casino. PÓVOA DE VARZIM

**Vida e Cultura Popular no Concelho de Santiago do Cacém**, exposição organizada pela Câmara e patente no Museu Municipal até 21/9. SANTIAGO DO CACÉM

**Arqueologia Naval**. Exposição itinerante organizada pela Ass. dos Municípios

de Setúbal, a percorrer todos os concelhos do distrito. SETÚBAL

**Cidália de Brito**, pintura. Restaurante Encoberto, Trav. de Santa Catarina, n.º 11. Todos os dias das 12 às 23.00. Até 13/9. SETÚBAL

**Laurinda Silvério**, pintura. De 3.ª a 6.ª/9 às 12 e 14 às 17; Sáb. e Dom./15 às 15. Até 8/9 na Casa de Boca — Galeria Municipal de Artes Visuais. SETÚBAL

**Kira**. Todos os dias, das 12 às 13, até 31/8. Galeria de Arte do Castelo de S. Felipe. SETÚBAL

**Pintura** — Eduardo Santos Neves, Fátima Neves, Helena Subtil. De 3.ª a Dom./9 às 12 e 14 às 17, até 8/9. Galeria de Exposições Temporárias — Convento de Jesus/Museu de Setúbal. SETÚBAL

**Ribeiro Farinha**. Pintura e Cerâmica. Pousada de S. Filipe, Castelo de S. Filipe, das 10 às 23.00. Até 30/8. SETÚBAL

**José Ribeiro**, pintura, aquarela e desenho. Palácio do Turismo. SINTRA

**Maria Gabriel**, pintura e desenho. Casa das Artes. TAVIRA.

## LISBOA

**ABC**, Parque Mayer. As 21.45; Sáb e Dom também às 16.00. **Fininho mas Jeltosinho**, de J. Betencourt, versão de César Oliveira e R. Solnado, enc. Carlos César.

**Casa da Comédia**, R. S. Francisco de Borja, 24. De 3.ª a s á b / 2 1 . 4 5 ; dom./18.00. **Savannah Bay**, de Margueri-

te Duras, enc. Filipe La Feria.

**Maria Vitória**, Pq. Mayer. **Não Batam Mats no Zezinho**, de H. Santana, Nicholson e Zambujal, enc. H. Santana. De 3.ª a Dom./20.30 e 22.45; Dom. e feriados também às 16.00.

**Ocarina**, Trav. do Poço da Cidade 40. As 2.ª, 4.ª e 6.ª. **O Paraíso Não Está à Vista**, de Rainer Wer-

ner Fassbinder — Grupo de Teatro Maizum.

**Teatro da Graça**, Trav. S. Vicente, 11. Terça a Sáb/22.00; Sáb/e Dom/17.00. **A Noite e o Momento**, de Crébillon Fils, enc. Carlos Fernando — Grupo Teatro Hoje.

**Teatro do Século**, R. do Século, 41. De 3.ª a Sáb./21.30; Dom./16.45. **As Artimanhas de Scapin**,

de Molière, enc. Rogério de Carvalho.

**Teatro Vasco Santana**, Entrecampos (Feira Popular). 3.ª a S á b . / 2 1 . 3 0 , Dom./16.00. **Jardim de Outono**, de Lillian Hellman, enc. Luzia Maria Martins — Teatro Estúdio de Lisboa.

**Academia Almadense**, Rua Capitão Leitão, 64. **O Capote** de Nicolau Gogol. 6.ª,

Sáb/Dom. Enc. de Joaquim Benite. Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Campolide.

## CASCAIS

**Teatro Experimental de Cascais**, Av. Marechal Carmona, 6-B. De 3.ª a S á b / 2 1 . 4 5 , Dom/17.00. **Duas Anedotas Provincianas**, de Alexander Valentinovitch, enc. Artur Ramos.

# ...e ainda Música, debates, etc.

## Congresso sobre o Alentejo

A Comissão Promotora do Congresso sobre o Alentejo, decidiu adiar a sua realização para os dias 25, 26 e 27 de Outubro, dada a proximidade da realização das eleições legislativas.

Em reunião realizada em Portalegre foi feito o balanço dos trabalhos de preparação, nomeadamente no que se refere à participação de inscrições para a apresentação de comunicações, expectativa que foi largamente

Juventude do concelho de Santiago do Cacém vão organizar o **Acampamento Concelhio da Juventude** que se realizará no parque de campismo da Lagoa de Santo André nos dias 30 e 31 de Agosto e 1 de Setembro.

Durante os três dias de acampamento será dada especial atenção a uma série de acções de formação na área desportiva, acções estas que estarão a cargo de técnicos especializados.

## Terceira Idade

A Câmara Municipal de Loures está a promover uma iniciativa destinada à Terceira Idade que abrange cerca de 5300 idosos residentes naquele concelho.

O programa, que se prolongou até 27 de Setembro, compreende visitas a Peniche, Foz do Arelho, Caldas da Rainha, Óbidos e Termas dos Cucos.

Estas jornadas de convívio realizam-se pela terceira vez e são gratuitas.

Os participantes são acompanhados por elementos da Cruz Vermelha e alguns jovens inscritos nos programas OTL.

Os participantes são acompanhados por elementos da Cruz Vermelha e alguns jovens inscritos nos programas OTL.

## Jogos populares

Recuperar e divulgar os jogos tradicionais locais e promover o convívio entre a população pela via saudável da prática desportiva é o objectivo da segunda edição dos jogos populares de Sesimbra, que têm início no dia 1 de Setembro e se prolongam até 28 do mesmo mês.

Das tradições sesimbrenses, estes jogos englobam modalidades como o chiniquito, o jogo do burro, pião, corrida de sacos, jogo da choca, do paulito, das bolas de ferro, regatas de selhas e de

aiolas, que, sendo tradicionais não se praticavam há mais de 20 anos e foram recuperadas no ano passado com os Jogos Populares de Sesimbra. Quem quiser está a tempo de participar.

## Património

De 13 a 15 de Setembro decorre em Tomar o II Encontro para o Estudo e Protecção do Património da Região de Tomar.

A defesa, manutenção e valorização de aspectos diversos da cultura local serão levadas a efeito em diversas acções, com destaque para as comunicações e projecções de filmes, as exposições (Cerâmica de Alpiarça) e «Abordagem do património natural e construído».

## Cinema

Além de uma Antologia do filme policial que decorre de hoje até domingo no Auditório do Forum Picoas, também no Forum Picoas, mas no Auditório 2, no domingo, segunda e terça dois filmes apresentados sob a rubrica «40.º Aniversário da 2.ª Guerra Mundial». Referência especial merece **Cabaret** de Bob Fosse com Liza Minelli e Michael York.

No sábado, no **Quarteto/2** às 00.45, **O Processo** de Orson Wells, e amanhã na sala 1 **Tess** de Polanski.

Amanhã e depois às 24 horas no **Estúdio 444** o filme de Antonioni **Identificação de Uma Mulher**.

## Aos jovens

Entrou recentemente em funcionamento a 14.ª unidade da rede de Pousadas de Juventude em Vila Real de Santo António.

Beneficiados são os jovens possuidores



de cartões de alberguistas que procuram o Sul do País.

O albergue fica situado na R. 1.º de Maio n.º 23.

As obras foram efectuadas em regime de voluntariado por jovens alberguistas alemães, franceses e portugueses no âmbito de um programa de cooperação entre organismos juvenis.

O preço da dormida em Vila Real de Santo António com pequeno almoço incluído é de 260\$00 de Abril a Outubro e de 180\$00 de Novembro a Março, sendo gratuitos o uso da cozinha, duchas quentes e roupa de cama.

Para aqueles que não dispõem do indispensável cartão, o contacto é este: APPJ (R. Andrade Corvo, 46 Lisboa) ou qualquer Pousada da Juventude.

Entretanto, continua a apresentar-se todas as sextas, sábados e domingos pelas 22 horas o «espectáculo de luz e som» «Alguns História, Alguns Lenda», encenado por Orlando Worn, com textos de Maria Germana Tangê e a participação de vários actores, cantores e músicos. No Palácio Nacional de Sintra.

## Música

**Concerto de guitarra clássica**, dia 31, às 21 e 30 na Igreja Paroquial de Arrente-

# Tempo Fim de Semana

Céu geralmente limpo. Vento fraco, que deverá soprar em regime de nortada durante a tarde na faixa costeira ocidental a Sul do Cabo Carvoeiro.

Esta é a antevisão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica para o fim-de-semana e no que respeita ao Continente.

# Utilidades & variedades

## Vai faltar a água no nosso planeta?

A água pura começa a tornar-se num dos problemas mais agudos da nossa época, em que se concentram todos os aspectos negativos da revolução técnica. O desenvolvimento da indústria, da irrigação da agricultura, da urbanização, o crescimento demográfico, em suma, as realizações da nossa civilização têm o seu reverso quando se trata da água. O problema não se limita ao volume que a Humanidade consome. O essencial é saber que quantidade e em que estado se encontram as suas fontes.

A verdade é que a quantidade de águas poluídas rejeitadas aumenta constantemente, atingindo o seu volume anual qualquer coisa como 600 mil milhões de metros cúbicos. Pela sua composição, as águas residuais são uma espécie de «mistura diabólica», onde os especialistas conseguem distinguir até 600 mil substâncias químicas diversas. E se algumas delas são inofensivas por si próprias, podem tornar-se em puro veneno em contacto com outras.

Por outro lado, a saúde do homem é ainda posta em perigo pela capacidade de certos produtos das águas de esgoto em se acumularem nos organismos vivos, plantas ou animais. Tudo isto acabou por tornar inutilizável grande número de fontes de água.

À procura crescente de água pela produção — em que uma

solução poderia ser o abastecimento em circuito fechado, de molde a que a água pudesse de novo entrar na produção depois de devidamente tratada e depurada — crescem as necessidades em recursos energéticos, que aumentam a um ritmo não menos rápido. Não está excluído que num futuro próximo a penúria de água no planeta seja ainda mais grave que a do petróleo. Mas se este pode ser substituído por outro hidrocarbonante, a água não tem substituto.

A fim de depurar as águas residuais, muitos métodos foram tentados. Nenhum deles é o perfeito: afinal, a ciência não teve ainda tempo para criar um «antídoto», tanto mais que estão constantemente a aparecer novas substâncias tóxicas nas águas residuais.

Por outro lado, a depuração torna-se cada vez mais onerosa

e tudo leva a crer que o seu preço se vai agravar ainda mais. A própria análise química das águas residuais custa caro.

No entanto, mesmo as águas «convencionalmente puras» para utilizar a expressão dos especialistas, ou seja, aquelas que já foram tratadas, estão longe de ser estéreis. Ao ser analisadas, contêm substâncias nocivas que ultrapassam frequentemente as normas admissíveis. Para as fazer baixar até aos limites reconhecidos, é preciso diluí-las seis a doze vezes em água pura. Nesta caso, a quantidade de água gasta é bastante mais elevada que a consumida pela indústria em fins tecnológicos.

A mistura das águas poluídas com a pura constitui uma prática corrente no mundo. A continuar assim, toda a água dos rios do globo será consumida até ao fim do século para diluir as impuras. Estaremos então perante uma real crise mundial das águas.

### Soluções possíveis

Dois meios fundamentais há contudo que poderiam ajudar a resolver ou pelo menos adiar o problema: a implantação de tecnologias que não libertem resi-

**Não está excluído que num futuro próximo a penúria de água no planeta seja ainda mais grave do que a do petróleo. Mas se este pode ser substituído por outro hidrocarbonante, a água não tem substituto. Entretanto, é possível encontrar soluções para o problema.**

duos, ou a reutilização da água em circuito fechado. A perspectiva mais sedutora é claramente a de conseguir obter ciclos sem detritos, segundo o modelo que nos é dado pela própria natureza, que exclui todos os resíduos sem necessidade de instalações de depuração.

A produção sem detritos funciona inclusivamente em algumas empresas, que reutilizam a água e os resíduos sólidos. Mas o seu aperfeiçoamento requer um certo tempo. Ao mesmo tempo o desenvolvimento dos sistemas de reutilização da água em circuito fechado poderia tornar-se uma etapa transitória na via para a realização deste objectivo. Assim, não seria preciso reorganizar processos tecnológicos e produção industriais.

É verdade que os sistemas de reutilização da água, longe de excluir, predeterminam a cons-

trução de instalações aperfeiçoadas na depuração das águas, antes da sua reutilização. No entanto, as vantagens ecológicas e económicas dos circuitos fechados são evidentes: torna-se supérfluo gastar água fresca para diluir as residuais, e é possível reduzir os investimentos na construção de represas e canalizações.

Segundo as estimativas dos economistas, uma instalação de reutilização de água na produção de adubos azotados reduz em 70 por cento as despesas na economia das águas. Recentemente, cientistas soviéticos tentaram aperfeiçoar um sistema que dá a possibilidade de usar primeiro a água para as necessidades do homem e depois aproveitá-la para a indústria. Uma primeira instalação destas funciona já a título de experiência numa zona de Moscovo.

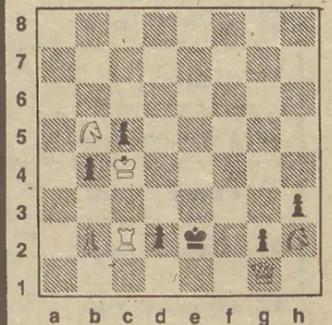
## Xadrez

XV — 29 de Agosto de 1985

PROPOSIÇÃO N.º 15  
Por J. Bajtay  
«Épitômunkas», 1928

Pr. (6): Ps. b4, c5, d2, g2, h3-Re2

Br. (6): Pb2-Cs. b5, h2-Tc2-Dg1-Rc4



Mate em 2 lances

JOGO N.º 15

Festival Internacional de Potsdam, 1985

Br. M. Ghinda — Pr. G. Agzamov  
1. e4, Cf6; 2. e5, Cd5; 3. d4, d6;  
4. Cf3, Bg4; 5. Be2, c8; 6. c4, Cb6;  
7. Cbd2, dxe5; 8. Cxe5, Bf5; 9. Cf1,  
Cb8d7; 10. Cf3, Be4; 11. Ce3, e6;  
12. O-O, Be7; 13. b3, O-O; 14.  
Bb2, a5; 15. a3, Dg7; 16. Dc1, Td8;  
17. Td1, Cf8; 18. Cd2, Bg6; 19.  
Bf3, Cbd7; 20. Bc3, e5; 21. dxe5,  
Cxe5; 22. Be2, Ce6; 23. Cf3, Cxf3+;  
24. Bxf3, Cg5; 25. Be2, Ce4; 26.  
Be1, Bf6; 27. Ta2, Cc5; 28. Cg4, Bd4;  
29. b4, axb4; 30. Bxb4, Ce4; 31.  
Bf3, c5; 32. Be1, Te8; 33. Ce3, Ta6;  
34. Cd5, Db8; 35. Cc3, Tae6; 36.  
Cb5, Bf6; 37. Bg4, Te6e7; 38. g3, h5;  
39. Bd7, Td8; 40. Bh3, Tde8; 41.  
Bd7, Cg5; 42. Bxe8, Dxe8; 43.  
f4, Ch3+; 44. Rf1, Dg6; 45. Td8+, Rh7;  
46. Td5, Bd3+; 47. Rg2, Be4+; 48.  
Rxf3, Bxd5; 49. cxd5, Dd7+ e as Br.  
abandonam. Se: 50. Rg2, Dxd5+ e  
51. ... Dxa2...

Chave: 1. Tc3! ameaça 2. Te3  
1. ... d1=C; 2. Tc2 mate  
1. ... d1=D (T,B); 2. De3 mate  
1. ... bxç3; 2. Cç3 mate

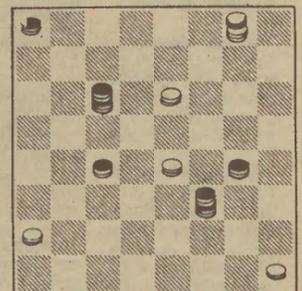
■ A. de M. M.

## Damas

XV — 29 de Agosto de 1985

PROPOSIÇÃO N.º 15  
Por Cândido Policarpo (Santarém)  
«Vamos Decifrar» n.º 35, 1.XI.1945  
Pr. (10)-13-15-(23)-32

Br. 1-8-14-22-(29)



Jogam as brancas e ganham

JOGO N.º 15

Vale de Vargo, 10.X.1982  
Br. Medalha da Silva  
Pr. Daniel Machado

1. 12-16, 23-19; 2. 9-13, 21-17; 3.  
5-9, 25-21; 4. 1-5, 19-15; 5. 11-20,  
24-15; 6. 13-18, 21-14; 7. 10-19, 27-  
23; 8. 6-10, 23-14; 9. 10-19, 22-18;  
10. 3-6, 28-24; 11. 16-20, 31-28; 12.  
7-12, 30-27; 13. 4-7, 26-21; 14. 12-  
16, 28-23; 15. 19-28, 32-23; 16. 8-  
12, 15-8; 17. 7-12, 24-15; 18. 12-  
23, 8-4=D; 19. 28-32=D, 4-8; 20.  
16-20, 8-26; 21. 5-10, 27-22 Empate

GOLPE N.º 15

De Canalejas (IV) em Libro del  
Juego de las Damas...» Çaragoça,  
1950.

1. 10-14, 22-18; 2. 12-15, 23-20;  
3. 5-10, 28-23; 4. 8-12, 20-16; 5. 2-  
5, 23-20; 6. 10-13, 27-22; 7. 4-8,  
32-28; 8. 5-10, 21-17!; 9. 14-21,  
25-18 e as Br. ganham!

SOLUÇÕES

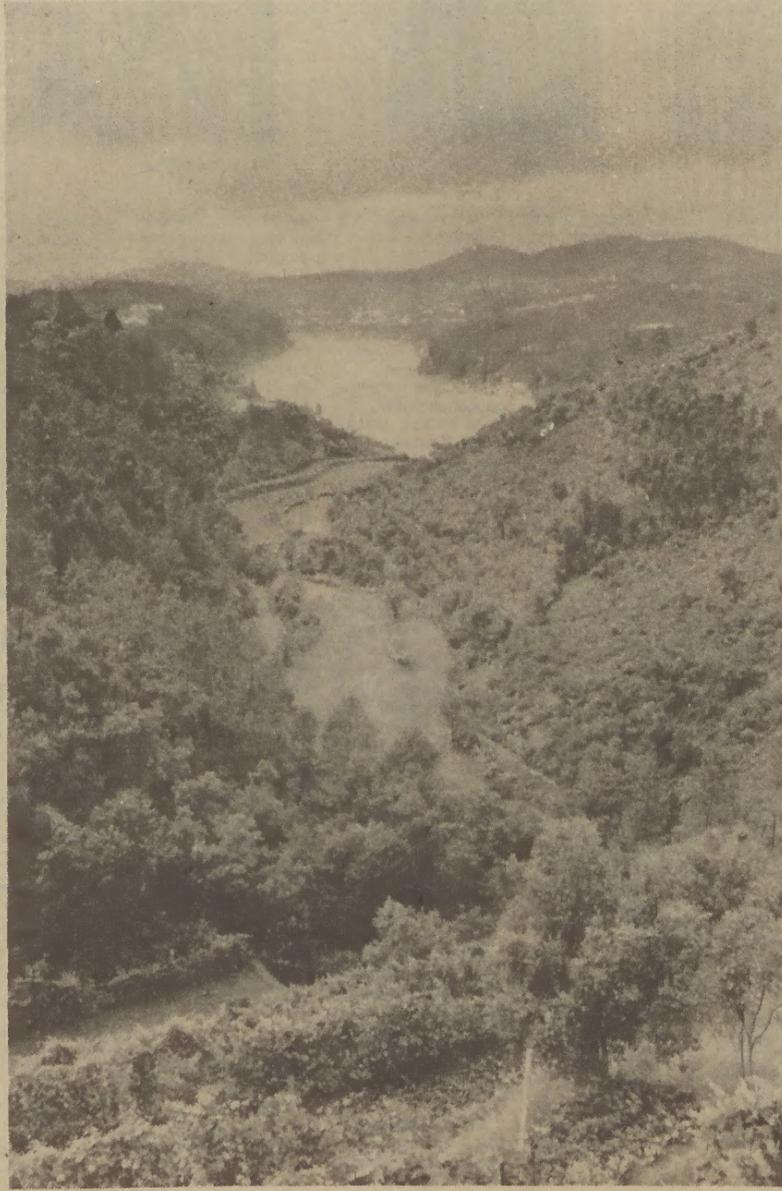
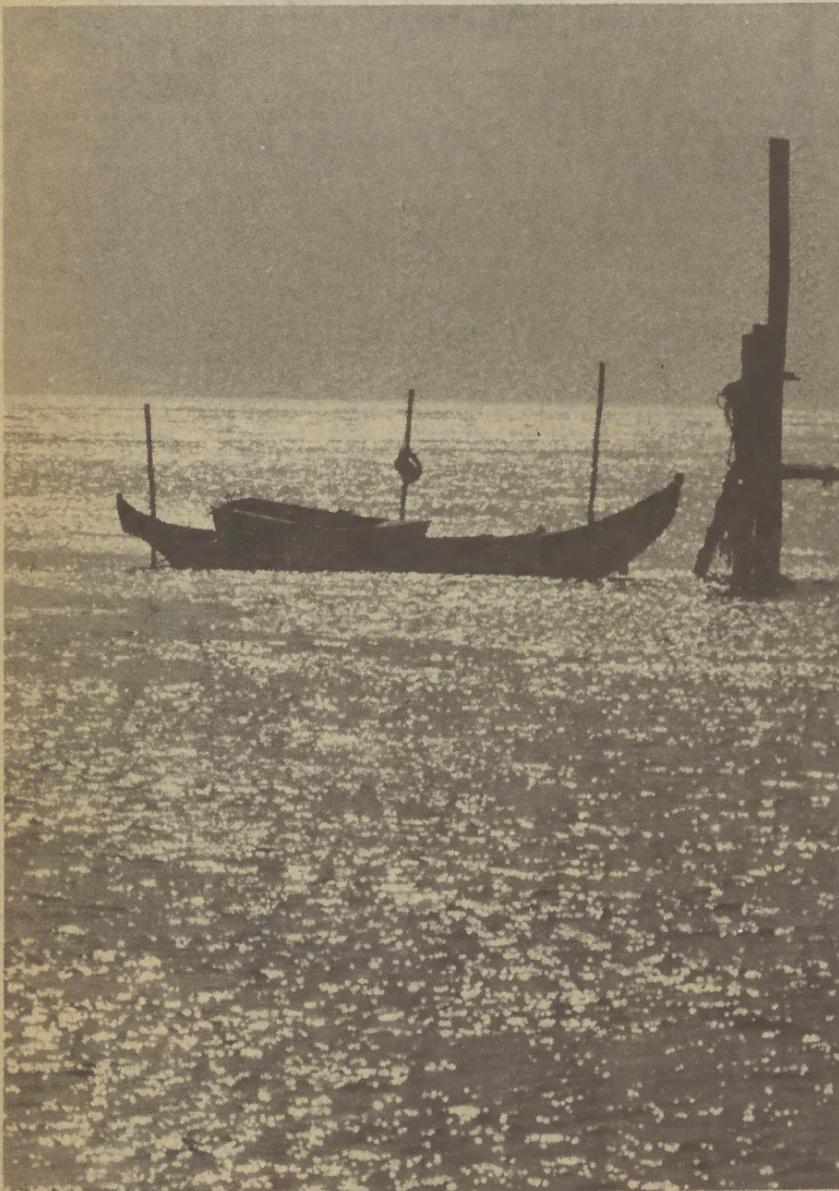
XI (2.VIII.85): — «Afandu» 18-21  
e 12-16 e 10-28, 31-24 (Qualidade);  
6-10, 17-20; 16-30 G. Br.

Golpe 15. 18-21, 25-7; 16. 10-14,  
19-10; 17. 12-28, 31-24; 18. 16-32  
G. Br.

XII (9.VIII.85): «L.A. David» 11-21,  
24-4; 3-7, 25-18; 26-29, 4-11 ou 4-  
14; 29-9 ou 29-1 G. Br.

Golpe 13. ..., 24-20; 14. 15-24,  
31-27; 15. 24-31, 29-25; 16. 31-6,  
25-2!!! G. Pr.

■ A. de M. M.



251825



## + 100 contos de discos e cassetes

Já começou a sua EP?

E quantas já venderam?!



# Na festa!

ALTO DA AJUDA • 6, 7 E 8 SETEMBRO

### Avante!

Director  
António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 7  
29 de Agosto de 1985

Não pode ser vendido separadamente

# Sábado 7



# Holly Near

## Martinho da Assunção



Martinho da Assunção é um nome que desperta...  
Assunção, o nome de voz...  
Brito, nomeadamente em...  
Martinho na Festa...  
...a música que sempre foi...  
...a música que sempre foi...

## Bulimundo



Meu nome é Bulimundo...  
Bulimundo é um nome...  
...a música que sempre foi...  
...a música que sempre foi...

## Telectu



Telectu é um nome...  
...a música que sempre foi...  
...a música que sempre foi...

## Histórias contadas e cantadas



## Lúisa Basto



# Oito dias de trabalho no Alto da Ajuda

Estamos apenas a oito dias da abertura da Festa do «Avante!». Oito dias que urge aproveitar em todas as suas horas. Seja na propaganda, seja na venda das EP's, seja — essencialmente — na implantação da Festa de Abril.

Este fim-de-semana foi dado um passo decisivo para a construção dos pavilhões e demais estruturas no Alto da Ajuda. Foram 1324 as pessoas que se deslocaram ao terreno e assim deram um forte contributo para que a Festa possa abrir as suas portas.

Trata-se de um contributo que é necessário ser continuado ao longo destes últimos dias. Seja abdicando de apenas uma

semana de férias, seja deslocando-se até ao Alto da Ajuda depois do emprego, num último esforço para que a décima Festa seja a melhor e mais bonita de todas.

Neste momento — e uma vez que o tempo começa a escassear — a carpintaria e a electricidade são os objectivos prioritários no terreno. Daí que o maior apelo seja dirigido aos carpinteiros e electricistas militantes do Partido ou simples amigos que abraçaram esta Festa como sendo também sua. Mas não são só os operários especializados que são precisos no Alto da Ajuda. Pintores, empregados de escritório, estudantes, operários agrícolas,

todos os que o quiserem, seja qual for a sua profissão, são neste momento indispensáveis no terreno.

Elevar os postes de electricidade, montar os toldos das estruturas, pintar e decorar os pavilhões são algumas das tarefas que se nos apresentam no terreno.

Tarefas sem as quais a nossa Festa nunca poderia ser tão bela quanto é e quanto será — ainda mais — este ano. Num último esforço para que na sexta-feira ao fim da tarde tudo esteja pronto para a abertura daquela que é a Festa dos trabalhadores, da democracia e do socialismo. A Festa do «Avante!»



## Cidade da Juventude Um espaço cada vez mais jovem

Neste que é o Ano Internacional da Juventude, a zona dos jovens na Festa reveste-se de particular importância, sendo a sua participação pensada de uma forma dinâmica e diferente.

A Paz e o XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes serão as grandes vedetas de um Pavilhão Central da Cidade da Juventude — que este ano fica logó à entrada do lado esquerdo, junto à Cidade do Desporto — na Festa do «Avante!».

Este Pavilhão Central da Juventude reflectirá também os problemas do movimento juvenil internacional e em Portugal. Aí, também estará em destaque o Ano Internacional da Juventude, seus objectivos e sua realidade. Ainda no Pavilhão, e na zona onde estará exposta uma exposição fotográfica de Luís Pavão sobre o mesmo tema, haverá *video gigante* com

imagens inéditas do XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. Ainda em exposição estará a importância da luta pela paz e da exploração pacífica do Cosmos.

### Encontro do Teatro Amador

Mas a grande novidade da Cidade da Juventude deste ano é, sem dúvida, o Encontro do Jovem Teatro Amador. Nesta iniciativa, original, participam oito grupos amadores de Lisboa, Porto e Setúbal. Não só haverá debates sobre a situação do jovem teatro e a falta de apoios com que se debate, como haverá espectáculos por todos os grupos. Esta iniciativa decorrerá, como o



nome indica, no Auditório de Teatro e Debate. Aí, realizar-se-ão os já tradicionais encontros abertos

com a JCP, onde se fala sobre a organização dos jovens comunistas. Como é, o que faz, quais os seus objectivos e principais tarefas.

### Os espaços de participação

Iniciativa que colheu frutos o ano passado, os *ateliers* de participação estarão uma vez mais presentes na Cidade da Juventude desta décima Festa do «Avante!». Lá estará a informática, o radio-amadorismo, o campismo e caravanismo e as artes plásticas. Para que todos possam aprender um pouco de tudo. Pela experiência.

### Claques Juvenis APU

Finalmente, uma das novidades mais esperadas da participação juvenil deste ano são as Claques Juvenis APU. Organizadas, claro está, muito coloridas e, essencialmente, bastante alegres, desfilarão no domingo entre a Cidade da Juventude e o palco 25 de Abril, mesmo antes do começo do comício.

## Festival Desportivo da Juventude

Os jovens são os reis e senhores da Cidade do Desporto da Festa durante todo o dia de sábado, dia em que se realiza aquele que será o Festival Desportivo da Juventude.

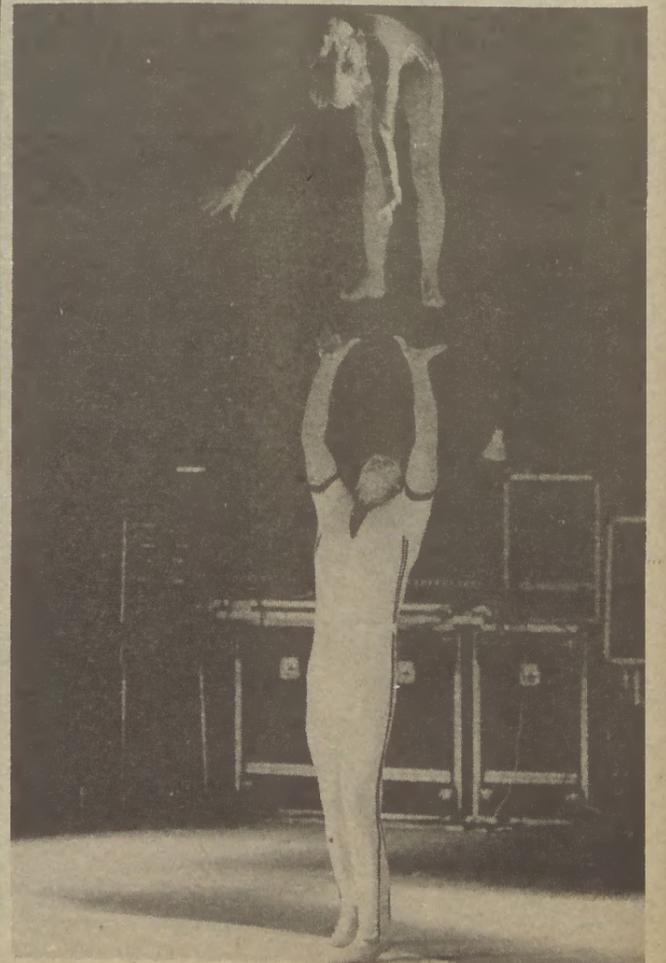
Nesta iniciativa participarão classes de ginástica de colectividades populares dos distritos de Lisboa, Setúbal e Guarda, numa mostra cheia de cor, entusiasmo, beleza e, claro, muita juventude.

Assim, sábado será um dia a não perder na cidade do desporto. Lá se poderá apreciar a capacidade de realização das populações e da juventude na área do desporto. Lá se pode ver o grande contraste existente entre a falta de apoios e o belo trabalho encetado pelas colectividades no apoio e incremento da prática desportiva. Seja no litoral ou no interior, no norte ou no sul.

A vitalidade do desporto e o amor que o nosso povo nutre pela cultura — porque desporto é cultura — podem ser apreciados ao vivo na Cidade do Desporto, onde ainda nos poderemos dar conta de como com uma outra política, de como com um novo rumo para o País, é possível uma verdadeira participação das massas nas iniciativas desportivas.

Este Festival Desportivo da Juventude vai terminar em beleza quando, pelas 21 horas, se iniciará um Festival Internacional de Ginástica, de que falaremos mais pormenorizadamente no próximo número, onde participarão equipas da União Soviética, Polónia, Checoslováquia e Portugal.

Na equipa portuguesa participarão ginastas que fazem parte das selecções nacionais das diferentes especialidades.



# Sorteio da EP Cinco prémios ! X1500

• 1.º prémio — uma aparelhagem de alta-fidelidade  
mais 100 contos em discos e cassetes

Já aqui se tem dito muito sobre a EP. Sobre a necessidade da sua venda e sobre as suas vantagens. Este ano só ainda não se disse sobre o sorteio a que ela nos habilita. É o que vos propomos. Como todos os anos, a EP habilita-nos a um magnífico sorteio. O adjectivo «magnífico» não está aqui por acaso. Desde as viagens à União Soviética para duas pessoas, ao automóvel que saiu o ano passado a uma jovem, que os prémios vêm ao encontro dos

interesses da grande maioria das pessoas. Não é a décima edição da Festa do «Avante!» que vai constituir a excepção a esta regra. Não vai ser excepção por duas coisas. A primeira é por a Festa do «Avante!» ser um espaço privilegiado de divulgação musical e o segundo por 1985 ser o Ano Europeu da Música. Trata-se de duas considerações que à partida poderão parecer não ter nada a ver com os prémios da EP. Desenganem-se. Têm e muito,

uma vez que os prémios da EP estão relacionados, e muito, com elas.

Vejamos: este ano não vamos ter um, nem dois, nem três, mas cinco — cinco — prémios, todos eles relacionados com a música. As grandes vedetas do sorteio deste ano, que se realiza no terreno no domingo, são aparelhagens de Alta-Fidelidade.

Cinco são os prémios a que a EP nos habilita, cinco são as cadeias de Alta-Fidelidade da Pioneer a que se habilitam todos aqueles que escolherem a sua EP para a Festa do «Avante!».

Este ano com uma grande vantagem. É que em todos os prémios as aparelhagens são da mesma série. Em termos de som, não é por nos sair o primeiro ou o quinto prémio que vamos ter uma maior ou menor qualidade.

Com efeito, todas as aparelhagens são compostas por um gira-discos, um amplificador, sintonizador e gravador, e ainda por duas colunas. Todas as aparelhagens, como dissemos, são Pioneer, da série X-1500.

Isto tudo é muito bonito, dir-se-á. Mas, para que nos serve termos uma cadeia de Alta-Fidelidade se não há dinheiro para comprar discos?

A Festa do «Avante!» também pensou nisso. De facto, para que serviriam?

Como já aqui se disse, todos os cinco prémios têm uma cadeia de Alta-Fidelidade X-1500 da Pioneer. No entanto, há uns prémios mais valiosos do que outros. E isto porque além das aparelhagens, os prémios incluem ainda discos e cassetes

à escolha dos vencedores. E atenção. O primeiro prémio, além da aparelhagem, é ainda contemplado com cem contos em discos e cassetes oferecidos pelas Populares Livrarias CDL. Um prémio que, como é lógico, já vos levou a ver se o número da EP é um número bonito. Além do mais, todos os outros quatro prémios incluem discos e cassetes — à escolha dos vencedores, porque cada um tem os seus gostos — que podem ser adquiridos nas Populares Livrarias CDL.

Vejamos a lista dos prémios: 1.º prémio — uma cadeia de Alta-Fidelidade Pioneer X-1500 mais cem contos em discos e cassetes. 2.º prémio — uma cadeia de Alta-Fidelidade Pioneer X-1500 mais cinquenta contos em discos e cassetes. 3.º prémio — uma cadeia de Alta-Fidelidade Pioneer X-1500 mais 25 contos em discos e cassetes. 4.º e 5.º prémios — uma cadeia de Alta-Fidelidade Pioneer X-1500 mais dez contos em discos e cassetes. E você, já comprou a sua EP?



## Vender a EP



Estes oito dias que nos separam da abertura da Festa são indispensáveis para a venda da Entrada Permanente. O lote de artistas nacionais e estrangeiros já é conhecido na sua quase totalidade, as pessoas já começam a ter uma ideia muito concreta do que será esta décima edição da Festa do «Avante!» e, por isso, estão cada vez mais receptivas à compra da EP. Esta é uma tarefa que nos cabe a todos nós. A apenas uma semana da Festa são ainda muitas as pessoas que não compraram a sua EP. A começar por si — quem sabe? — a compra da EP, como temos

vindo a referir ao longo dos diversos números de «A Festa!», é indispensável para o êxito da Festa.

Hoje, o «Avante!» divulga a lista dos cinco prémios do sorteio da EP. Uma razão mais para se imprimir uma ainda maior dinâmica à venda da EP.

Uma tarefa que se não pode encarar como filha bastarda das outras que se prendem com a Festa mas, bem pelo contrário, que deve ser tida como das mais importantes. Seja comprando ou vendendo. Porque há muitas portas que estão abertas à espera de uma EP, vamos fazer um último esforço.

## Um espectáculo diferente

O café-concerto da Festa do «Avante!» não será um espaço onde apenas haverá espectáculos, se os entendermos na sua tradicional designação. Falar em Café-Concerto no Alto da Ajuda é dizer transformar.

Por lá passarão espectáculos dos mais variados tipos. Se é certo que a grande maioria estarão relacionados com a música, nas suas diversas formas e estilos, não é menos certo que o teatro (como o comprova a presença do elenco completo do Teatro Estúdio de Lisboa), o recital, ou a mímica também terão uma palavra a dizer. Assim como o tem a intervenção política directa.



Daí que a lista de presenças que hoje publicamos — se bem que não seja completa — expresse bem a heterogeneidade (bem

# CAFÉ CONCERTO



homogénea) do que se passará no Café-Concerto.

Por lá passarão desde o fado vadio à música de câmara, do debate às pequenas rábulas de teatro. Um pouco de tudo, por que tudo pode ser espectáculo e nos café-concertos é exactamente isso que acontece: um pouco de tudo.

Como exemplos, e sendo uma lista ainda incompleta, podemos desde já adiantar que Lia Gama, Maria Guinot, Carlos Alberto Mo

niz, Mário Mata ou o Teatro Estúdio de Lisboa são algumas das presenças já confirmadas.

Outras são as de lo Apoloni, Teresa Paula Brito, da música de câmara, do fado vadio e de diversos debates. Ainda presentes estarão Mário Mata, Jorge Lomba, Cremilda Gil e a Banda Brasil, entre outros.

Como se vê, um programa extremamente rico que desde já nos põe de olho à espreita ali para as bandas do Café-Concerto.

**N**o dia 6 de Setembro do ano passado, o «Avante!» recebia o

seguinte telegrama: «lamentamos muitíssimo cancelar apresentação de Holly Near. Impossibilitada de andar por dores nas costas devidas a velhos problemas. Esperamos voltar a Portugal mais tarde». Três dias depois, teve de se anunciar no palco 25 de Abril que a cantora norte-americana que criara tanta expectativa entre o público não poderia estar presente.

Nesse mesmo dia, Holly Near escrevia-nos: «sinto-me muito mal com o que aconteceu. Nunca cancelo concertos! Tentei contactar-vos ao longo de dez dias da Dinamarca e da Alemanha para vos garantir que iria. Estávamos a caminho de Lisboa via Paris quando tive um grave problema nas costas que me impediu de andar. Estou profundamente desapontada porque desejava cantar em Lisboa. (...) Tenho muita pena e espero que possamos tentar de novo no futuro».

Foi assim que se ficou a saber da impossibilidade de comparência de Holly Near na Festa. Todos ficámos desapontados, mas ao fim e ao cabo, não passou de um adiamento. Dia 7 à noite, vamos mesmo poder ouvir esta intérprete norte-americana ao vivo no Palco 25 de Abril. De Holly Near se disse num jornal norte-americano que «se quiserem observar um exemplo perfeito da indiferença da rádio para com um talento especial, parem aqui».

Vamos, com efeito, parar aqui, no talento de Holly Near. De si se disse no «Los Angeles Times» ser «uma cantora com o à vontade e o intimismo de Anne Murray e a integridade poética de Joni Mitchel». Ou então, segundo Denise Tessier, uma voz que possui «a clareza de Joan Baez, a emoção de Joan Armatrading e a força de qualquer artista da Broadway». Trata-se, como se pode ver por estes rasgados elogios, de uma intérprete norte-americana que só não é conhecida por todos simplesmente por ter sido desde sempre uma conseqüente e activa militante do movimento contra a guerra que os Estados Unidos moveram na Indochina. Por ter desde sempre posto a sua arte ao serviço da causa da paz e do movimento operário e democrático. Holly, que se considera a si mesma como sendo uma «trabalhadora da cultura», salienta que «as pessoas queriam-me para cantar canções anti-nucleares e não julgo que a Columbia Records estivesse interessada nisso».

### Uma história que pode ser de amor

Holly Near começou a cantar ainda jovem numa época em que a pop-music da costa leste do EUA (Holly é californiana) era uma autêntica onda de criatividade de musical sem paralelos nos anos sessenta. À sua grande voz, junta-se o curso superior de teatro pela UCLA e um promissor início de carreira na Broadway, onde se



## HOLLY NEAR

estreia no primeiro elenco da ópera rock «Hair». Ao seu muito talento junta-se a sua vontade política. Duas características que, unidas, não interessam nem um pouco às editoras discográficas.

Retomando a mais importante característica que marcou a Folk music nos EUA durante as décadas de trinta e quarenta — ou seja, uma profunda ligação

entre a música e o movimento operário e democrático — Holly Near, segundo as palavras de Jane Fonda, «transformou-se numa das artistas progressistas mais influentes do País».

Trata-se, com efeito, de uma artista com uma visão muito crítica do seu país, não tendo pejo em denunciar a fome nos EUA ou em afirmar que «um presidente democrata só

marginalmente poderá ser preferível a Ronald Reagan». Afirmações de grande coragem no seu País, um percurso conseqüente que lhe valeu a total indiferença dos meios audiovisuais de comunicação do seu país.

Em 1973, funda, juntamente com outras artistas, uma produtora independente de discos onde tem gravados os seus seis

álbuns e que já ultrapassaram o meio milhão de exemplares vendidos, o que demonstra, claramente, a importância da obra de uma artista que não tem atrás de si nenhuma máquina publicitária.

Será pois Holly Near que vamos ter a oportunidade de ouvir no sábado que é dia sete de Setembro. Uma intérprete norte-americana que, nascendo de

uma família de activistas sindicais que tinham obras que incluíam canções de Brecht, Paul Robeson e dos Weavers, já gravou com os Sweet Honey on The Rocks, e com os Inti Illimani. Uma artista que o ano passado cantou na Nicarágua Sandinista e que o ano passado quis vir à Festa dos trabalhadores, da democracia e do socialismo. Na noite de dia 7. Como é lógico, um espectáculo a não perder...



## Martinho da Assunção

Martinho da Assunção é um nome que dispensa apresentações para quem seja um admirador do fado. Um nome que este ano estará uma vez mais na Festa do «Avante!», naquele que será um espectáculo a não perder no Auditório 1.º de Maio. Martinho da Assunção nasceu no bairro lisboeta de Alcântara. Tinha acabado de passar a casa dos dez anos quando deslumbrou tudo e todos no recital de viola que interpretou no Café Luso. A partir de então, Martinho da Assunção é quase como um complemento directo da palavra Fado, uma vez que o grande mestre da viola não só se tornou conhecido pelas suas interpretações como revolucionou o fado, introduzindo uma nova forma de acompanhar os cantadores para o que inventou novas harmonias e esquemas de apoio. Filho do poeta anarco-sindicalista Martinho da

Assunção, o mestre da viola trabalhou com todos os grandes nomes do fado, desde Amália Rodrigues a Alfredo Marceneiro e foi companheiro de grandes guitarristas como sejam Jaime Santos e José Nunes (ambos já falecidos). No seu invejável curriculum, Martinho da Assunção tem ainda o seu nome ligado à composição e à orquestração, tendo composto, nomeadamente, dois clássicos do fado: «Fado Faia» e «Balada Para Uma Velhinha», o último dos quais foi escrito para Carlos do Carmo. Como orquestrador, o seu nome está ligado essencialmente a um disco já hoje raro uma vez que se esgotou depressa. Chama-se «Lisboa ao Entardecer». Nele tocava Martinho da Assunção acompanhado por uma orquestra sinfónica. A arte de Martinho da Assunção não é só conhecida e reconhecida no nosso País. Um pouco por toda a parte foi acumulando êxitos atrás de

êxitos, nomeadamente em França e Cuba.

### Martinho na Festa

Na Festa do «Avante!», Martinho da Assunção tocará acompanhado por mais dois músicos. O seu neto, Vital Assunção, e o guitarrista Arménio de Melo. Um recital que integrará, não só composições suas, como também arranjos sobre alguns clássicos do fado, como sejam o «Nocturno» e «Coimbra». Um recital que será um dos espectáculos a não perder na Festa do «Avante!», até porque o guitarrista Arménio de Melo tocará numa guitarra portuguesa por si construída com uma escala e afinação completamente diferentes do usual e, logicamente, com um som novo. Como já aqui se disse — mas nunca é demais repetir — um espectáculo a não perder no Auditório 1.º de Maio.

## Bulimundo

Mais uma vez, a música africana vai estar presente na Festa do «Avante!». Mais uma vez — e depois de passagens que deixaram boas recordações — a música cabo-verdiana vai estar presente no Alto da Ajuda. O grupo tem por nome «Bulimundo». Foi fundado em 1978 e actualmente conta com dez elementos. Quando se fala de música cabo-verdiana, os pés começam imediatamente a marcar o ritmo bem marcado da morna. No entanto, ao falarmos dos Bulimundo não estamos a falar desta música, constituindo o grupo, um dos mais sérios projectos de pesquisa da cultura popular de Cabo Verde. A razão é simples. «Formámos os Bulimundo — dizem os seus fundadores — para emprendermos um trabalho de pesquisa do Funaná. Através do Funaná poderíamos despertar a juventude cabo-verdiana para a importância das suas raízes nacionais e africanas». Mas o que é o Funaná? Como é possível que «o gesto mais profundo dos cabo-verdianos ao nível da cultura popular» não fosse de nós conhecido? A razão — uma vez mais — é simples. O Funaná é um género musical e uma expressão cultural da ilha de Santiago, onde vive mais de metade da população do país. Sabendo nós como a cultura — e essencialmente a música — popular é uma forma de resistência dos povos, é fácil de se ver o interesse que o colonialismo teve em silenciá-lo. Na sua forma primitiva, o Funaná é tocado simplesmente por um pequeno acórdão e por ferrinhos, sendo dono de um ritmo muito peculiar e personalizado.



Mas estávamos a falar dos Bulimundo... Pegando no ritmo quase irresistível do Funaná, e

ciosos de investigarem as suas raízes mais profundas, um grupo de músicos cabo-verdianos funda os Bulimundo. De 1978 até hoje, o seu trabalho

não parou de crescer e de se aperfeiçoar. Hoje, os Bulimundo adquiriram um lugar ao sol na música popular de Cabo Verde. Eles próprios salientam que o álbum com que se estrearam, «Djam Brancu Djá», «é o

primeiro disco de recuperação do Funaná em Cabo Verde, mas o segundo é ainda um melhor exemplo». A este segundo LP chamaram «Bulimundo». Depois veio um «Batuco», «O Mundo Ka Bu Kaba» e, finalmente, «Éxodo». Das suas actuações — e as

afirmações têm sido citadas do semanário «Sete» — afirmam:

«interpretamos os nossos temas, mas jogamos com a improvisação em determinadas canções».

Um espectáculo que será a não perder. Mais uma oportunidade de se ouvir a boa música africana nos palcos da Ajuda.

# Telectu

Em Moscovo, onde estiveram como convidados da delegação portuguesa ao XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, a sua música mereceu os aplausos de um público entendido. Na Festa do «Avante!», a sua música já foi ouvida por muitos. Trata-se de um grupo que desenvolve, desde há já uns anos, um profícuo trabalho na produção da música electrónica. Os seus instrumentos são a guitarra electrónica, os sintetizadores, as câmaras de eco e os pedais vários. À sua música apelidam-na de **minimal e repetitiva**.

Músicos que tiveram a coragem de recusar quaisquer compromissos comerciais e que se lançaram no mercado discográfico por conta própria, fazendo uma autêntica «cruzada» contra o obscurantismo cultural das

editoras discográficas, dando a conhecer uma música que normalmente é «esquecida» pelos circuitos comerciais, a rádio e a televisão.

Uma música de que se pode ou não gostar, mas que nunca poderá ser ignorada.

E, exactamente por a Festa do «Avante!» ser também a grande Festa da música nas suas variadas formas, os **Telectu**, pois é deles que estamos a falar, mais uma vez estarão presentes no Alto da Ajuda.

Jorge Lima Barreto e Vítor Rua — os componentes do Telectu — estabelecem com as tecnologias computacionais uma relação de natureza artística.

O resultado é uma música agradável, se bem que difícil.

O resultado é mais uma nova experiência na Festa do «Avante!» que, uma vez mais, se impõe como um espaço de divulgação.



# Histórias contadas e cantadas

Quando se fala de espectáculo, vem-nos imediatamente à memória um concerto, uma representação teatral ou um bailado. Vêm-nos à memória estas formas artísticas; porém, chegam-nos isoladas.

Raro é, de facto, associarmos um espectáculo a teatro, música e bailado ao mesmo tempo. No entanto, estas disciplinas — tal como quaisquer outras — não são estanques. Podem-se interligar. Podem-se fundir num único espectáculo, com resultados mais ou menos brilhantes. Complementam-se! Por isso, falar de «Histórias Contadas e Cantadas» é falar um pouco de bailado, música, o canto e o conto. É dizer que todos se juntam para nos falar das lutas e liberdade de um povo que está vivo.

O próprio nome deste espectáculo diferente indica o que se irá passar em cima do palco. O povo, claro está, é o protagonista. As suas lutas são o enredo. Os intérpretes são cinco músicos, 4 bailarinos, 2 actores e um cantor.

Quem canta é Teresa Paula Brito. Uma voz que conhecemos. Uma artista cujo repertório vai do canto negro, norte-americano à canção de intervenção em português.

«Histórias Contadas e Cantadas» é um espectáculo diferente. Um espectáculo que poderá ser visto na Festa do «Avante!».



# Luísa Basto

Trata-se de uma voz que todos conhecemos. De uma voz que nasceu em Vale do Vargo, no distrito de Beja a 10 de Maio de 1947 e que viveu na União Soviética de 1961 a 1974 por os seus pais serem militantes comunistas na clandestinidade.

Aí, participa activamente nas jornadas de solidariedade para com os comunistas e outros democratas portugueses. Formada no Instituto Superior de Pedagogia Musical, de Moscovo, grava em 1968 um *álbum* com doze canções de resistência e luta.

Uma dessas canções chama-se «Avante, camarada, Avante!». Uma canção que desde sempre ficou profundamente ligada à resistência e à luta dos comunistas, do movimento operário e de todos os democratas contra a ditadura fascista. Uma canção que ainda hoje é um hino à resistência e à certeza no futuro.

Participando no IX e XI festivais mundiais da juventude e dos estudantes, Luísa Basto sempre emprestou a sua voz à causa do seu povo, levando a sua luta a numerosos países, entre os quais Suécia, Espanha, Itália e URSS.

É neste último país que em 1975 vence um Festival da Canção Política no qual participaram representantes de trinta países. Artista que actualmente reside e trabalha em Almada, o seu nome aparece também ligado ao teatro, tendo nomeadamente

participado no elenco da peça «O Caso da Mãozinha Misteriosa» que o extinto Grupo-4 levou à cena há uns anos. Nome imprescindível para quando se fala da canção política em Portugal e da sua importância na mobilização dos

trabalhadores, Luísa Basto é uma artista imprescindível na Festa do «Avante!» onde, uma vez mais vai actuar. Um espectáculo que será mais uma oportunidade para se ouvir uma das maiores vozes femininas portuguesas.





1983, 1984

# O povo em Festa suas culturas suas revoluções

Nos dois últimos anos, um pouco de tudo aconteceu na Festa. Desde a comemoração dos 600 anos da Revolução de 1383 aos dez anos de Abril.

Em 1983, a planta da Festa sofre importantes modificações. O Palco 1 passa do topo norte para a vertente sul. Uma decisão que se mostrou justa com o vento que se fez sentir, nomeadamente no sábado à noite e que impediria qualquer espectáculo na localização antiga.

Mas, essencialmente, a Festa ganha ainda mais nomes. Se já era uma tradição haver uma Alameda da Constituição e outra das Conquistas de Abril, este ano os locais de espectáculo são baptizados. Como é lógico, o mais importante, aquele a que durante tantos anos se chamou Palco 1, passa a partir de agora a ser de 25 de Abril.

Além do mais, e ainda em 1983, aparece um novo espaço de animação na Festa: o auditório 1.º de Maio. Um espaço que desde logo se impôs pela qualidade dos momentos que lá

se viveram, 1983 viu também nascer um outro espaço que não mais acabou: o café-concerto da zona de Lisboa.

A oitava Festa do «Avante!» fica indissociavelmente ligada à evocação da Karl Marx no primeiro centenário da sua morte e às comemorações dos 600 anos da Revolução de 1383-1385. Esta Festa fica ainda indissociavelmente ligada a nomes como Judy Collins, Elba Ramalho e o mestre Luiz Gonzaga e ainda à IV Bienal de Artes Plásticas da Festa do «Avante!».

## 10 anos de Abril

1984 foi um ano especial. Dez anos se tinham passado desde que, numa madrugada de Abril, o MFA avançou. Passavam dez anos sobre o dia em que o povo inteiro saiu para a rua para, com a sua força, pôr fim a uma ditadura de 48 anos. Passaram dez anos sobre o começo da descolonização, da Reforma Agrária e das nacionalizações.

Por isso, nesta nona edição, a Festa foi por Abril. E por lá aconteceu Abril. Fosse na exposição central, fosse ainda naquela que foi a maior mostra de fotografia jamais realizada em Portugal e onde participaram os melhores artistas do nosso país, naquela a que se chamou «Objectiva'84».

Fosse ainda nos encontros com Abril — nos encontros onde se falou de dez anos de luta —, no mercado da Reforma Agrária ou no auditório 1.º de Maio.

## Os espectáculos

Em 1984, o auditório 1.º de Maio adquiriu uma importância plenamente justificada. Aí, Paulo de Carvalho cantou e conversou com o público. Aí, Fernando Tordo realizou a primeira audição do seu último álbum — que meses mais tarde o levaria a uma Aula Magna repleta e completamente rendida ao talento e à música deste cantor português —, «Anticiclone». Aí, no auditório 1.º de Maio se realizou aquele que foi o Festival

Internacional de Mímica; de uma arte que ainda não tinha, adquirido a expressão de que se revestiu nesta Festa.

Ainda neste ano, os Trovante fecharam a Festa. Antes porém, tinha actuado o trompetista Arturo Sandoval e Alceu Valença. Quanto a este último, no final da actuação foi-lhe proposta a realização de mais um espectáculo naquele mesmo palco, o que teve que ser recusado — com muita pena — devido a compromissos entretanto assumidos por este cantor nordestino.

Mas ainda neste ano, houve uma presença que faltou: Holly Near. Doente, esta cantora-letrista norte-americana não pôde comparecer. Mas não desesperem todos aqueles que o ano passado julgaram ter a

oportunidade de ouvir uma voz com «a claridade de Joan Baez, a emoção de Joan Armatrading e a força de qualquer artista da Broadway». Será este ano — na décima edição da Festa do «Avante!» — que Holly Near actuará em Portugal!

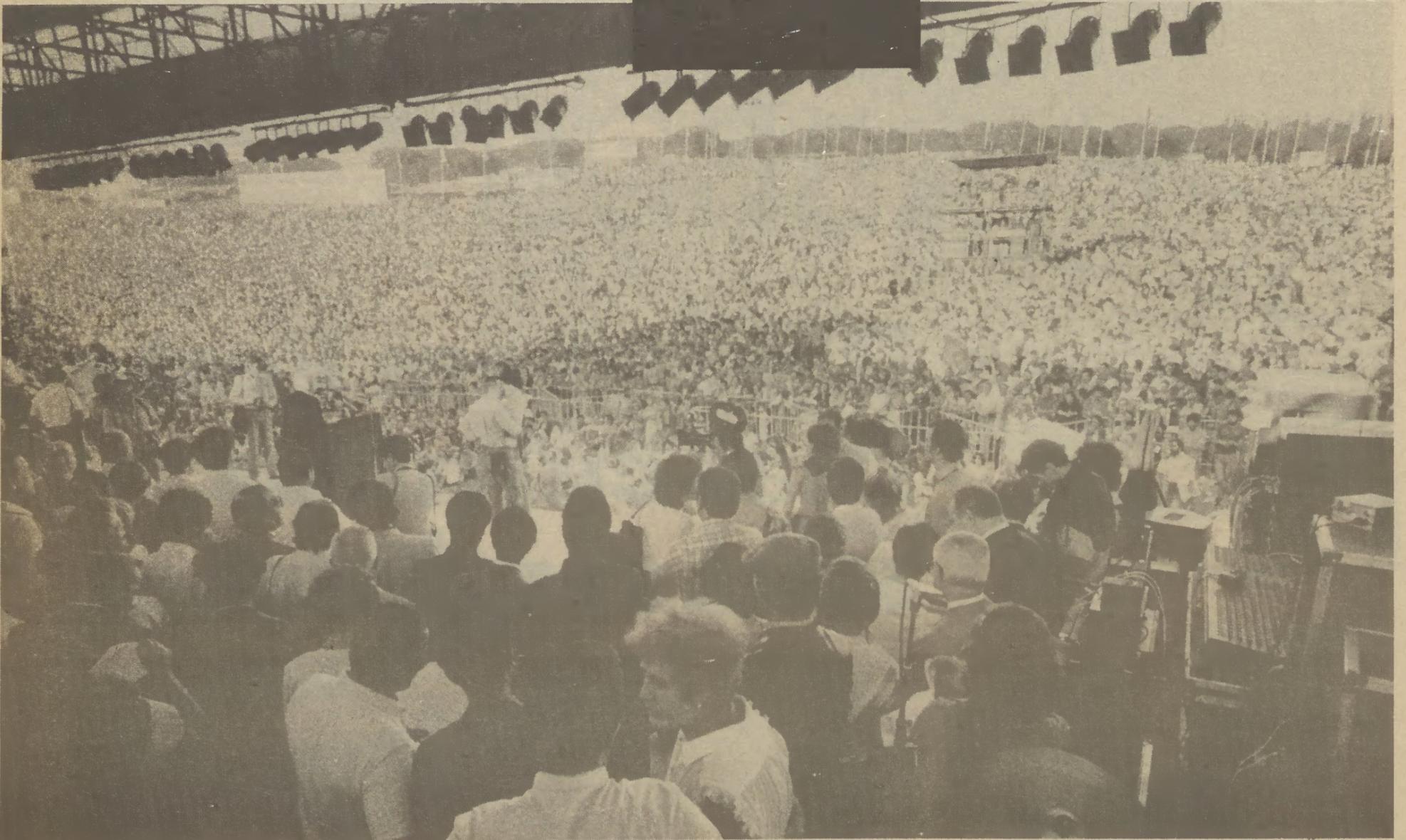
1983 e 1984 foram, em termos de espectáculo, os anos do Nordeste Brasileiro, por lá tendo passado dos mais importantes nomes da música popular brasileira. Desde o mestre de todos, Luiz Gonzaga, até aos novos, mas há muito confirmados, intérpretes.

Mas a Festa ficou também mais pobre nestes dois anos. Pela primeira vez não puderam estar presentes dois amigos de sempre. Em 1983 foi Adriano Correia de Oliveira e, em 1984, José Carlos Ary dos Santos.



**Domingo às 17 e 30**

# Comício no Alto da Ajuda



A Festa é o maior acontecimento político e cultural jamais realizado no nosso País. A afirmação não é nova, mas cada vez mais é actual. A comprová-lo está o comício que todos os anos aí se realiza.

Fosse na Fil, no Jamor ou agora no Alto da Ajuda, o comício que no último dia da Festa se realiza é o maior comício de massas do Partido.

Aí, se fala sobre a Festa, sobre o Partido e sobre a actualidade política. Aí se diz da força criadora dos trabalhadores e do seu Partido: o PCP.

Como todos os anos, Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP e António Dias Lourenço, membro da Comissão Política e director do «Avante!» são os intervenientes.

Este ano, o comício será um pouco diferente. Este ano é 1985. Este é o Ano Internacional da Juventude.

Por isso, quando forem 17 e 30 de domingo, será tempo para uma intervenção da JCP naquele que é o maior comício jamais realizado pelo nosso Partido.

## **A festa que é o comício**

Falar do comício é dizer da imensa festa que esta iniciativa é por si mesma. É dizer que durante o espaço de tempo em que decorrer todo o Alto da Ajuda estará sintonizado para com a área do palco 25 de Abril. Que os espectáculos interrompem-se durante cerca de uma hora, mas que a Festa atinge o seu apogeu.

São centenas de milhares de pessoas que participam nesta iniciativa política. São centenas de milhares de pessoas que fazem a Festa.

Com as suas cores, a sua alegria e combatividade, são centenas de milhares de pessoas a demonstrarem que o nosso Partido está vivo e bem vivo. Que o nosso Partido, como ninguém, conhece a realidade nacional e apresenta propostas realistas para a solução dos grandes problemas nacionais. O comício é uma autêntica Festa dentro da Festa. Seja pela imensa cor que inunda toda aquela zona do palco 25 de Abril e os espaços que lhe estão fronteiros, seja pelas muitas bandeiras da APU e do PCP, em delirantes reviravoltas, vão sendo como que o espelho do entusiasmo dos participantes.

## **Não se esqueçam**

Portanto não se esqueçam. O comício realiza-se no domingo, dia 8, pelas 17 e 30. Antes, haverá espectáculo, bom espectáculo. Depois também. Por isso, para se alcançar um bom lugar para assistir às intervenções, é necessário estar-se por lá um bom bocado antes. Porque vale mesmo a pena participar no comício da Festa do «Avante!», uma vez que este é uma oportunidade sempre única de se estar junto com centenas de milhares de pessoas unidas em torno de uma causa comum.

## **Membros da direcção do Partido nos colóquios do Forum**

A Festa do «Avante!» é também a festa do debate e do esclarecimento. Aí, são muitos os milhares de pessoas que se informam sobre as propostas e a actuação do Partido.

Assim, desde as exposições políticas, até às simples conversas, é o mundo que vai desfilar perante os nossos olhos.

Neste campo, adquirem particular importância os colóquios e debates organizados.

Estas festas dentro da Festa têm o seu espaço próprio. O Forum.

Aí, durante três dias, o debate é rei. São diversos os colóquios em agenda. São muitos os temas sobre os quais se falará.

De entre todas essas iniciativas, quatro há em que participam membros dos organismos executivos do Comité Central.

O primeiro, que se realiza na sexta-feira, pelas 21 e 30, contará com a participação do camarada Carlos Brito, membro da Comissão Política do Comité Central e presidente do Grupo Parlamentar do PCP.

Carlos Brito intervirá no colóquio sobre as próximas eleições legislativas e as propostas do PCP para a constituição de um



Governo Democrático de Salvação Nacional. No sábado, pelas 16, será a vez de Carlos Brito fazer um balanço da actividade do grupo parlamentar do PCP e, pelas 18 horas, Carlos Costa, membro da Comissão Política e do

Secretariado do Comité Central, falará sobre autarquias. Finalmente, pelas 21 horas, Octávio Pato, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central falará sobre o Partido Comunista Português, a sua

indispensabilidade e o seu reforço. Quatro colóquios que, pela importância dos temas em debate, são iniciativas obrigatórias para todos quantos queiram conhecer a actividade e as propostas do PCP.